



# PUC RIO

*Autora: Ana Soares Jorge*

**Percursos e Transformações da Infância e do Brincar:**  
*Uma Incursão pelo Século XX*

Dissertação de Mestrado

Departamento de Psicologia

Rio de Janeiro, fevereiro 2002

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea  
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil  
<http://www.puc-rio.br>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC – Rio  
Departamento de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica

**Percursos e Transformações da Infância e do Brincar:  
Uma Incursão pelo Século XX**



*Ana Soares Jorge*

Rio de Janeiro, 2002

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC – Rio  
Departamento de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica - Mestrado

**Percursos e Transformações da Infância e do Brincar:  
Uma Incursão pelo Século XX**

*Autora: Ana Soares Jorge*

*Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Helena Novaes*

Dissertação submetida à banca examinadora composta pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Helena Novaes (PUC-Rio), pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Solange Jobim e Souza (PUC-Rio) e pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vera Maria Ramos de Vasconcellos (UFF) como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica.

**Rio de Janeiro, 2002**

122773

bc 1 D



*Ficha Catalográfica*

**Jorge, Ana Soares**

**Percursos e Transformações da Infância e do Brincar:  
Uma Incursão pelo Século XX.  
114 p., 2002.**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio de Janeiro.**

**Orientadora: Maria Helena Novaes.**

Por um mundo mais brincante para todos nós,  
adultos e crianças.

## *Agradecimentos*

*Aos meus pais, Nina e Carlos Alberto, e à minha irmã Julia por todo afeto, apoio e paciência durante o processo de pesquisa e escrita desta dissertação, principalmente em seu período final, no qual a correria e a ansiedade imperam pela dificuldade que temos em colocar um ponto final no trabalho (acreditando sempre que é possível acrescentar mais algumas abordagens e discussões).*

*Ao Gustavo, inicialmente pelo amor e companheirismo de sempre. E ainda por sua fundamental contribuição, recuperando e inserindo as fotos e as imagens presentes neste trabalho.*

*Aos 12 entrevistados desta pesquisa – Arinda, Aloysio, Ana, Apolônio, Ana Maria, Tomás, Eleonora, João Eudes, Ana Claudia, Igor, Luciane e Reomar – pela atenção e disponibilidade com que me receberam e pela liberdade de uso do material coletado que me permitiram ter. Um grande abraço à todos pelos encontros e narrativas que foram tão especiais.*

*Aos amigos Fabia e Daniel, que me acompanharam profundamente nesta trajetória, realizando as transcrições das entrevistas. À Fabia, em especial, pelo carinho e amizade de longa data e pelas inúmeras releituras e contribuições para esta dissertação.*

*Mais uma vez à Nina Maria Soares Jorge, minha mãe, que por ser historiadora pôde me ajudar de forma tão rica na construção do Panorama Geral do Século XX - quadro que compõe este trabalho.*

*À Helena Amaral da Fontoura, Prof<sup>a</sup> Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, pela leitura crítica e pelos importantes comentários e sugestões que foram dadas.*

*À Vera Maria Ramos de Vasconcellos, por minha iniciação no universo da pesquisa, ainda na graduação do curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, através do Estágio Supervisionado nas creches públicas do município de Niterói (convênio UFF – Fundação Municipal de Educação de Niterói). E ainda por todo o aprendizado e troca que foram possíveis nesta carinhosa relação.*

*Aos educadores da Creche Municipal Olga Benário Prestes, em Niterói, com os quais foi possível co-construir o Projeto Atividades Lúdicas e a Formação do Educador Infantil nos dois anos em que estive nesta instituição – março de 1997 a março de 1999 (viabilizado pelo Estágio Supervisionado da UFF e financiado pelo CNPq, através de uma bolsa de iniciação científica). E fundamentalmente às crianças que a freqüentavam neste período, pelos momentos de ludicidade e aprendizagem que tivemos, enchendo o meu dia de alegria.*

*À CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - que financiou esta pesquisa através de uma Bolsa de Mestrado nestes dois últimos anos.*

No aeroporto o menino perguntou:  
- E se o avião tropical num passarinho?  
O pai ficou torto e não respondeu.  
O menino perguntou de novo:  
- E se o avião tropical num passarinho triste?  
A mãe teve ternuras e pensou:  
- Será que os absurdos não são as maiores virtudes da poesia?  
Será que os despropósitos não são mais carregados  
de poesia do que o bom senso?  
Ao sair do sufoco o pai refletiu:  
Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças.  
E ficou sendo.

(Do livro *Exercícios de ser criança*,  
escrito por Manoel de Barros.  
Rio de Janeiro: Salamandra, 1999)



O principal objetivo da pesquisa foi o resgate de memórias, práticas, vivências, singulares e coletivas, buscando, a partir das fontes orais, contribuições fundamentais a respeito da infância e do brincar ao longo do século XX. Foram entrevistados 12 sujeitos de diferentes idades e famílias e de ambos os sexos, que foram crianças em três tempos históricos desse século (anos 20, anos 50 e anos 80) e que, posteriormente, tiveram seus filhos. A revisão bibliográfica baseou-se em autores da abordagem sócio-histórica como Lev Vygotsky, Mikhail Bakhtin e Walter Benjamin por valorizarem a criança como ser singular, social e ativo, produto e produtor de cultura. Adotou-se o modelo dialético na metodologia de trabalho, a partir do qual todo fenômeno é detentor de sua própria história e precisa ser estudado enquanto processo em constante transformação, qualitativa e/ou quantitativa. Através das entrevistas semi-estruturadas, gravadas e transcritas, foram destacadas certas representações e valores culturais da infância e do lúdico, influências ambientais e subjetivas, suas marcas, traços e diversos contextos. Para a análise das narrativas selecionou-se sete tópicos de discussão e dois sub-tópicos complementares relacionados com categorias retiradas do próprio roteiro de entrevistas, como também das falas dos entrevistados. Foram analisadas, sobretudo, questões que dizem respeito à relação espaço-tempo; jogos, brinquedos e brincadeiras; a infância nos dias de hoje; a presença da mídia; e lembranças da infância, registrando-se diferenças significativas nas diversas gerações, assim como versões de histórias, culturas, coletividades e espaços que permitiram a ilustração de configurações e transformações que a criança e seu brincar foram adquirindo ao longo do século XX.

## *Abstract*

The main objective of the research was the rescue of memories, practical, experiences, singulars and collective, searching, from the verbal sources, basic contributions regarding infancy and playing through the century XX. We interviewed 12 citizens of different ages and families and both sexes, that had been children in three historical times of this century (in the 20's, 50's and 80's) and that, later, had had its children. The bibliographical revision was based on authors of the partner-historical boarding as Lev Vygotsky, Mikhail Bakhtin and Walter Benjamin for valuing the child as to be singular, social and active, product and producer of culture. The dialectic model in the work methodology was adopted, from which all phenomena is detainer of its proper history and needs to be studied while process in constant transformation, qualitative and/or quantitative. Through the half-structured interviews, recorded and transcribing, certain representations and cultural values of infancy and the playful one, ambient and subjective influences, its marks, traces and diverse contexts had been detached. For the analysis of the narratives we selected seven related topics of quarrel and two complementary sub-topics with removed categories of the proper script of interviews, as also of you say them of the interviewed ones. They had been analyzed, over all, questions that say respect to the relation space-time; games, toys and tricks; infancy nowadays; the presence of the media; e souvenirs of infancy, registering itself significant differences in the diverse generations, as well as versions of histories, cultures, collectives and spaces that had allowed the illustration of configurations and transformations that the child and its to play had been acquiring to the long one of century XX.

## Sumário

Agradecimentos .....	V
Resumo .....	VII
Abstract .....	VIII
Sumário .....	IX
Introdução .....	10

### ❖ Parte I - Fundamentos Teóricos

#### Capítulo 1 - As Fitas, os Laços e os Nós: Considerações sobre Infância,

Linguagem, História e Cultura .....	17
1. Cultura e linguagem, polifonia e plasticidade .....	18
2. Caminhos e descaminhos humanos ao longo da História .....	26
- Panorama Geral do século XX .....	32
3. Tempos modernos: mercado, mídia e globalização .....	33

#### Capítulo 2 - O Sujeito e o Brincar: Desenvolvimento, Singularidades

e Subjetividades .....	41
------------------------	----

### ❖ Parte II - Investigação de Campo

#### Capítulo 1 - Caminhos Metodológicos ..... 51 |

#### Capítulo 2 - Lembranças, Histórias e Vivências ..... 54 |

1. Os espaços de onde eu vim... ..	55
2. Quando eu era criança - liberdades e limites .....	67
3. Jogos, brinquedos e brincadeiras .....	72
4. Ser criança nos dias de hoje: configurações e transformações .....	79
5. Educando nossos filhos: a família em foco .....	84
6. Contextos familiares: personagens e vivências marcantes .....	91
7. O cinema, o rádio e a televisão: múltiplas vozes e imagens .....	97

Discussão e Considerações finais .....	99
--	----

Referências Bibliográficas .....	106
----------------------------------	-----

Anexos .....	110
--------------	-----

## INTRODUÇÃO

### PARA UM INÍCIO DE CONVERSA...

*(...) resgatar a história de vida dos homens significa não só reconstituir-lhes enquanto sujeitos, mas reconstituir também sua cultura, seu tempo, sua história, re-inventando a dialogicidade, a palavra, a memória, na tensão do particular e da totalidade*  
(Fazolo, 1997: p. 202).

Encontramo-nos no início de um novo milênio e podemos perceber inúmeras transformações de valores, modelos e práticas de vida desde o início do século XX. Novas formas de ser, de educar, de se relacionar foram sendo constituídas e/ou modificadas ao longo dos anos e configuraram-se múltiplos olhares acerca dos universos familiares, infantis e lúdicos.

Ao analisarmos a família atual, notamos que gradativamente os núcleos familiares mais tradicionais – aqueles tidos ainda por grande parte da população como modelos universais e protagonizados por pai, mãe e filhos - vêm dando lugar a novos modelos de casamento, educação e convivência entre pais e filhos. Esta transição viabilizou-se com mais força e suporte no Brasil a partir dos anos 60/70, com o advento da pílula anticoncepcional, o movimento feminista, a inserção mais ampla e efetiva da mulher no mercado de trabalho, a promulgação da lei do divórcio, dentre outros. Tal formação, no entanto, não implica na dicotomia entre família nuclear e família ‘desestruturada’, ou na superioridade de uma em relação à outra, afirma sim a existência atual das diferentes formas de ser uma família e de se educar crianças.

O próprio ritmo acelerado da vida contemporânea implica em uma modificação das práticas e relações entre pais e filhos. O tempo vivido é esquadrihado e dividido nas agendas diárias dos adultos e das crianças, sendo preenchido com tarefas e atividades que têm aumentado progressivamente nas últimas décadas, o que tem resultado na diminuição das interações e trocas qualitativas entre os sujeitos. Com relação a este ponto, Walter Benjamin (1987) nos destaca com precisão:

*A liberdade do diálogo está se perdendo. Se antes, entre seres humanos em diálogo, a consideração pelo parceiro era natural, ela é agora substituída pela pergunta sobre o preço de seus sapatos ou de seu guarda-chuva. Fatalmente impõe-se, em toda conversação em sociedades, o tema das condições de vida, do dinheiro. (...) É como se se estivesse aprisionado em um teatro e se fosse obrigado a seguir a peça que está no palco, queira-se ou não, obrigado a fazer dela sempre de novo, queira-se ou não, objeto do pensamento e da fala. (p. 23).*

Mundo contemporâneo que, a partir das inúmeras transformações pelas quais as sociedades, os espaços, a noção de tempo e os momentos histórico-culturais foram passando, não representa apenas um impacto na vida dos adultos. A criança moderna vive em um mundo bastante diferente do início do século XX e esse fato todos nós já percebemos. É visível, constatável. Mas o que será que isso realmente representa em termos de transformações de práticas, olhares, valores e experiências de vida? Essa é a questão que permeia todo o nosso trabalho e que, aos poucos, vai sendo elucidada em seu desenvolvimento.

Observando a realidade atual, perceberemos ainda diferenças substanciais entre o brincar de hoje e o de antes. As ruas, calçadas, terrenos baldios e praças foram, principalmente nos centros urbanos, deixando de ser ocupadas pelas crianças que costumavam se divertir nesses espaços públicos, empinando suas pipas, jogando bola de gude, pulando elástico ou amarelinha, soltando pião, jogando peteca, rodando pneus... Diversos fatores, tais como: a segurança, o avanço tecnológico, o crescimento demográfico, dentre outros, concorreram para que essas *brincadeiras de rua* fossem paulatinamente restringindo-se aos espaços privados das casas, aos pátios dos edifícios ou aos espaços delimitados dos condomínios fechados, ou ainda sendo substituídas por videogames, televisões, vídeos e computadores.

Percebemos assim, a relevância do estudo e análise de tais transformações, uma vez que nos trazem a possibilidade de investigar mais a fundo os contornos de representações da infância e do lúdico ao longo do século XX, destacando mudanças, rupturas e constituições de modelos e valores. A atualidade de tal discussão é clara e seu recorte temático visa contribuir não apenas para a academia, somando-se aos trabalhos existentes na área e colaborando com os que virão futuramente. Busca também servir de instrumento que possibilite à sociedade uma maior reflexão e análise do momento histórico em que vivemos, articulando as noções de passado, presente e futuro.

A nossa pretensão não é dar conta da *história da infância* como um todo em nosso século. Visamos realizar uma incursão sobre a história de algumas memórias e de certas práticas sociais envolvidas no percurso de vida de adultos e crianças, pais e filhos. A partir desta incursão buscamos registrar vozes, traçar percursos e identificar algumas transformações pelas quais a infância e o universo lúdico passaram ao longo do século XX. Com o suporte de relatos orais obtidos através de entrevistas semi-estruturadas, gravadas e transcritas, e de uma revisão bibliográfica voltada para nossa temática, analisamos certas representações e valores culturais da infância e do lúdico no período estipulado, suas configurações e contextos, buscando investigar de que maneira essas instâncias<sup>1</sup> que atravessam os sujeitos contribuem para a produção de sua subjetividade.

Algumas importantes questões permearam nosso caminho. São elas, dentre outras: O que significava ser criança quando os entrevistados eram crianças? Quais as mudanças ocorridas e que novas formas e olhares delinearam-se sobre a *Infância* e sobre o *Lúdico*? Que práticas sociais estão envolvidas com o universo lúdico? Como elas contribuem para os processos de subjetivação dos sujeitos? O momento do brincar ganhou mais terreno com o passar dos anos? Que jogos e brincadeiras existiam e quais os que se extinguíram? Como as crianças dos anos 20 educaram seus filhos futuramente? E as dos anos 50? E as dos anos 80? As práticas educacionais utilizadas pelos pais repetiram-se quando os filhos educados por eles tornaram-se pais no futuro?

Pretendemos colher, analisar e articular lembranças, experiências, narrativas, mundos. Memórias singulares e coletivas. Bosi (1994) destaca, como Goethe já observava em *Verdade e Poesia*, que “Quando queremos lembrar o que aconteceu nos primeiros tempos da infância, confundimos muitas vezes o que se ouviu dizer aos outros com as próprias lembranças...”. Daí o caráter não só singular e pessoal, mas também familiar, grupal, social da memória. Dirigindo-se à Bosi, Chauí (1994) posiciona-se:

*Descrevendo a substância social da memória – a matéria lembrada – você nos mostra que o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique<sup>2</sup>. O tempo da memória é o social, não só porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar (p.31).*

<sup>1</sup> Aqui chamamos de instâncias as práticas, os valores e os contextos sócio-culturais.

<sup>2</sup> Grifos nossos.

Para pensar a infância e o lúdico no período demarcado em nosso trabalho, priorizamos a noção da linguagem enquanto espaço privilegiado para uma compreensão do ser humano como um ser histórico, cultural e social. Acreditamos que é *na* linguagem e *através* dela que o homem constitui a cultura e a si próprio. Dessa forma, as reflexões e considerações propostas neste trabalho acerca da criança e suas práticas, do brincar, do social não serão, de forma alguma, abordadas independentemente da linguagem. Procuramos, pelo contrário, possibilitar ao leitor pequenos mergulhos em nossa companhia nos belos e sedutores universos da linguagem, da cultura, da história, das lembranças e dos relatos de vida.

Mas será que os relatos de experiências e vivências pessoais não comprometeriam a veracidade dos testemunhos a respeito dos acontecimentos históricos e sociais e, com isso, o desenvolvimento desta dissertação? Bem, sob a nossa perspectiva a resposta é não. Em primeiro lugar, com relação ao relato pessoal, convidamos Mikhail Bakhtin para nos elucidar alguns pontos sobre a questão da autoria do discurso: *a palavra não pertence unicamente ao falante. Melhor dizendo, não há dúvidas de que quem fala tem os seus direitos em relação à palavra, mas quem ouve também se faz presente, de alguma forma, nessa produção, assim como todas as outras vozes que antecederam esta narrativa atravessam as palavras do falante. Por isso o caráter polifônico dos discursos. É possível percebermos que de acordo com a época, com a cultura e com os grupos sociais, as formas discursivas variam consideravelmente, funcionando como um espelho que reflete e refrata o prisma social e espacial, e a partir das quais valores, ideais, princípios e práticas são apresentados, introjetados, defendidos ou confrontados.*

Em segundo lugar, destacamos nosso entendimento a respeito da veracidade dos fatos, da verdade. Uma palavra pode atingir inúmeros sentidos, contidos entre os campos do verbal e do não verbal. Um mesmo fato, assim como a palavra, pode ter apreensões e interpretações variadas, dependendo da bagagem pessoal de quem o analisa e do momento histórico e cultural no qual ele vive. Não há uma única verdade dos fatos, não existe essa universalidade. As verdades são parciais, singulares (de um sujeito ou um grupo social) e correspondentes a um tempo, uma cultura e uma história específicas.

A dimensão histórica faz-se presente substancialmente, uma vez que não há sujeito sem história, como também não existe uma história que não seja construída e constituída pelos sujeitos. Histórias tecidas a partir de vivências e convivências, nos encontros e fazeres cotidianos

e coletivos, histórias públicas e privadas, reprodutoras ou inovadoras, de gente grande e gente pequena, de jogos, brinquedos e brincadeiras ao longo do século XX.

A presente dissertação tem como perspectiva pensar a criança enquanto sujeito *na e da* história, em um permanente processo no qual infância e história interagem, assim como linguagem e cultura, articulando-se e transformando-se. Com relação ao processo de desenvolvimento infantil, seguimos a proposição de Lev Vygotsky (1989a) quando ele nos destaca que desde os seus primeiros instantes, as ações da criança adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social, e que tal processo, em permanente transformação, ocorre de maneira singular em cada um dos seres humanos. O caminho da criança até os objetos e destes até ela, é mediado inicialmente por um outro social. Essa complexa estrutura humana é produto de um contínuo processo de desenvolvimento que, por sua vez, encontra-se atravessado permanentemente pelas vinculações e articulações entre história pessoal e história social. Temos como proposta o distanciamento de perspectivas que compreendem a infância enquanto um simples estado de passagem, desqualificado e imperfeito. Estamos assim, de total acordo com a análise realizada por Jobim e Souza (1997a) ao nos colocar que:

*O que se evidencia com freqüência é que a criança, jamais vista por inteiro, como membro de uma classe social situada histórica, social e culturalmente, é seccionada em infinitos comportamentos e/ou habilidades. Esses comportamentos, mesmo sendo reunidos posteriormente por meio de uma articulação teórica abstrata, não conseguem resgatar o lugar social da criança como um ser que interage com a história do seu tempo, modificando-a ao mesmo tempo em que é modificada por ela (p.45).*

Pensar a infância enquanto momento repleto de especificidades, transformações, experimentações, construções, desconstruções e desenvolvimento nos parece bem mais interessante e potencializador. Nossa proposta está fundamentada em um conjunto de pressupostos teóricos, em especial em autores sócio-históricos, como Vygotsky, Bakhtin e Benjamin, por nos proporcionarem uma abordagem que valoriza a criança enquanto ser singular, que precisa ser vista enquanto sujeito social ativo, produto e produtor de cultura, práticas, contextos e histórias. Como também por adotarem o modelo dialético enquanto metodologia de trabalho, a partir do qual todo fenômeno é detentor de sua própria história e deve ser estudado enquanto processo em movimento e em constante transformação, qualitativa e/ou quantitativa.



Compreendemos a história enquanto múltipla, plástica, repleta de agenciamentos, atravessamentos, misturas, encontros, desencontros, tensões e construções. Esse olhar nos permite desconstruir a idéia de linearidade da história e de que as questões atuais são naturais e/ou atemporais. Benjamin pode ser citado como um autor que bem ilustra a noção de história, de linguagem e de tempo da qual partilhamos. Em algumas de suas obras, ele enfatiza que a história não segue uma linha reta, caminhando apenas em uma direção ou de uma única forma. A história, pois, é lugar de um *tempo saturado de agoras*, marcada por *rupturas que apontam sempre para a possibilidade de tudo ser diferente do que efetivamente é*. Com relação ao passado, o autor nos aponta para a necessidade de pensarmos este enquanto um *locus* pleno de possibilidades de futuro, sendo decisiva a sua significação no encaminhamento de nossa história.

A escolha dos autores utilizados em nossa fundamentação teórica deveu-se às suas análises e discussões diversas a respeito da infância, do brincar, da linguagem, da história, do social e da cultura. Convidamos ao leitor a nos acompanhar nessa caminhada, na qual estaremos nos posicionando, articulando nossos olhares e dialogando permanentemente com os autores acima citados e com outros, que também nos proporcionaram esclarecimentos, aprendizados e a ampliação de nosso debate.

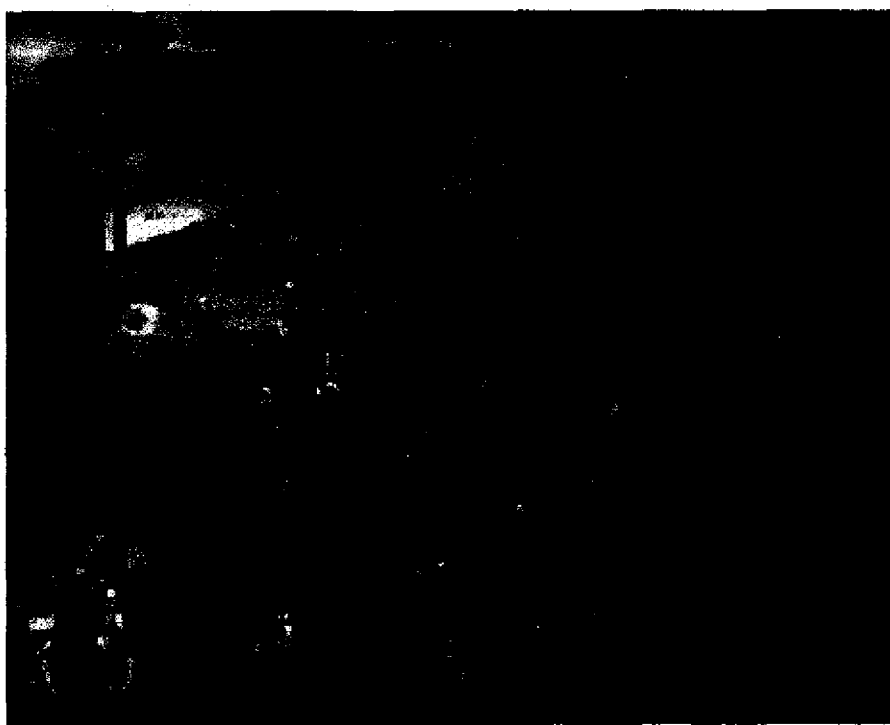
- Parte I -

## Fundamentos Teóricos

## CAPÍTULO I

## AS FITAS, OS LAÇOS E OS NÓS:

*Considerações sobre Infância, Linguagem, História e Cultura.*



Pieter Bruegel – Jogos Infantis (1560).

## 1. Cultura e linguagem, polifonia e plasticidade.

*"A cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo".<sup>3</sup>*

A discussão sobre cultura e linguagem é interminável, pois uma percepção exata desses conceitos representa a compreensão da própria "natureza" dos homens, eterna temática da reflexão humana. Daremos aqui um pequeno mergulho neste universo repleto de riquezas, diversidades e plasticidade, discutindo algumas questões que consideramos relevantes para esta dissertação.

Cada cultura segue seus próprios caminhos a partir dos diversos eventos históricos pelos quais passou. A explicação evolucionista da cultura só tem sentido quando ela é feita em termos de uma perspectiva polifônica e multilinear. Em seu livro *Cultura – Um conceito antropológico*, Laraia (1997) esclarece que para os adeptos e seguidores desta explicação no século XIX, a evolução desenvolvia-se através de uma única linha: ela teria raízes em uma unidade psíquica através da qual todos os grupos humanos teriam o mesmo potencial de desenvolvimento, embora alguns pudessem estar mais adiantados do que outros. Esta *abordagem unilinear* considerava que cada sociedade seguiria a sua trajetória histórica através de três grandes estágios: a selvageria, o barbarismo e a civilização. Opondo-se a este enfoque, a partir da rica contribuição do antropólogo Franz Boas (1858–1949), surge a concepção de que cada grupo humano desenvolve-se através de um percurso que lhe é próprio, que não pode ser simplificado na estrutura tríplice dos estágios, descrita anteriormente. Esta possibilidade de entender o desenvolvimento humano enquanto múltiplo, constitui o objeto da *abordagem multilinear*.

Acreditamos que nossa herança genética não é determinante de nossas ações e pensamentos, pois nossos atos dependem fundamentalmente de um processo de aprendizado cultural, das trocas sociais que faremos ao longo de nossas vidas. Laraia, citando Kroeber (1949), nos destaca um exemplo bastante elucidativo a respeito da diferenciação entre os homens (que se desenvolvem de acordo com sua cultura) e os animais (que se desenvolvem de acordo com sua raça, sua carga genética e seus instintos):

---

<sup>3</sup> Ruth Benedict em seu livro *O crisântemo e a espada*, 1972, apud Laraia, 1997.

*Um cachorrinho recém-nascido é criado com uma ninhada de gatinhos por uma gata. Contrariamente às anedotas familiares e aos tópicos de jornais, o cachorrinho latirá e rosará, não miará. Ele nem mesmo experimentará miar. A primeira vez que se lhe pisar na pata ele ganirá e não guinchará, tão certo como, quando ficar enfurecido morderá, como o faria sua mãe desconhecida, e nunca procurará arranhar, tal como viu a mãe adotiva fazer. (...) Agora tomemos um bebê francês, nascido na França, de pais franceses, descendentes estes, através de numerosas gerações, de ancestrais que falavam francês. Confiemos esse bebê, imediatamente depois de nascer, a uma pajem muda, com instruções para que não permita que ninguém fale com a criança ou mesmo a veja durante a viagem que a levará pelo caminho mais direto ao interior da China. Lá chegando, ela entrega o bebê a um casal de chineses que o adotam como eu próprio filho. Suponhamos agora que se passem três, dez ou trinta anos. Será necessário debater sobre que língua falará o jovem ou o adulto francês? Nem uma só palavra de francês, mas o puro chinês, sem um vestígio de sotaque e com a fluência chinesa, e nada mais. (Laraia, 1997: p. 44 e 45).*

Tudo o que fazemos, aprendemos com nossos pares. Nenhuma de nossas ações decorre de imposições originadas fora da cultura. Somos, substancialmente, resultado do meio em que fomos socializados, do entrelaçamento de nossa história singular com a história coletiva e social. Sendo assim, é possível pensar que o encaminhamento adequado e criativo desse patrimônio cultural permite as criações e as invenções. Estas não são unicamente o produto da ação isolada de um gênio, mas também respostas ao esforço de toda uma coletividade. Não basta a natureza criar pessoas altamente inteligentes, é necessário, porém, que coloque ao alcance de todos os sujeitos o material que os permita exercer a sua criatividade de uma maneira revolucionária, rompendo barreiras e inovando as culturas.

Em cada grupo cultural e social, por menor que ele seja e apesar das inúmeras semelhanças compartilhadas, existem ainda infinitas possibilidades de seus integrantes compreenderem e se posicionarem no mundo, na vida. A idéia do uso de diversas lentes para pensar, analisar e refletir a respeito de todo o nosso em torno é evocada neste contexto. Ilustrando melhor esta idéia, é como se todos nós utilizássemos 'óculos' para enxergar e entender o mundo e suas sinuosidades. Essas lentes à frente de nossos olhos seriam singulares, específicas para cada um de nós, proporcionando uma quantidade sem fim de olhares e possibilidades. Cada cultura possibilita a construção de múltiplos olhares e conceituações sobre o que nos cerca, variando de uma cultura para outra, e podendo também variar dentro de um mesmo universo cultural.

Vasconcellos e Valsiner (1995) nos trazem uma interessante postura frente aos diversos tipos de transmissão cultural: o modelo bidirecional. Concordamos com esta perspectiva, uma

vez que assume uma postura dialógica e compreende mais dinamicamente as relações intersubjetivas. Ela nos propõe que:

*todos os outros sociais, presentes no convívio diário do sujeito, participam do processo de transmissão cultural; e que todo participante de um processo de transmissão cultural é um participante ativo, o que o torna um modificador ativo da cultura. (...) Nesta perspectiva, aprendizagem não existe independente do aprendiz ou do educador e o sentido da construção do conhecimento é dado na construção dialógica dos participantes envolvidos. (p. 21).*

A nossa herança cultural desenvolvida através das gerações, nos condicionou muitas vezes a reagir de uma maneira depreciativa com relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria do grupo ou comunidade a que pertencemos. Por isso, tantas vezes discriminamos comportamentos tidos como “desviantes”. Aqueles que não se enquadram, que não concordam ou aceitam os valores e os modelos da comunidade são, em sua grande maioria, rechaçados e postos à margem do grupo. O que deveria ser sempre resgatado é o debate a respeito da relatividade dos padrões e normas de cada grupo, de cada sociedade.

Formas de ser, agir, estar no mundo são criadas e/ou assimiladas a partir da interação do sujeito com seus pares, de um processo de socialização e apreensão dos códigos culturais. Cabe aqui a seguinte consideração: os conceitos de normal e anormal foram naturalizados enquanto critérios de diferenciação entre os seres humanos.

Dentro deste enquadre, uma abordagem da noção de etnocentrismo faz-se possível. O fato do homem olhar o mundo através das lentes de sua cultura tem como consequência a tendência de considerar o seu modo de vida como mais correto e mais natural do que o dos outros. Podemos chamar esta postura de *etnocêntrica*, responsável por inúmeros conflitos sociais, existindo no mundo inteiro. É comum a crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única forma de expressão. Contudo, qualquer que seja a sociedade, não existe a possibilidade de um de seus membros ter acesso ou dominar todos os aspectos de sua cultura. Melhor dizendo, um homem não consegue se familiarizar igualmente com todos os aspectos culturais de sua sociedade. Ao contrário, ele pode permanecer completamente ignorante a respeito de alguns aspectos. O fundamental não é o domínio de tudo, mas sim que exista o

*mínimo de participação do sujeito na pauta de conhecimento da sua cultura permitindo então a sua articulação com os demais membros do grupo*<sup>4</sup>.

Cada sistema cultural está sempre em processo de mudança. É importante entender esta dinâmica para diminuir os choques entre as gerações e evitar ainda comportamentos etnocêntricos e preconceituosos. Da mesma maneira que é indispensável para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas distintas, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro de um mesmo sistema. Este procedimento, de acordo com Laraia, é o único que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do *porvir*.

As mudanças culturais, diz-nos o autor, podem ser de dois tipos: a interna - que advém da dinâmica do próprio sistema cultural - e a que resulta do contato de um sistema cultural com outro. São essas aparentes pequenas modificações que cavam o fosso entre as gerações, fazendo com que os pais não se reconheçam nos filhos e estes se surpreendam com a “carece” de seus progenitores, alheios a uma reflexão que os permita perceber que a cultura está sempre se modificando. Muitas vezes, esse fosso se torna intransponível por causa da postura intransigente que inúmeros sujeitos, pais ou filhos, adotam em suas vidas. Com isso, o afastamento e a ausência do diálogo entre os sujeitos tornam-se cristalizados. E sabemos que quando a fala silencia, quando a interação é desconsiderada ou mesmo os olhares deixam de se cruzar, os muros entre as pessoas se fortalecem, firmando o propósito pelo qual foram erguidos: elas deixam de compartilhar umas com as outras. Uma já não toca mais a outra, nem toca mais na outra. Escapar ou sair dessa situação só se faz possível frente à retomada do diálogo e à valorização da troca: sabendo que muito se tem para ensinar, tendo ainda, no entanto, muito mais a aprender e a experimentar *com* o outro.

O tempo constitui um elemento primordial na análise da linguagem e da cultura. Enquanto ele vai passando, transformações vão ocorrendo nos costumes, nas normas de comportamento e convivência, nos diálogos, nos possíveis modos de se estar no mundo e de compreendê-lo. No entanto, nenhuma mudança, por menor que ela seja, ocorre ao acaso. Em sua maioria elas representam o desenlace de numerosos embates, porque em cada momento da história, as sociedades humanas são palco de batalhas entre as tendências inovadoras e as

---

<sup>4</sup> Laraia: 1997; p.84.

conservadoras, ou seja, entre a busca da substituição de regras e hábitos já cristalizados por outras possibilidades e procedimentos, e as forças que as querem manter inalteradas, presas a uma tradição cultural monológica.

Neste sentido, reiteramos a noção de que o modo de ver o mundo, os valores, os princípios e os diferentes comportamentos sociais são produtos do funcionamento de uma determinada cultura. É possível perceber ao longo de sua obra, que as preocupações de Vygotsky estavam bastante voltadas para as conseqüências da ação humana na medida em que esta transforma tanto a natureza como a sociedade. Ele acredita que, embora o trabalho das pessoas, no sentido de melhorar o seu mundo, esteja atrelado às condições materiais de sua época, ele é essencialmente afetado pela capacidade humana de aprender com o passado, imaginar e planejar o futuro.

A comunicação humana é um processo cultural. No processo de individualização gradual pelo qual o sujeito passa em seu desenvolvimento (do social para o individual), as relações sociais e a linguagem representam alicerces fundamentais. É importante lembrar que este duplo processo de formação e desenvolvimento pelo qual nós humanos passamos - individualização e socialização - é profundamente dialético e complementar: o sujeito se torna cada vez mais singularizado quanto mais se percebe enquanto ser social.

No presente trabalho, a linguagem é entendida enquanto um processo pessoal e, ao mesmo tempo, profundamente social. Acreditamos nela enquanto uma prática social concreta constitutiva do pensamento humano e do próprio sujeito. Vygotsky (1989b) nos destaca que a principal função da fala é a troca social, tanto na criança quanto nos adultos. Sendo assim, a fala mais primitiva da criança é fundamentalmente social. No início, ela se dá de uma forma mais global e multifuncional, e, mais tarde, suas funções tornam-se diferenciadas. O momento mais significativo, para o autor, no curso do desenvolvimento intelectual, acontece quando a fala e a atividade prática, até então dois eixos totalmente independentes de desenvolvimento convergem e se entrecruzam.

O pensamento e a fala não são ligados por um elo primário. Ao longo da evolução de cada um desses processos inicia-se uma conexão entre eles, que depois se modifica e se desenvolve. Entretanto, em seu livro *Pensamento e Linguagem*, Vygotsky afirma que seria errado considerá-los como dois processos independentes, paralelos, que se cruzam em determinados momentos e



influenciam mecanicamente um ao outro. A relação entre eles não é algo preexistente e consolidado, mas sim um processo dinâmico, plástico, que surge ao longo do processo de desenvolvimento humano e também se transforma. O pensamento nasce através das palavras. *Uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso por palavras permanece uma sombra* (p.131). Pensamento e linguagem, desde muito cedo no processo de desenvolvimento humano, interferem um no outro, se complementam e se modificam.

Esta relação não pode ser compreendida em toda a sua complexidade sem um entendimento da dimensão da fala interior<sup>5</sup>, que pode ser entendida enquanto uma formação específica, com suas próprias regras: é a fala para si mesmo, enquanto que a fala exterior é para os outros, para o coletivo. A fala exterior é a tradução e materialização do pensamento em palavras. Com a fala interior este processo ocorre de maneira inversa: a fala interioriza-se em pensamento. Em uma conversa, é possível que os interlocutores já possuam um conhecimento prévio de determinados aspectos abordados, estabelecendo assim uma percepção mútua, e levando à compreensão da fala abreviada. Pode-se dizer que a *predicação* é a forma natural da fala interior: o assunto é presumido, ou seja, sabemos o que estamos pensando, sempre conhecemos o sujeito e a situação em questão. De acordo com Vygotsky, na fala interior a percepção mútua está sempre presente. Com isso, a ocorrência de uma “comunicação” praticamente sem palavras é regra, até mesmo no caso dos pensamentos mais complexos.

A entoação numa conversa também auxilia bastante na compreensão sutilmente diferenciada do significado de uma palavra. Uma pausa na fala, uma simples palavra, um mero gesto, podem expressar tantas coisas... São carregadas de uma força que só a partir da entoação e do presumido somos capazes de compreender o que representam. A palavra pela palavra, o ato

---

<sup>5</sup> Em um certo momento da vida da criança, sua fala social se divide em egocêntrica e comunicativa. Ambas são essencialmente sociais, embora suas funções sejam diferentes. A fala egocêntrica emerge quando a criança transfere formas sociais e cooperativas de comportamento para a esfera das funções psíquicas interiores e pessoais. Ela é um fenômeno de transição da atividade social e coletiva da criança para a sua atividade mais individualizada. Possui ainda uma função semelhante à da fala interior: não se limita a acompanhar a atividade da criança; está a serviço da orientação mental, da compreensão consciente; ajuda a superar dificuldades; é uma fala íntima e convenientemente relacionada com o pensamento da criança. Para Vygotsky, a fala egocêntrica desenvolve-se ao longo de uma curva ascendente, e não descendente como foi descrito por Piaget; segue uma evolução e não uma involução. Ao final, transforma-se em fala interior. Tanto subjetiva quanto objetivamente, a fala egocêntrica representa uma transição da fala para os outros à fala para si mesmo. A fala interior não pode ser vista como uma fala sem som, mas como uma função de fala totalmente independente. Seu principal traço distintivo é a sua sintaxe especial, uma vez que comparada com a fala exterior, ela parece desconexa e incompleta. (Vygotsky: 1989a).

pelo ato, presos a um único sentido, a uma única possibilidade, tornam-se pobres, opacos, sem vida. Uma palavra pode nos trazer alegria, esperança, assim como uma outra pode também nos abalar substancialmente, nos pôr em dúvida, nos tirar o tapete... Da mesma forma, os depoimentos ou relatos pessoais a respeito das lembranças e da história do sujeito podem proporcionar-lhe sorrisos e/ou lágrimas. Para muitos, falar da própria vida e narrar suas vivências e experiências significa mexer num baú de memórias fechado há muito tempo.

Lembrar é significar. Os significados das palavras se transformam à medida que o ser humano se desenvolve; assim como de acordo com as várias formas pelas quais o pensamento funciona. O sentido de uma palavra é dado singularmente por cada um de nós e representa a soma de todos os eventos psicológicos que tal palavra desperta em nossa consciência. É um todo complexo, fluido e dinâmico.

Uma fala adquire grande parte do seu sentido no contexto em que surge; em contextos diferentes e de acordo com a vivência dos sujeitos envolvidos, tem o seu sentido alterado. Daí a dimensão dialógica da linguagem e dos sentidos: dependendo da educação recebida, das experiências pessoais, das relações sociais que constituem os homens, uma mesma palavra pode ter inúmeros sentidos e representações. Neste ponto, nos remetemos mais uma vez à perspectiva bidirecional de transmissão cultural, destacando que

*todo processo de transmissão cultural envolve, incondicionalmente, mudanças no sujeito (receptor), na mensagem (informação cultural) e no transmissor (agente cultural). Toda mensagem carrega com ela um pouco das características de quem a passou e será recebida de acordo com as características do receptor. (...) Não existe uma mensagem pura, ela será sempre de acordo com seu transmissor e receptor. (Vasconcellos: 1995; p.21).*

O dito e o não-dito, o verbal e o extraverbal se complementam, se contradizem e se atravessam. Muitas vezes, acreditamos que sabemos, em nossa singularidade, individualidade e multiplicidade, o que aquela fala ou gesto nos disse ou nos fez sentir. No entanto, ao tentarmos descrevê-la(o) em palavras, algo se perde e a descrição nunca dá conta por completo de tudo o que foi ouvido, sentido, vivido. A palavra pode ser tanto aprisionadora quanto libertadora.

O silêncio também nos diz muito. Atualmente, falta tempo e disposição para o diálogo, para a troca com o outro. A conversa é muitas vezes adiada ou negada e percebemos, em muitos ambientes familiares, o silêncio institucionalizado. Uma interlocução qualitativa entre pais e filhos fica comprometida, buscando inutilmente substituições ou compensações através de bens materiais ou uma agenda repleta de atividades extra-classe e extra-casa. O *fora* passa a ser a referência para muitas crianças, uma vez que em casa, apesar da presença, em certos momentos, de todos os componentes da família, estão todos sós: isolados em seus laptops, tvs e videogames.

## 2. Caminhos e descaminhos humanos ao longo da História.

*A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (Le Goff: 1996; p. 477)*

O sentido da história é dado permanentemente pela ação dos homens e não pode ser pensado como instituído anteriormente a essas ações. O que define a historicidade de um ato ou acontecimento não se resume às intenções de quem o fez, envolvendo também a maneira com que os grupos sociais lidam com ele, as reações, os encaminhamentos e as providências tomadas a seu respeito. O ser humano é sempre capaz de surpreender, de subverter a ordem institucionalizada e intervir nos percursos da história de seu tempo. Assim, a possibilidade de uma previsão precisa de um futuro porvir torna-se impossível, uma vez que o amanhã pode sempre nos trazer novidades e acontecimentos imprevistos.

A cultura histórica não depende apenas das relações entre memória e história, presente e passado. De acordo com Le Goff (1996), a história é a ciência do tempo. Sua matéria fundamental é o tempo. Tempo histórico e tempo vivido se entrecruzam, articulando fatos e memórias, atravessando a história e alimentando-a. Esta última existe em ritmos diversos: o tempo acelerado dos eventos e o tempo de "longa duração" - das realidades que mudam vagarosamente (geografia, cultura material, mentalidades: em linhas gerais, as estruturas). O autor segue apontando para a seguinte questão: as estruturas, os fatos ou eventos estudados são repletos de mobilidade e mudanças. Toda história é bem contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, aos seus interesses. Já que a história é duração, o passado é ao mesmo tempo passado e presente. Os tempos se completam, se atravessam, se contrapõem, se reproduzem... Na verdade, o passado é uma construção constante da história e parte fundamental para o seu desenvolvimento.

Para uma reflexão mais interessante acerca da infância e seu brincar nos dias de hoje, nos parece importante retomar um pouco a sua história e os diversos olhares e práticas que a cercaram ao longo dos tempos... Sendo assim, nos remetemos inicialmente a Philippe Ariès (1981) em sua obra *História Social da Criança e da Família*. Neste livro, ele nos destaca que na

sociedade européia, por volta de 1600, não havia separações entre brinquedos e brincadeiras “femininas” e “masculinas”, nem sequer entre o brincar de crianças e adultos – não havia dicotomia entre esses dois últimos universos. As crianças participavam cotidianamente do mundo adulto e o resultado desta interação e mistura era o aprofundamento dos conhecimentos profissionais e o enriquecimento das experiências de vida.

O conceito de infância enquanto um momento de vida distinto do adulto, que requer um tratamento e um olhar especial, como temos nos dias de hoje, ainda não havia se desenvolvido na Idade Média. Crianças de ambos os sexos usavam os mesmos trajes, os mesmos vestidos, e brincavam com os mesmos jogos e brinquedos dos adultos (a partir dos três ou quatro anos). Estes, por sua vez, participavam de brincadeiras e jogos que, nos dias de hoje, reservamos estritamente ao universo infantil. Ariès aponta-nos ainda a existência de uma relação estrita entre a cerimônia religiosa e a brincadeira que compunha seu rito essencial. O brincar era um fenômeno social do qual todos participavam e que só mais tarde perde seus vínculos coletivos, comunitários, e seu simbolismo religioso.

Um aspecto fundamental a ser salientado é a trajetória histórica do processo de ‘pedagogização do conhecimento’ e da nova concepção de infância que foi delineando-se a partir do Renascimento. A construção desse novo olhar sobre os pequenos produziu, gradativamente, uma separação entre o universo adulto e o infantil, surgindo a necessidade da implantação de novas formas e estratégias educacionais. Nesse momento, emergem novas instituições e estabelecimentos próprios (voltados mais para o controle do que para o ensino propriamente dito) que se apropriam de antigas práticas voltadas à infância e, principalmente, produzem outras, tornando-se assim detentoras do saber e do poder frente ao mundo das crianças. Assim como as crianças, o lúdico foi afastado do universo adulto transformando-se então em ferramenta educacional. Friedmann (1998) afirma que os processos sociais e civilizatórios de produção que deram forma à sociedade industrial moderna e à ordem social burguesa constituíram a infância e brincadeira contemporânea. A autora destaca ainda que nesse processo

*dois fatores tiveram, sobretudo, um papel importante: a) a segregação das crianças em um grupo separado da vida dos adultos; b) a institucionalização das crianças e a utilização da atividade lúdica como um instrumento. A segregação das crianças transformou suas relações e afetou a institucionalização do desenvolvimento e da educação. Junto com as crianças, também a atividade lúdica foi segregada para transformar-se no trabalho infantil (p.29).*

Na Idade Média, o trabalho não ocupava tanto tempo na vida dos homens e o peso dado a ele era distinto do existente nos dias de hoje. A diversão era uma das principais formas de estreitamento dos laços coletivos. Ao longo dos séculos XVII e XVIII, estabeleceu-se um compromisso que anunciava a atitude moderna com relação aos jogos, essencialmente diferente da atitude antiga. Tal compromisso é testemunho de uma nova representação e relação com a infância que, posteriormente, também se fará presente no Brasil, e que se constitui numa preocupação de preservar a moralidade e educar, proibindo os jogos classificados como "maus" e recomendando os reconhecidos como "bons". Nesse período, o racionalismo cartesiano e o empirismo constituem-se enquanto as principais abordagens filosóficas e metodológicas a respeito do homem e do mundo. O modelo vigente é o dualista - mente/corpo - e a necessidade de se produzir conhecimentos tidos como verdadeiros e universais amplia-se cada vez mais.

No Brasil colonial, assim como na Europa pré-renascentista, as crianças possuíam uma circulação e uma participação mais livre nos assuntos e ambientes familiares, como também nos espaços externos a casa: as ruas das cidades. A família colonial pode ser representada por uma pirâmide cujo topo é ocupado pela figura masculina: pai-marido-provedor. Segundo Costa (1999), o convívio familiar não privilegiava a escuta, a atenção e a realização de desejos particulares de seus membros, uma vez que a estabilidade familiar dependia dessa indiferenciação. O único interesse que importava era o do grupo e da propriedade, representados sempre pelo pai. As mulheres viviam num certo isolamento doméstico tendo pouca circulação pelas ruas se comparado às muitas e constantes andanças masculinas.

O sentido de intimidade familiar e a sua preservação tal como compreendemos atualmente, ainda era inexistente e começa a ser constituída pelos médicos, religiosos e pedagogos que formavam o Movimento Higienista no Brasil. Este movimento é concebido e posto em prática na segunda metade do século XIX e início do XX, com uma grande preocupação em relação a essa infância, principalmente com a alta mortalidade infantil. Afirmava que as crianças eram relegadas pela família e que esta, enquanto negligente e indiferente, não dispensava muitos cuidados às mesmas, delegando sua criação, amamentação e atenção às amas de leite e escravas<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Muitos estudiosos encaram, ainda hoje, a família desta época enquanto tendo sido omissa e indiferente para com os pequenos. Não podemos nos esquecer que julgar esses pais com os olhos e concepções dos dias de hoje, significa

O Higienismo produz uma intervenção na família, visando chegar na criança, tendo no início uma preocupação apenas com as famílias mais abastadas, estendendo-se posteriormente em direção a todas as outras (produção de tutela, de culpabilizações). Essas práticas higiênicas vão adentrando todos os espaços e incidindo sobre todos os sujeitos. Ele corre paralelamente ao movimento de institucionalização da Escola, instaurando e produzindo inúmeros processos de controle dos sujeitos, suas ações, suas subjetividades. Refletindo a respeito dessa lógica, destacamos novamente as palavras de Friedmann (1998):

*Querendo reabilitar a brincadeira e fazê-la útil na educação, o brincar foi colocado sob os mesmos princípios que sustentaram a idéia do novo homem: era necessário treiná-lo. Esse processo de pedagogização da atividade lúdica foi agressivo, dando origem, ainda hoje, a sistemas fechados para utilização educacional do brincar (p. 29).*

A Família Higiênica passa a não servir mais ao pai, mas ao Estado. Há uma preocupação em marcar essa família com a descendência, a saúde da prole; uma relação estreita entre o médico de família e a mulher - valorização do “instinto da mulher”, do “instinto de amamentação” -; assim como a educação e regulação das crianças passam a ser prioridade. A esse respeito, Costa (1999) nos propõe que as razões higiênicas desarticularam as razões familiares e impuseram novas regras ao contrato conjugal. Assim, o principal compromisso do casal era com os filhos, e já não se tratava mais de amar o pai sobre todas as coisas, mas sim a raça e o Estado como a si mesmo.

O Movimento Higienista tinha, dentre outras, a preocupação de converter o antigo trabalhador escravo em um trabalhador livre. Para isso, era preciso que ele modificasse a sua forma de trabalhar, seu tempo, seus modos. Esse movimento de disciplinarização do indivíduo, de regulação do sujeito (mecanismos de punição e de regulação da vida), ganhava corpo através do controle dos gestos, de como se portar, do que e como comer, de como estar no mundo, e também através do crivo da infração dessas regras – produtora de sentimentos de culpa. Nesse momento, a sociedade também se coloca como juiz desses mecanismos de controle e das condutas dos sujeitos. Tal processo de regulação e correção moral une-se ao julgamento coletivo:

---

encará-los de uma forma totalmente descontextualizada. Suas práticas precisam ser pensadas enquanto produto de um tempo histórico, cultural e social.

é como se o juiz desse um veredicto em nome da sociedade, representando-a, como se a sua voz fosse a de toda a coletividade.

Uma das questões que perpassava o discurso higienista era a de produzir uma nova criança, intervindo na família. Educar a criança, muitas vezes, era uma forma de educar a família, de se chegar aos seus pais. A escola vinha (ou será que muitas vezes ainda vem !?) como um espaço de disciplinarização e modelização das crianças. Priorizava-se a reprodução de uma norma a ser seguida e a perspectiva positivista na educação firmava-se cada vez mais. Como nos diz Kuhlmann Junior (1998):

*Após a década de 1870, o desenvolvimento científico e tecnológico consolida as tendências de valorização da infância que vinham sendo desenvolvidas no período anterior, privilegiando as instituições como a escola primária, o jardim de infância, a creche, os internatos reorganizados, os ambulatórios e as consultas às gestantes e lactentes, as Gotas de Leite. Essas instituições, inicialmente com uma postura paternalista mais bondosa, assumem uma dimensão cada vez mais autoritária diante da população pobre e trabalhadora: os homens de ciência seriam os detentores da verdade, capazes de efetuar a distribuição social sob controle, na perspectiva da melhoria da raça e do cultivo do nacionalismo<sup>7</sup> (p. 28).*

A família vai se *privatizando*... Há uma busca por uma nova ordem social, um esquadramento desse social regulado pelos especialistas, controlando os corpos - adultos e infantis - e definindo padrões, ocasionando inúmeras mudanças nas formas de ser, estar e agir no mundo. As intervenções e transformações iniciadas neste período produziram os contornos da família contemporânea e muitas das práticas existentes atualmente, relacionadas à infância e seu brincar.

O século XX caracteriza-se pelo ritmo acelerado das mudanças sociais e culturais proporcionados, em grande parte, pelo desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação e pela velocidade da difusão de informações, padrões e valores, atingindo diferentes segmentos da população de todos os continentes. No caso brasileiro, temos como alguns dos fatores marcantes deste século, a inserção progressiva e cada vez mais representativa da mulher no mercado de trabalho, a chegada da televisão no início dos anos 50, uma urbanização crescente a partir dos anos 60 e 70 e que explode na década de 90, a difusão e o uso da internet constituídos nesta

---

<sup>7</sup> Grifos do autor.



última década. Tais mudanças vão ocasionar transformações na relação das pessoas entre si, com a noção de tempo e com os espaços (públicos e privados), restringindo as crianças e seu brincar a locais mais fechados e “protegidos”. As configurações que os centros urbanos de médio e grande porte foram desenvolvendo, a correria do dia-a-dia, a presença cada vez menor dos pais em casa (por todo o trabalho e as atividades realizadas fora de casa), a violência, as *babás-eletrônicas* (tv, computador, videogame...) foram contribuindo para que a criança urbana e, principalmente a de classe média ou alta, deixasse o *fora* e se restringisse ao seu edifício ou casa. Retomaremos mais adiante essa discussão, apresentando-a mais detalhadamente e enriquecendo nossa análise com as narrativas dos nossos entrevistados.

O debate a respeito da criança, do brincar, da linguagem, das práticas, da contemporaneidade não pode deixar em segundo plano o fato de que somos todos parte de uma teia inseparável de relações e produções. Precisamos pensar em processos e não em estruturas cristalizadas e isoladas, pensar em encontros e interações, e não em indivíduos indivisos e isolados de sua história, enfim, precisamos de um pensar mais amplo e contextualizado.

A seguir, será apresentada uma retrospectiva dos principais acontecimentos do século XX, com o objetivo de favorecer um breve panorama histórico, econômico, social, político e cultural, contextualizando assim os momentos em que nossos entrevistados nasceram, cresceram e educaram seus filhos.



### 3. Tempos modernos: mercado, mídia e globalização.

A modernidade define-se como uma cultura da vida cotidiana e uma cultura de massas. O contexto sócio-político-cultural do final do século XX exige novos olhares e novas formas de pensar. Segundo Marcondes (1997), os principais valores da modernidade, a ênfase na ciência como um modelo de saber, o destaque para a problemática da verdade e do conhecimento, a importância da política institucional, a elaboração de grandes sistemas e quadros teóricos e a tarefa legitimadora da filosofia, todos estes elementos são considerados esgotados, precisando ser postos de lado em nome de um saber que valorize mais a criatividade, a inspiração, a invenção e o sentimento, em que os valores estéticos passam a tomar o lugar do científico e do político na acepção tradicional. Ainda de acordo com o autor,

*O pensamento pós-moderno não se caracteriza como uma corrente ou doutrina nem possui propriamente uma unidade teórica, metodológica ou sistemática, já que em grande parte visa romper exatamente com isso. Na verdade, o ponto comum entre esses autores (da pós-modernidade) parece ser mais a necessidade de encontrar novos rumos para o pensamento, concebendo a filosofia de forma ampla e não-linear, mais próxima das artes do que da ciência, não se pretendendo mais como um saber ou um ponto de vista privilegiado, mas como uma prática discursiva, uma forma de reflexão, um entendimento de nossa época e de nossa experiência que dê conta de suas rápidas transformações, de sua especificidade e de sua complexidade (p. 275).*

Atualmente, a infância e seus contextos (familiar, social, escolar) estão diretamente ligados à “Nova Ordem Mundial” e pensar a criança hoje é pensá-la enquanto sujeito imerso numa cultura capitalista, na qual o consumo é estimulado a todo instante, em um universo composto por fortes elementos, tais como a mídia, o mercado, a globalização. O próprio tempo vivido hoje é diferente do experienciado no início do século XX. Temos a impressão de que tudo é acelerado, não há tempo suficiente para resolvermos tudo o que agendamos para o dia, ao mesmo passo em que, com a revolução informática, as informações e ações via internet viajam na rapidez da rede para qualquer lugar do planeta, construindo uma outra noção de tempo: a da instantaneidade. Moreno (1999) discute este ponto afirmando que a cultura informático-midiática é portadora de um certo tipo de temporalidade social – o tempo real – resumindo, assim, a principal característica do espírito da informática: a condensação no presente, na operação que

está em andamento – tempo pontual, virtual e veloz. Mas não só o tempo se acelera, como também os espaços se integram e se redimensionam, constituindo o que vem sendo chamado de processo de globalização. Neste processo, complementa Villaça (1999), os processos de subjetivação e as relações de poder entre as pessoas se modificam, dissolvendo antigas fronteiras e fazendo com que as páginas do antigo Atlas da geografia prolonguem-se em redes que fazem pouco dos rios, das barreiras alfandegárias, dos obstáculos naturais ou históricos, criando debates acerca da desterritorialização e a perda das referências corporais. (p. 15)

Nos encontramos em uma era na qual é possível saber as notícias e os acontecimentos - em tempo real - ocorridos no mundo inteiro, onde a diversidade dos povos entra cotidianamente em nossas casas através de vídeos, filmes, propagandas, noticiários e documentários. Contudo, este contato com a multiplicidade (não só externa, como interna ao nosso país) parece não surtir muito efeito frente à lógica perversa de exclusão das diferenças sob a qual todos vivemos. O capitalismo mundial, com sua tenacidade e criatividade surpreendentes, mostra-se plástico, com um incrível poder de reinventar-se e adapta-se frente às situações que o ameaçam. Em sua trajetória histórica vem produzindo iguais e desiguais, incluídos e excluídos, grupos no centro e grupos à margem, sendo capaz de manter grande parte dos povos do planeta sob seu cajado de poder. O que vigora é a lei do mercado, a valorização e predominância do ter em relação ao ser, a produção e o controle dos iguais, e a marginalização dos que não podem ter acesso aos incalculáveis bens de consumo comercializados em todo o planeta.

Como nos aponta Belli (1998):

*O progresso tecnológico é concebido como um valor de troca, num mundo em que o homem se iguala à máquina, reproduzindo seu funcionamento, se expressando em termos de eficácia e produtividade e submetido desta forma a um sistema cientificamente determinado. As transformações do trabalho o tornam cada vez mais especializado, fragmentado, rotineiro, e integrado a um sistema de mecanização que hoje o homem não reconhece como seu. Desse modo, a produção só é vista como importante porque permite desfrutar das possibilidades do consumo, e este aspecto vem se potencializando em nossa sociedade. O surgimento de indivíduos consumidores é o reflexo de um sistema social, que tem na mídia um dos seus mais expressivos arautos e, nesse sentido, não discrimina adultos ou crianças. As mudanças na sociedade, a indústria cultural e a constituição da infância como mercado promissor e modelador de indivíduos, têm delineado o perfil do nosso tempo. A infância se transforma, e seu exame possibilita a consideração de diferentes domínios da vida moderna (p. 176).*

A cultura do consumo volta-se para o público infanto-juvenil, que passa a representar uma nova camada de agentes consumidores em potencial, direcionando-lhes programas, produtos e modelos. Dialogando novamente com a obra de Benjamin (1987), reproduzimos aqui um trecho de um texto seu intitulado *Panorama Imperial*, no qual ele analisa as relações humanas na atualidade capitalista:

*Um estranho paradoxo: as pessoas só têm em mente o mais estreito interesse privado quando agem, mas, ao mesmo tempo, são determinadas mais do que nunca em seu comportamento pelos instintos de massa. E mais do que nunca os instintos de massa tornaram-se desatinados e alheios à vida. (...) Todas as relações humanas mais próximas são atingidas por uma claridade penetrante, quase insuportável, na qual mal conseguem resistir. Pois, uma vez que, por um lado, o dinheiro está, de modo devastador, no centro de todos os interesses vitais e, por outro, é exatamente este o limite diante do qual quase toda relação humana fracassa, então desaparece, cada vez mais, tanto no plano natural como também no ético, a confiança irrefletida, o repouso e a saúde. (p. 21 e 22).*

Apesar desse intenso processo de massificação e modelização pelo qual todos nós, adultos e crianças, estamos passando e do crescente empobrecimento da experiência humana, percebemos este como um dos lados de uma moeda chamada modernidade. Assinalamos que também há muito de positivo neste processo histórico do qual fazemos parte, merecendo grande consideração o olhar contemporâneo a respeito da infância. De acordo com as nossas lentes, ser criança é ser sujeito-no-mundo, afirmando sua singularidade e, ao mesmo tempo, é estar mergulhada em um contexto coletivo, produzindo e sendo produzida pelo social, pela cultura, pela linguagem, pela história.

Podemos aqui nos remeter a Michel Foucault (1995) que critica a visão de essência do sujeito, de que ele é indiviso, algo possuidor de uma interioridade absoluta e imutável, como uma mônada. De acordo com o autor, cada um *é um mundo que se aloca de uma certa forma para se expressar*, não havendo divisão entre nós e o mundo. A subjetividade caracteriza-se por uma multiplicidade de processos sociais, históricos e culturais, destacando o sujeito enquanto uma produção perpassada por todos esses processos. Estando de acordo com essa perspectiva, acreditamos que não há como se pensar as práticas sociais sem que haja uma reflexão acerca das políticas, relações e dispositivos de poder. Segundo Foucault, o poder é exercício, estamos o tempo todo produzindo-o, reproduzindo-o, articulando-o em nossos fazeres e relações. Ele não se localiza em um lugar específico, ele se agencia e se dissemina entre o público e o privado. A

evolução do mundo, afirma Le Goff (1996), nos leva a pôr a análise das sociedades em termos de poder. Ele faz uma interessante articulação entre o saber e o poder, destacando a memória coletiva enquanto um instrumento e um objeto de poder bastante visado:

*A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (p. 426).*

O poder existe com uma dupla função: como repressor e também enquanto produtor, de saberes e fazeres. É importante que consideremos a positividade e a característica de invenção e produção do poder, e que não o encaremos apenas como imobilizante (uma de suas facetas). É nesse sentido que percebemos a globalização como um processo com suas positivities e suas negatividades. Não podemos tomá-la apenas como o *fim dos tempos*. Sob o ponto de vista cultural, sabemos o quanto ela tem representado para a padronização e o endurecimento das relações humanas, através da difusão dos preceitos capitalistas e do mercado homogeneizante, excludente e automatizante. Porém, não devemos esquecer que este mesmo processo de globalização nos permite, muitas vezes, ter um acesso mais direto às diversas culturas mundiais, nos aproximando e aprendendo com elas. É preciso uma mudança de paradigma, uma reinvenção dos nossos olhares, a recomposição de uma visão ético-estética de nosso cotidiano, o que sabemos que não é um processo rápido, sequer fácil. O importante é compreendermos que o mesmo processo que a muitos sufoca, abre também portas e janelas para um novo horizonte.

Desta forma, a relação de que o poder é bom ou mal não ganha força no presente trabalho. Concordando com Foucault (1995), o fundamental é justamente com o quê esse poder se conecta e se agencia. As práticas sociais são produções históricas e imersas num constante processo de construções e desconstruções de modelos, valores, crenças, ações, perspectivas... Os contextos ganham novos contornos; os modos de ser, pensar e existir vão se transformando. O agir e o olhar relacionados à criança se modificam, bem como suas necessidades, sua educação, seu tempo, seu brincar.

Existem redes de poder-saber que vão nos prendendo em determinados “lugares”, em certas categorias (por exemplo: o de “boa mãe”, o de “filho rebelde”, o de “pai carinhoso”,...). Poder e saber estão vinculados diretamente, em um processo de mútua produção. Partindo dessa perspectiva foucaultiana, sublinhamos a seguinte proposta:

*Temos antes que admitir que o poder produz saber e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil; que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder (Foucault: 1987; p. 30).*

Acreditamos ser interessante destacar algumas formas de poder existentes ao longo de história e que podem ser percebidas ainda nos dias de hoje, nos atravessando e nos constituindo. Apontamos, nesse momento, para o poder pastoral e o poder disciplinar<sup>8</sup> que visam, de formas antagônicas, o coletivo e o individual. Sob a mão poderosa do poder disciplinar, há não só a produção de mercadorias, como também a de consumo e consumidores. O Estado lida o tempo todo com a produção de categorias, formas de pensar, agir, falar, sentir, estar no mundo (subjetivação capitalista). A respeito deste poder, Veiga-Neto (2001) faz uma interessante correspondência com as práticas existentes em nossas escolas. Mais do que em qualquer outro momento da história, vivemos atualmente um empalidecimento da escola como a grande instituição disciplinar. Para ele, talvez não precisemos mais da escola como instrumento *panóptico*<sup>9</sup>, uma vez que o próprio mundo se tornou uma imensa e permanente máquina panóptica. Acreditamos que muitas instituições educacionais ainda funcionam no modelo disciplinar, no entanto, observamos que inúmeras outras têm buscado trilhar novos caminhos. Seguindo em direções mais interessantes, muitos educadores e escolas adotam uma postura de valorização do potencial de seus educandos, considerando a criança como ser ativo em seu processo de aprendizagem e desenvolvimento.

---

<sup>8</sup> O primeiro objetivava congregar rebanhos para sustentar uma estrutura social e cultural da época (forma de intervir e produzir diferentes valores e modelos na vida das pessoas). O tempo todo ele visava o coletivo, a massa, e havia uma constante preocupação com a salvação das almas dos sujeitos. Já o Poder Disciplinar, continua tendo essa lógica só que com algumas modificações. Ele não visa mais principalmente o coletivo, o geral, e sim, a individualização. É um poder que atua sobre o corpo dos indivíduos, preocupando-se com a potencialidade do sujeito.

<sup>9</sup> O modelo panóptico – a grande máquina óptica proposta para as prisões, por Bentham há mais de 200 anos – foi retomado por Michel Foucault em muitos de seus textos, referindo-se a práticas de controle e vigília.

Com relação à lógica mundial vigente, esta pode ser bem representada pela *lei do descartável*, trazendo consigo a bandeira do neoliberalismo. Mesmo sabendo que esta bandeira fracassou economicamente, ela fez-se forte e vitoriosa, política e ideologicamente, alastrando a idéia de que não há possibilidades de mudança, não há escolha. De acordo com este paradigma, devemos todos nos adequar às leis e às normas vigentes, devemos nos enquadrar. Destacamos aqui a relação da normalização técnica com o consumo, uma vez que a lógica da técnica deve ser conciliada com os interesses da economia. Georges Canguilhem (1995) nos diz que nessa lógica o que é fabricado deve, finalmente, ser consumido. Nos dias de hoje, o consumo significa para muitos, o estar inserido em um determinado grupo ou classe. O estímulo desenfreado ao *ter* representa a produção incessante de produtos e padrões a serem consumidos, como também, e diretamente atrelada a isso, da permanente sensação de que sempre falta algo, ocasionando divisões sociais e patamares de inclusão/exclusão. Em uma de suas narrativas a respeito das cidades capitalistas contemporâneas, Baptista (1997) nos destaca:

*Impregnada de imagens e rodeada de silêncios as cidades da falta produzem solidão, invisibilidade e inércia, ou talvez assassinatos de um múltiplo e intenso real (...) Nas cidades do capitalismo que desarruma e arruma, tira do lugar e retorna ao mesmo ponto, cria questões e as responde, produz falta, preenche e depois esvazia, que desmancha, congela, desmancha e petrifica, desterritorializando, produzindo medo, os anjos ficam bem distantes, ao longe, observando a cidades dos destinos que já chegam prontos (p. 179 e 181).*

Dia após dia somos bombardeados através da mídia (propagandas, programas de tv, filmes adultos e infantis, revistas “especializadas”...) por padrões de beleza, de corpo, de vida. O seu poder atinge dimensões imensuráveis e inimagináveis. Dentro dos veículos midiáticos, a televisão, principalmente, tem sido alvo de inúmeros estudos com relação à sua influência no comportamento humano. Mergulhando um pouco mais a fundo nesta questão e trazendo-a para a realidade da criança é possível perceber que, desde o seu surgimento na década de 50 até os dias atuais, a presença da tv nas casas e na vida das pessoas aumentou em progressão geométrica. Esta inserção não ocorreu sem motivos, dando-se pelas novas configurações que os espaços urbanos e os contornos das famílias foram ganhando progressivamente, a aceleração do ritmo de vida das pessoas e, conseqüentemente, a falta de tempo, a insegurança com o aumento da violência, dentre outras já descritas anteriormente.



A televisão, em muitos casos, representa para os pais a possibilidade de manter a criança entretida durante um determinado tempo, enquanto eles podem resolver seus assuntos, dar conta de suas tarefas. Enquanto *babá eletrônica* (ao lado dos computadores e videogames), a tv tem sido introduzida desde muito cedo na vida infantil, assumindo, muitas vezes, o papel de “educador” dessas crianças (através de seus programas e propagandas, ela dissemina padrões e normas comportamentais, modelos de vida). A criança que passa grande parte de seu tempo absorvida por esse bombardeio de sons, imagens, valores e representações, e que não possui um tempo qualitativo<sup>10</sup> junto aos seus responsáveis, tem seu horizonte educacional limitado, restringindo-se aos ensinamentos experienciados neste processo de pedagogização pela mídia. Não é nossa intenção desmerecer o uso e acesso à televisão, computador ou jogos eletrônicos. Acenamos sim, para a necessidade de estarmos atentos tanto ao seu uso *full time*, quanto para o que isso pode trazer como consequência para a educação e subjetivação das pessoas em geral, mas, fundamentalmente, com relação às nossas crianças.

Ampliando o nosso debate, nos remetemos a Steinberg & Kincheloe (2001), que nos trazem um importante enfoque acerca da produção corporativa da cultura infantil popular e seu impacto na vida das crianças. Definem as áreas pedagógicas como os lugares onde o poder é organizado e difundido, incluindo-se bibliotecas, tv, cinema, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros, esportes, etc. Os autores afirmam que nosso trabalho como educadores exige que examinemos tanto a pedagogia cultural quanto a escolar, se quisermos dar sentido ao processo educacional deste novo milênio.

Percebemos que um desafio se coloca. O presente já nos sinaliza que os avanços científicos, a alta tecnologia, a modernização e a globalização da sociedade, desvinculada de uma sólida revisão dos valores humanos, não garantem a construção de uma sociedade consciente, responsável e esperançosa. É fundamental que existam visões e ações transdisciplinares. Urge direcionar ações no futuro para o vetor da troca intergeracional com qualidade de vida e para o resgate social capacitando as pessoas para serem protagonistas das próprias vidas, através da cooperação, da troca, da auto-estima, constituindo-se em agentes de mudança social.

---

<sup>10</sup> Tempo qualitativo não quer dizer quantitativo. Valorizamos neste trabalho que o tempo passado com os filhos, mesmo que pouco (já que muitos pais trabalham o dia todo fora), precisa ter qualidade, entrega, troca e investimento emocional e educacional.

A reinvenção do social só pode ser feita num campo de lutas, no qual igualdade não pressupõe anulação das diferenças, uma vez que ambas constituem faces do próprio fenômeno da identidade. Como nos afirma Novaes (1999), contradições e incertezas estarão sempre presentes, *cabendo aos homens encontrarem caminhos e alternativas que viabilizem a expansão do conhecimento e do saber com vistas à promoção e ao bem-estar social de todos, além da construção de um mundo mais justo, humano e criativo.* (p.73). Sem dúvida, o novo e o desconhecido assustam porque pressupõem o livre e o inventivo, inquietam porque não nos obrigam a acertar, mas sim a experimentar, inaugurando novas formas de nos relacionarmos com o que nos cerca. Cada um de nós pode, ao seu tempo e à sua maneira, produzir pequenas intervenções e modificações, com persistência, resistência e esperança de um futuro melhor para todos nós, adultos e crianças.

A proposta da abordagem histórico-cultural nos parece uma boa possibilidade de ruptura com as normas reducionistas e paralisantes. Nela, a criança deixa de ser um objeto a ser conhecido, um vir a ser, e assume um caráter de sujeito ativo, co-autor de sua história e de sua cultura. Com isso, a análise a respeito do brincar e da infância torna-se mais rica, e a crença de que o lúdico atravessa o desenvolvimento humano e representa um dos agentes na produção da subjetividade ganha terreno. O aspecto mais fundamental que a perspectiva histórico-cultural inaugura é a possibilidade de levar a uma mudança na forma de conceber e entender o mundo. Fazemos nossas as palavras desse pequeno trecho:

*Embora sem garantias, nosso presente nos desafia a forjar alianças, solidariedades, agenciar mundos e abrir passagens. A dar atenção ao que foi esquecido, intensificando o encontro. Escolher trilhas e construir aldeias. A conhecer outra ordem. E, na invenção de outros modos de referência, transformar o mundo...* (Aguilar, 1997: p. 99).

## CAPÍTULO II

### O SUJEITO E O BRINCAR:

#### *Desenvolvimento, Singularidades e Subjetividades*



*Johann Michael Voltz, alemão (1784 - 1858)*  
O Parque Infantil, c. 1823

*A pipa que o menino maluquinho soltava  
era a mais maluca de todas  
rabeava lá no céu rodopiava adoidado  
caía de ponta cabeça, dava tranco e cabeçada.  
e sua linha cortava mais que o afiado cerol.  
E a pipa quem fazia era mesmo o menininho  
pois ele havia aprendido a amarrar linha e taquara  
a colar papel de seda e a fazer com polvilho o grude  
para colar a pipa triangular  
como o papai lhe ensinara  
do jeito que havia aprendido com o pai  
e o pai do pai do papai<sup>11</sup>.*

<sup>11</sup> Extrato retirado do livro *O Menino Maluquinho*, escrito por Ziraldo.

Devemos considerar que há algo de fundamental no brincar para o desenvolvimento humano. A brincadeira não deve ser entendida como uma atividade sem propósito, desnecessária, ou apenas como uma atividade que entretém e dá prazer à criança. Através dela, os sujeitos interagem uns com os outros, experimentam e ressignificam o mundo, criam e imaginam, exteriorizam seus afetos, constroem e integram valores e costumes às suas vidas, *brincam de vir a ser*. Vygotsky (1989b), a partir do seu conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZPD), enfatiza a capacidade de uma criança em desenvolvimento de se *eleva acima de si mesma*, quando auxiliada por um outro social mais experiente e através de uma *auto-ajuda* de interpretações de regras e papéis<sup>12</sup>:

*O brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal da criança. No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento (p. 117).*

Desde sempre, a criança busca estabelecer relações e se comunicar com o universo físico e social. A representação simbólica da realidade segue em direções e formas cada vez mais diversas ou sofisticadas, baseando-se no diálogo permanente do sujeito social e seu contexto cultural, nos destaca Vygotsky (1989a).

O jogo, o brinquedo e a brincadeira possuem uma dimensão de troca, de criação, de conquista, e cada um deles possui uma especificidade, um significado que lhe é próprio. Não pretendemos estender e discutir a fundo tais distinções, apenas ressaltar algumas diferenças mais fundamentais. Concordando com Kishimoto (1997), destacamos que o brinquedo supõe uma relação íntima com a criança e uma indeterminação quanto ao uso, ou seja, a ausência de um sistema de regras que organizem a sua utilização. Uma boneca, por exemplo, permite à criança várias formas de envolver-se com o lúdico, desde a manipulação até a realização de brincadeiras como “mamãe e filhinha”. O brinquedo estimula a representação, a expressão de imagens que evocam aspectos da realidade. Diferindo-se desses aspectos, encontramos os jogos, como os de construção, xadrez, damas, resta-um... que exigem do participante, de modo explícito ou implícito, o desempenho de certas habilidades definidas por uma estrutura preexistente no próprio

---

<sup>12</sup> Para um melhor aprofundamento nesta questão, vide Vygotsky (1989b; p 116); ou ainda Vasconcellos & Valsiner (1995; p.67).

objeto e em suas regras. O brinquedo não pode ser reduzido à pluralidade de sentido do jogo, pois enquanto objeto é sempre suporte para a brincadeira, contendo uma dimensão material, cultural e técnica. Ainda de acordo com a autora, a brincadeira pode ser entendida como a ação que a criança desempenha ao concretizar as regras do jogo, ao mergulhar na ação lúdica – podemos dizer que é o lúdico em ação.

Para o brincar não há idade delimitada. Permitir-se um mergulho neste universo, apesar da falta de tempo e de jeito argumentada por muitos adultos, representa um importante processo de interação social e cultural entre os pares - sejam eles crianças com crianças, adultos com crianças e adultos com adultos - possibilitando um enriquecimento pessoal para todos os envolvidos.

Para ilustrar um pouco as demarcações expostas acima, destacamos alguns exemplos de brinquedos (artesanais e/ou industriais), jogos e brincadeiras existentes em nosso país, que fazem a alegria de nossas crianças e de muitos de nós, adultos<sup>13</sup>: bola; boneca; pião; bambolê; carrinho; corda; elástico; pipa ou papagaio; bola de gude; estilingue ou atiradeira; jogos de construção; xadrez; dama; dominó; jogos eletrônicos; quebra-cabeças; banco imobiliário; Imagem e ação; Gênio; amarelinha; adedanha / tesoura-pedra-papel; vispora ou bingo; cinco marias; corrida de tampinhas (jogo da pista); casinha, família, comadres; escolinha; pique-esconde / escambida; pular carniça.

Cabe ressaltar que a troca e a interdisciplinaridade das atividades que envolvem a ludicidade (universo dos brinquedos, da música, dos livros, dos filmes/desenhos animados/vídeos infantis, do teatro, etc.) é um fator de grande importância para a *formação cultural* e o *desenvolvimento* do sujeito. O brincar depende de alguns fatores tais como a companhia, o espaço, o tempo, o brinquedo/jogo ou qualquer outro objeto que dê suporte à atividade lúdica. Ele é um processo que se constitui na interação entre os sujeitos e na sua mediação com o universo dos objetos, dos valores, da cultura e dos ideais humanos.

É importante sempre considerarmos o *momento sócio-histórico* no qual a criança, o jovem e o adulto estão inseridos. Os brinquedos e as brincadeiras são produtos de um momento histórico expressos através da linguagem e da cultura, estando em constante movimento e contrapondo-se permanentemente a processos estáticos e cristalizados existentes nas práticas sociais humanas.

A história do brinquedo é tão antiga quanto à dos homens. Atzingen (2001) bem ilustra

---

<sup>13</sup> Todos eles serão retomados na Parte II, pois são citados por nossos entrevistados em suas narrativas.

esta questão em seu livro *A História do Brinquedo*, comentando que muitos brinquedos existentes atualmente nasceram nas grandes civilizações antigas e boa parte deles permaneceu praticamente inalterada ao longo dos tempos. Ela nos traz alguns exemplos como o jogo-da-velha e as bolinhas de gude, vindas do Egito; o dominó, os cata-ventos e as pipas, da China; e as pernas-de-pau e marionetes, herdadas da Grécia e de Roma.

Brincar é sinônimo de realização, experimentação de modos de ser, sentir, agir, existir – produtor de subjetividades. Brinquedo e jogo são objetos históricos e culturais, como também nos destaca Kishimoto (1997):

*(...) enquanto fato social, o jogo assume a imagem, o sentido que cada sociedade lhe atribui. É este o aspecto que nos mostra por que, dependendo do lugar e da época, os jogos assumem significações distintas. Se o arco e a flecha hoje aparecem como brinquedos, em certas culturas indígenas representavam instrumentos para a arte da caça e da pesca. Em tempos passados, o jogo era visto como inútil, como coisa não-séria. Já nos tempos do Romantismo, o jogo aparece como algo sério e destinado a educar a criança (p. 17).*

Mesmo divergindo de certas concepções propostas por Winnicott (1975) a respeito da infância e do lúdico, acreditamos que ele nos traz interessantes reflexões acerca do brincar e sua importância na infância. Para o autor, o brincar é um fazer que requer tempo e espaço próprios. A origem da socialização está nas primeiras e mais rudimentares interações lúdicas com o ambiente, sendo o brincar um fazer universal, que se constitui de experiências culturais promotoras de saúde, uma vez que facilita o crescimento, conduz aos relacionamentos grupais e representa uma forma de comunicação da criança consigo mesma, com os outros e com o mundo.

O meio cultural e social no qual a criança está imersa exerce uma influência fundamental na sua relação com o jogo e o brincar. As relações entre pais e filhos, desde o seu nascimento e durante seu desenvolvimento, envolvem jogos afetivos e cognitivos, resultando em inúmeras descobertas, transformações, trocas e aprendizagens. Nesse momento, faz-se necessária a ruptura com a fantasia do *jogo natural*. Brougère (1998) nos afirma:

*Desde seu nascimento, a criança é mergulhada em um contexto social e seus comportamentos ficam impregnados por essa imersão inevitável. Não há, na criança, jogo natural. O jogo é o resultado de relações interindividuais, portanto de cultura. Deve-se partir dos elementos que a criança encontra em seu ambiente imediato, estruturado em parte por seu meio, para se adaptar as suas capacidades. O jogo pressupõe uma aprendizagem social. Aprende-se a jogar. O jogo não é inato, pelo menos nas formas que assume no homem. (...) Mas é certo que os adultos jogam com as crianças. Os jogos de maternagem são os traços imemoriais dessa prática. A criança*

*entra progressivamente no jogo do adulto de quem é primeiramente o brinquedo, o espectador ativo, depois o parceiro real. É introduzida no espaço e no tempo particulares do jogo (p. 189 e 190).*

Gostaríamos de enfatizar que o momento da brincadeira é aquele em que a criança está pensando, refletindo, buscando, explorando, construindo e reconstruindo, simbolizando e dando outros sentidos ao mundo que a cerca (momento de experimentação, criação e significação dos costumes, crenças, valores). É tempo e espaço de *troca*, de partilhas com o grupo, sendo também um momento no qual o sujeito desempenha papel principal na peça que criou ou escolheu, protagoniza sua história imaginária. No brincar estamos sempre na dimensão do possível e da criação. O lúdico não é mera representação ou reprodução da realidade, e sim a articulação de fantasia e realidade, imaginação e pensamento, num processo de mútua produção. As crianças não se limitam a reviver experiências passadas quando envolvidas em seu brincar, mas as reelaboram criativamente, ressignificando e reinterpretando a sua realidade.

Para a criança, a imaginação e a atividade criadora são constituidoras de regras de convívio com os outros sociais e com o mundo que a cerca, tendo como elemento central as relações sociais. A imaginação da criança opera como que subvertendo as normas pré-estabelecidas estando permanentemente a postos para mostrar uma outra forma de se apreender, perceber e compreender as coisas da vida. De acordo com Fazolo (1997), *é pela e na fantasia que se manifesta na criança o seu modo de ver o mundo. Nessa busca da fantasia, da imaginação, da transformação da realidade para encarar a própria realidade, a criança atribui vida aos mais variados objetos, travando com eles um diálogo e uma relação muito especial e, por vezes, incompreensível aos olhos do adulto.*

*- Não sei como pilotar esse navio para chegar em casa – resmungou, fazendo o timão dar uma volta de 360 graus. O velho navio, desgovernando loucamente, saiu girando em espirais. A vela despencou-se em cima do Rafael quase matando-o sufocado; o mastro partiu-se em dois. Com a coragem de um herói, Rafael começou a rezar e foi aí que o navio arrebitou-se todo num rochedo, atirando-o n'água. Desnortado, deu algumas braçadas e bumba! Estava novamente em sua cama diante do olhar severo da mãe.*

*- Rafael! – ela mal conseguia falar. ‘Será que estivera pensando que havia perdido o filho para sempre?!...Decerto chamara até a polícia para encontrá-lo - Rafael imaginou.*

*- Rafael!... O que você fez?... Quebrou a cama, arrebitou a cortina... Meu Deus! Até o trilho da cortina você conseguiu partir em dois...Não sei se lhe dou uma surra... ou... Meu Deus!*

*- Não, mamãe! – o menino falou com meiguice. – Foi o navio do Capitão Glutão que bateu no rochedo e arrebitou-se todo. Eu caí no mar, sabe?... Conheci uns piratas engraçados... o Ronca-Ronca, o Pis...*

*- Não me venha com histórias, Rafael. Você destruiu o seu quarto.*

*Rafael olhou em volta: de fato a mãe tinha razão. O quarto estava todo arreventado. - Mas quem fez isso, mamãe?! Eu juro que não fui eu. Nem estava aqui. Não estava mesmo!... Eu estava num navio pirata... (Melo, 1985: pág.15).*

Benjamin (1984) compreende o desenvolvimento da linguagem através de uma capacidade mimética original, a partir da qual o homem descobre inúmeras correspondências na natureza. Podemos observar esta capacidade no brincar infantil, não se restringindo a uma mera imitação de pessoas, ampliando-se consideravelmente para animais, objetos, lugares, enfim, tudo o que a criança desejar e sua imaginação permitir. Enquanto vigorava um naturalismo rígido e fechado, segue o autor, não havia nenhuma perspectiva de fazer valer o verdadeiro rosto da criança que brinca. Hoje talvez possamos esperar uma superação deste equívoco que acreditava inadequadamente que o conteúdo imaginário do brinquedo determinava a brincadeira da criança, quando, na realidade, esse processo se dá ao inverso. Descrevendo-o com maestria, ele nos ilustra que a criança quer puxar alguma coisa e torna-se cavalo, quer brincar com areia e torna-se padeiro, quer esconder-se e torna-se ladrão ou guarda. Sendo assim, a imitação é própria do brincar e não do brinquedo.

A perspectiva sociocultural entende o processo humano de desenvolvimento enquanto permanente, se dando do nascimento à morte do sujeito, em ambientes estruturados pela cultura e regulados pelo meio social, através das interações e parcerias estabelecidas com outros sujeitos, nas quais cada um desempenha um papel ativo. Papalia (2000) coloca que seu foco é justamente na criança ativa, criadora de situações e objetivos, num contexto sócio-histórico-cultural. O desenvolvimento das crianças de uma cultura ou de um grupo dentro de uma cultura não representa uma norma apropriada para crianças de outras sociedades ou grupos culturais.

Para Vygotsky (1989b), através do brinquedo a criança passa a lidar com diferentes percepções e significados relacionados com os objetos e as ações aos quais estão habitualmente conectados, representando uma rica fonte de desenvolvimento. Uma condição muito interessante surge quando a criança, envolvida em momentos de brincadeira, inclui nestas ações objetos reais, da sua vida e do mundo que a cerca. Esta é uma das características da natureza de transição da atividade do brincar: é um estágio entre as restrições puramente situacionais da primeira infância e o pensamento adulto que pode ser totalmente desvinculado de situações reais. Podemos ainda destacar um atributo essencial do brincar: aqui, uma regra torna-se um desejo.



*O brinquedo cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina-a a desejar, relacionando seus desejos a um 'eu' fictício, ao seu papel no jogo e suas regras. (...) Uma criança não se comporta de forma puramente simbólica no brinquedo; ao invés disso, ela quer e realiza seus desejos, permitindo que as categorias básicas da realidade passem através de sua experiência. A criança ao querer realiza seus desejos. Ao pensar, ela age. As ações internas ou externas são inseparáveis: a imaginação, a interpretação e a vontade são processos internos conduzidos pela ação externa (op.cit.: p. 114).*

A prática social de separar as brincadeiras por idade, escolaridade e por gênero também é um fator interessante a ser considerado. Esta dicotomização entre o brincar da menina e o do menino não se restringe ao espaço escolar, podendo existir em vários contextos e envolver diferentes sujeitos (pai, mãe, professora, colegas de classe, irmãos, vizinhos...). Separar e propor atividades distintas para crianças com idade ou escolaridade diferentes, assim como para meninos e meninas, ou ainda não permitir que haja trocas de papéis e atividades (meninos brincando com bonecas e meninas, com bola ou carrinhos, por exemplo) são construções sociais que marcam a divisão de papéis e a delimitação de funções que “deverão” ser assumidas futuramente pela criança, adulto de amanhã.

*A mãe ensinou para Aninha: - Menina boazinha deixa o que é seu arrumado!  
Depois que voltou do colégio, João fez os deveres, deixou os livros e cadernos espalhados em cima da mesa e foi brincar. A mãe riu:  
- Igualzinho ao pai! E pediu para Aninha:  
- Minha filha, arrume as coisas do seu irmão, por favor.  
(...) Aninha foi brincar na rua depois do colégio. Esqueceu da hora com brinquedo tão bom, e chegou tarde em casa. A mãe brigou:  
- Menina não anda no escuro sozinha! Que absurdo!  
João também se atrasou. Quando entrou em casa, a lua apontava no céu.  
O pai disse para as visitas: - João já é um homenzinho! Não tem mais medo de escuro!  
Todos ficaram contentes. (...) Na volta do colégio, Aninha e João vinham correndo.  
Tropeçaram numas ripas que estavam jogadas no meio da calçada. Aninha esfolou o joelho e João, o braço. Chegaram em casa chorando. A mãe botou Aninha no colo e falou:  
- Coitadinha da minha filhinha! Vai passar já, já, viu? A mãe foi buscar curativos.  
Tratando do braço de João e do joelho de Aninha, ia dizendo:  
- Que é isso, João? Chorando à toa? Homem que é homem não chora por uma bobagem dessas!  
Não foi nada, já passou! (Miners, 1982).*

Freqüentemente, esta separação é estimulada pelo mercado de consumo e reforçada pela mídia. Com brinquedos cada vez mais “especializados”, sofisticados e modernos sendo lançados a todo instante, meninos e meninas deparam-se cada vez mais cedo com este mercado de novidades e modelos. Remontando a Benjamin, Jobim (1997b) nos aponta que a cada dia o

mundo vai se tornando mais e mais inexpressivo, sem particularidades, sem diversidade cultural, enfim, perfeitamente padronizado. A civilização imposta pelo poder da indústria e pela ideologia do consumo está conseguindo deformar e remodelar a consciência das pessoas de uma forma brutal, aniquilando toda possibilidade de pluralismo cultural.

Ainda segundo a autora, no capitalismo não há espaço para se aprender a ver o que não se estampa de imediato. Com isso, o resgate de nossa percepção crítica da realidade contemporânea faz-se urgente. Apenas a partir desse resgate seria possível recuperarmos um olhar sensível a respeito do mundo no qual vivemos, *procurando o lugar do refúgio do sagrado, ou seja, aquilo que faz um rosto, uma paisagem ou um objeto nos falar. É preciso dedicar um olhar às coisas do mundo, que evidencie a força e a atmosfera que delas emanam* (p. 145).

De acordo com Castro (1998), a ideologia do consumo garante o *ser* por uma contingência imediata que é a do *possuir*:

*Na verdade, o caráter constitutivo do ser, enquanto um processo laborioso, perde sua importância frente às demandas do transformismo imediatista obtido pela simples exibição de objetos. As coisas são investidas com um valor simbólico cuja ostentação permite projetar instantaneamente os sujeitos numa grade classificatória de status social, evadindo o árduo processo de transformação implicado na construção de identidades. Como ícones portáteis, as coisas capacitam<sup>14</sup> os sujeitos. As coisas constituem talismãs, ou melhor, objetos fetichizados que se convertem no critério absoluto de definição do valor subjetivo* (op. cit, p. 63).

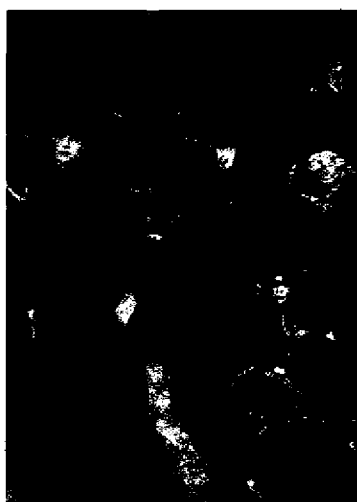
Para Benjamin (1984), a infância mostra-se como possibilidade de recriação do futuro. A criança vê o mundo com seus próprios olhos; sendo parte *da* e produtora *de* cultura. Em seus estudos sobre a história dos brinquedos, pesquisa histórica e filosófica, ele é também influenciado pela vertente do materialismo dialético, ancorando-se no marxismo. Segundo o autor, o comportamento da criança é repleto de ricos significados e valores, como também é função da luta de classes, uma vez que todas as suas atitudes enraizam-se nos contextos coletivos, históricos e sociais. No brincar está a origem do nosso gestual cotidiano, de nossos hábitos, uma vez que estes são *“formas petrificadas da nossa primeira felicidade, de nosso primeiro terror”*. Os brinquedos, produzidos pela cultura e pela técnica das coletividades, são um mudo diálogo simbólico entre a criança e seu povo.

---

<sup>14</sup> Grifos da autora.

Benjamin inspira um reaprendizado e um repensar sobre a linguagem, a cultura da infância e as práticas que a atravessam, destacando os contextos coletivos como fundamentais em seu desenvolvimento, principalmente os lúdicos. Como que em um canteiro de obras, as crianças se sentem atraídas pelos destroços que restam da construção, do trabalho na escola ou em casa, da atividade do carpinteiro, da costureira, do pintor ou do jardineiro. A partir destas sobras ou restos, elas criam uma infinidade de objetos lúdicos, que dão suporte à sua brincadeiras e asas à sua imaginação, constituindo para si um universo de coisas, dentro deste mundo em que vivemos. Acreditamos que o lidar com a sucata não deve encarado somente como substituto à falta de materiais, mas também como possibilidade de se desenvolver um rico trabalho com objetos e utensílios alternativos, dando espaço à diversidade e à inventividade. É interessante perceber que em uma brincadeira com sucata, o sujeito transforma algo que até então estava “sem sentido”/sem utilidade, em outra coisa repleta de significação. Nossa intenção não é desmerecer o valor dos produtos industrializados. Ressaltamos que tanto o brinquedo industrial quanto o artesanal são fontes ricas para o desenvolvimento infantil e desempenham um importante papel na vida das crianças.

*De uma maneira geral, os brinquedos documentam como o adulto se coloca com relação ao mundo da criança (...) A resposta da criança se dá através do brincar, através do uso do brinquedo, que pode enveredar para uma correção ou mudança de função. E a criança também escolhe os seus brinquedos por conta própria, não raramente entre os objetos que os adultos jogaram fora. As crianças 'fazem a história a partir do lixo da história' (Bolle apud Benjamin, 1984: p. 14).*



Pierre-Auguste Renoir (1841-1919) –  
Os Guarda-Chuvas (por volta de 1881-6)

## - Parte II -

### Investigação de Campo

*Na fazenda em Benjamin Constant o pessoal fabricava goiabada, marmelada, preparavam batata doce, que eram postas em caixinhas e essas caixinhas eram postas no sol pra secar, numa parte grande lá no quintal. Então armavam aquelas mesas, punham o cavalete e as tábuas e essas caixinhas pra secar no sol, e formava aquela crostazinha assim, açucarada. E eu acordo de manhã, encontro aquilo e saio provando todas as caixas. (risos) Descobriram depois e deu logo um escândalo... Um prejuízo danado, né, porque estragou a aparência. Quer dizer, tiveram que completar as caixinhas todas, pra despachar o buraco (risos) Não foi a quantidade de doce que comi, foi o estrago estético... Nessa altura eu tinha uns cinco anos.*

(Aloysio, nascido em 1927)

## CAPÍTULO 1

## Caminhos Metodológicos

*Qualquer que seja a forma assumida pela fonte oral baseia-se ela na memória e a memória é sempre uma reconstrução, evocando um passado visto pela perspectiva do presente e marcado pelo social, presente a questão da memória individual e da memória coletiva<sup>15</sup>.*

Acreditamos que as experiências de vida e os acontecimentos sócio-históricos precisam ser estudados e compreendidos enquanto processos em movimento e mudança. Um dos principais alicerces de nossa pesquisa foi o resgate de memórias e vivências, singulares e coletivas, buscando, a partir das fontes orais, contribuições fundamentais a respeito da infância e do brincar. Para este estudo, foi utilizado o método qualitativo de pesquisa e as fontes representaram-se pelos relatos orais de vida<sup>16</sup>, uma vez que pedimos aos entrevistados que narrassem suas lembranças da infância, o atravessamento desta pelo brincar, a infância de seu(s) filho(s)...

A pesquisa realizou-se a partir do estudo com diferentes sujeitos que foram crianças em três tempos históricos do século XX, anos 20, anos 50 e anos 80, visando com isso, analisar e discutir as relações e as múltiplas configurações, construídas historicamente, que o universo infantil e suas brincadeiras foram adquirindo com o tempo. Analisamos ainda, a influência dos contextos sociais e culturais sobre tais modificações.

Foram feitas *entrevistas semi-estruturadas* com 12 participantes de diferentes idades e famílias, de ambos os sexos, agrupados da seguinte maneira: 4 sujeitos que foram crianças<sup>17</sup> nos anos 20 (grupo 1); 4 sujeitos que o foram nos anos 50 (grupo 2) e 4 sujeitos que o foram nos anos 80 (grupo 3). Acreditamos na entrevista enquanto um processo de construção coletiva podendo adquirir múltiplas formas e configurações, de acordo com o encontro entre pesquisadora e

<sup>15</sup> Lang (1996) transcreve este trecho remetendo o leitor à obra de Maurice Halbwachs, *La mémoire collective*. Paris, PUF, 1968.

<sup>16</sup> Segundo Lang (1996), as fontes orais podem assumir três formas: 1. A história oral de vida é o relato de um narrador sobre a sua existência através do tempo. Os acontecimentos vivenciados são relatados, experiências e valores transmitidos, a par dos fatos da vida pessoal. 2. Uma forma menos ampla e livre seria o relato oral de vida, quando é solicitado ao narrador que aborde, de modo mais especial, determinados aspectos de sua vida, embora dando a ele total liberdade de exposição, mas ele sabe do interesse do pesquisador e direciona seu relato para determinados tópicos. 3. Através dos depoimentos orais, o pesquisador busca obter dados informativos e factuais, assim como o testemunho do entrevistado sobre sua vivência em determinadas situações, ou a participação em determinadas instituições que se quer estudar. Buscam-se referências mais diretas aos acontecimentos em estudo.

<sup>17</sup> Faixa etária delimitada: de 3 a 10 anos.

narrador<sup>18</sup>. De acordo com cada momento histórico, os entrevistados foram 2 do sexo feminino e 2 do sexo masculino (6 mulheres e 6 homens no total) e os pré-requisitos para a escolha destes sujeitos foram: que estes tenham passado toda ou pelo menos uma parte de sua infância no Brasil; que tenham tido um ou mais filhos e que se enquadrassem na faixa etária determinada.

As entrevistas com todos os participantes foram gravadas e transcritas. Os entrevistados assinaram um termo de consentimento<sup>19</sup> para participar da pesquisa, preencheram uma ficha pessoal de identificação<sup>20</sup>, foram fotografados e os foi solicitada uma foto de sua infância - até uns 10 anos - para cópia e uso ilustrativo na dissertação (aos que possuíam tais fotografias). O *roteiro de entrevistas*<sup>21</sup> que norteou nossas questões trazia como pontos principais perguntas como: Como era ser criança quando você era pequeno (a)? E hoje?; Fale um pouco sobre a sua infância; Você costumava brincar quando pequeno(a)?; Com quais jogos ou brincadeiras?; Acredita que brincava-se mais ou menos quando você era criança?; Por que?; Ao tornar-se pai/mãe, o que você procurou manter ao educar seu(s) filho(s) do que recebeu dos seus pais e porque?; O que procurou mudar e porque?; Como era quando você era criança?; Houve mudanças?; Quais? Ao final de cada entrevista, com a autorização do participante, foram tiradas fotografias atuais (de cada um) e recolhidas algumas fotos de quando tinham sido crianças – para uso ilustrativo neste trabalho.

As categorias adotadas para a análise do material coletado foram, por um lado, aproveitadas do próprio roteiro de entrevistas e, por outro, surgiram das narrativas pessoais dos pesquisados. Nossa pesquisa não se propôs a adotar um caráter longitudinal, acompanhando os sujeitos ao longo do tempo. Ao contrário disso, nosso material retrata visões e vivências particulares, por isso, em momento algum, tirou-se conclusões generalizantes ou universais. São registros de lembranças e experiências singulares dos 12 sujeitos entrevistados: versões de histórias, culturas, coletividades e espaços que nos permitiram ilustrar alguns caminhos e configurações que a criança e seu brincar foram adquirindo ao longo do século XX.

Sentimentos e comportamentos singulares e coletivos, antigos e atuais, foram apreendidos a partir destas questões, nos revelando a emergência de novos códigos e sentidos relacionados à infância e ao universo lúdico, num permanente processo de interações, desconstruções, reconstruções e co-construções. Não houve de nossa parte uma preocupação com a *veracidade* dos relatos por duas razões: por sabermos que o trabalho com reminiscências pode apresentar falhas, esquecimentos, fantasias; e por acreditarmos que não há uma verdade única e absoluta. Existem sim, verdades singulares, interpretações e olhares individuais a respeito dos fenômenos ao nosso

<sup>18</sup> Sublinhamos que a entrevista semi-estruturada nos permitiu ter um eixo mais central, que foi seguido com todos os sujeitos, mas também nos possibilitou produzir novos caminhos no encontro com cada entrevistado.

<sup>19</sup> Vide Anexo 1.

<sup>20</sup> Vide Anexo 2.

<sup>21</sup> Vide Anexo 3.

redor. Cada um de nós, à nossa maneira, apreende tais fenômenos e os compreende de acordo com a nossa bagagem cultural, social, histórica.

O foco voltou-se para a riqueza dos relatos e para o que cada lembrança narrada representou, tanto para o narrador quanto para a pesquisadora. Trabalhamos com *versões* das vivências e dos acontecimentos, o que não significa representarem apenas uma perspectiva individual, já que esta é também informada pelo coletivo desde os primórdios das interações sociais. Assim, podemos afirmar que a versão é uma produção marcada pela coletividade e pela singularidade.

O levantamento, a revisão e a seleção bibliográfica pertinentes ao tema da pesquisa foram realizados, com a consulta de fontes literárias (livros, jornais, revistas) dos momentos históricos selecionados, focando nosso olhar nas questões referentes à infância e ao brincar. Utilizamos ainda, além das obras clássicas, revistas técnicas (nacionais e/ou internacionais), anais de congressos, relatórios e artigos de pesquisas, teses e dissertações já produzidas (publicadas ou inéditas) que mostraram-se relevantes a este trabalho.

#### ❖ QUADRO DE ENTREVISTAS<sup>22</sup>

Grupo	Nome	Idade	Nascimento	Profissão
01	Arinda	89 anos	22/02/1912	Dona de casa
01	Ana	86 anos	05/12/1915	Dona de casa
01	Aloysio	74 anos	18/01/1927	Engenheiro Químico
01	Apolônio	89 anos	09/02/1912	Coronel reformado do Exército
02	Tomás	57 anos	18/08/1944	Professor
02	João	55 anos	31/10/1946	Engenheiro
02	Ana Maria	60 anos	01/06/1941	Empresária
02	Eleonora	47 anos	09/09/1954	Professora
03	Ana Claudia	31 anos	20/08/1970	Psicóloga
03	Igor	27 anos	18/08/1974	Empresário
03	Luciane	28 anos	30/04/1973	Instrumentadora Cirúrgica
03	Reomar	28 anos	25/07/1973	Trabalhador rural

<sup>22</sup> Todos os participantes autorizaram o uso de seu nome verdadeiro neste trabalho. Termo de consentimento – Anexo I

## CAPÍTULO 2

### Lembranças, Histórias e Vivências

Como já fora destacado em nossa metodologia, as categorias adotadas neste trabalho para a análise das narrativas colhidas foram, por um lado, aproveitadas do próprio roteiro de entrevistas e, por outro, surgiram das falas dos entrevistados. A partir deste momento, além dos próprios narradores, apresentaremos trechos selecionados das entrevistas que nos permitiram ilustrar e debater cada uma das dez categorias estabelecidas (exceto a primeira, que é composta na íntegra pela apresentação pessoal dos pesquisados). Transformamos cada categoria em um tópico de discussão que, em alguns casos, apresentaram a necessidade de sub-tópicos complementares. São eles:

1. Os espaços de onde eu vim...
2. Quando eu era criança - liberdades e limites.
  - Parceiros de infância
3. Jogos, brinquedos e brincadeiras.
  - Cantos e contos
4. Ser criança nos dias de hoje: configurações e transformações.
5. Educando nossos filhos: a família em foco.
6. Contextos familiares: personagens e vivências marcantes.
7. O cinema, o rádio e a televisão: múltiplas vozes e imagens presentes em nossas vidas.

Cabe ressaltar que foram utilizados trechos selecionados das entrevistas realizadas, levando-se em consideração as categorias supra citadas para a composição deste capítulo, uma vez que o material coletado (narrativas) era muito extenso e não poderia ser utilizado por completo neste trabalho.



## 1. Os espaços de onde eu vim...

Neste primeiro tópico, o leitor conhecerá um pouco da história de cada um dos nossos 12 entrevistados, os contextos nos quais cresceram e foram criados, os personagens presentes e algumas experiências marcantes de suas infâncias. Deixamos esse espaço para que cada participante se apresente e narre um pouco suas lembranças e vivências. Começamos pelos integrantes do grupo 1:

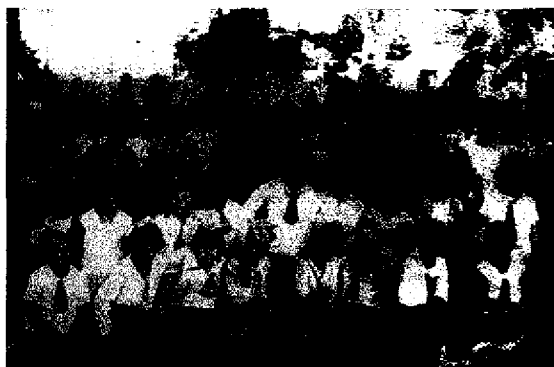
*Meu nome é Arinda, sou dona de casa e nasci em 1912. Passei minha infância em Casimiro de Abreu. Meu pai tinha fazenda, engenhos e comércio também. A fazenda era de café, tinha mandioca, tinha tudo. Plantava de tudo, tinha lavoura, verdura de todas as qualidades. Criava, mas não tínhamos gado, meu pai tinha medo de machucar a gente, sabe. Então eram só animais, cavalos, burros... a tropa para trabalho, né. Era pra*



*buscar e levar mantimentos nas casas dos fregueses. Ele tinha um comércio, secos e molhados com mantimentos, armarinho, louça. Tinha muita água a fazenda e tinha a roda d'água, tocava o engenho com ela. Tinham empregados que moravam lá conosco, né. Tinham sempre moças que a gente criava. Minha mãe criou oito moças e casou todas. Então a gente tinha elas como irmãs. A minha babá, Camila... eu tinha muito amor a ela. Ela me criou desde a mamadeira. Minha mãe adoeceu da vista e teve que vir para Niterói se tratar, na casa de uma tia, e aí quando voltou já voltou grávida de Lourdes. Nós somos muito próximas de idade. Então minha babá ficou ali me criando, por isso eu tenho muito amor a ela. Depois ela casou, foi embora e eu quase morri de paixão. Aí foi pro Rio se empregar, e minha mãe ficou tomando conta da filha dela porque é maior um pouquinho do que a minha irmã caçula, minha mãe também gostava muito dela e ficou tomando conta da menina. Aí depois, mais tarde, ela fez a moradia no Rio e levou a menina. Ela cuidou de mim até uns 5 anos. Quando ela casou, eu fiquei doente, deu febre, quando ela ia lá em casa eu agarrava na barra da saia dela, pra não ir embora, queria ir junto. Custaram a dar conta de mim, mas a vida inteira eu tive paixão por ela, porque ela foi muito boa pra minha mãe também.*

*Perdi meu pai cedo, senti muito, mas me conformei, procurei logo ir trabalhar, fazer as coisas... Não por necessidade, que eu tive um padrinho que foi igual a um pai, muito bom pra mim, não deixava me faltar nada e que fez tudo, até meu casamento... Era muito apegada a meu pai. Na hora do café, eu ia levar o café lá no trabalho dele, só pra estar junto com ele. Ele morreu com 44 anos e eu fiquei com 11, né. Meu pai tinha engenho e, de vez em quando, apareciam algumas meninas... Por sinal, eu cortei meu dedo por causa disso. Algumas famílias vinham fazer farinha. Meu pai dava a mandioca e cedia o engenho pra eles fazerem farinha, e eles deixavam um pouco pra nós, e levavam a farinha pra eles. E traziam as meninas. Aí nesse dia chegou uma porção de meninas, minha mãe tinha cozinhado banana, eu apanhei e fui levar pra elas e brincar um pouquinho. Desci o morro e fui brincar. Tinha um ventilador que pilava café que não estava funcionando, do lado de fora, e as crianças brincando com aquele ventilador, botava o dedo na hélice, e tocava assim... E eu também fui fazer. Aí me chamaram: "Arinda...", e quando eu olhei, eu parei, mas estavam tocando atrás e meu dedo cortou. Eu tinha sete anos.*

*Eu tinha uma outra irmã mais velha que eu que também era jeitosa, gostava dessas coisas, costurava muito bem, bordava muito bem, fazia crochê,... Eu costurava na máquina de mão direitinho,... Aí comecei a bordar também na máquina, e costurava, e dava pra tudo, logo cedo. Me interessava por tudo, né? Fiquei adulta muito cedo. Brincava na escola, de... Nunca gostei de brincar de pique nem subir em árvore. Eu gostava muito da minha escola, entrei com sete anos. Eu estudei até a admissão em Casimiro mesmo e minha professora era uma ótima professora. Ela não tinha a obrigação de me ensinar a admissão, mas como eu gostava muito de estudar, ela gostava de me ensinar. Eu ajudava ela a fazer sapatinho pra ela dar aos pobres e ela me dava a lâ. Eu também levava as coisas pra ela da minha casa, frutas... Eu gostava muito dela. Então ela me ensinou até a admissão, que era entrar para o ginásio. Entrei na escola com sete e fiquei até os onze anos. Meu pai morreu. Aí meu padrinho quis me levar pro Rio pra estudar, minha mãe não quis, porque os outros não iam poder estudar. Eu nunca fui teimosa. Não bati pé, não fui. Eu gostaria de estudar, mas não me fez falta, graças a deus. A minha professora queria que eu fosse professora também: "Eu quero te preparar pra você ir fazer o exame e já vai entrar... estudar pra ser professora". Eu gostava quando ela falava isso, mas ela mudou-se e o meu pai morreu. Eu fiquei deslocada. Se ela tivesse lá, não deixava não. Mas aí eu não teimei... A escola tinha 73 alunos. Ela ficava sozinha e eu a ajudava. Quando eu fui ficando maiorzinha, eu passava o lápis pras crianças passarem a caneta em cima, a e i o u, números, ensinava a tabuada, ajudava muito ela também. Eram todos na mesma sala e ela dominava todo mundo. Nunca vi uma pessoa assim. Ela dispensava os mais atrasados primeiro, e aí ia ficando com os mais adiantados. Eu era a última que saía, porque ela me ensinava um programa maior. Senti muito quando ela saiu. Ela queria me formar professora, (risos) porque ela disse que eu tinha jeito. Mas eu não tenho... Nunca me fez falta porque Deus me deu muitos filhos, e eu não ia querer ser uma professora faltosa, né, então eu ia sofrer muito.*

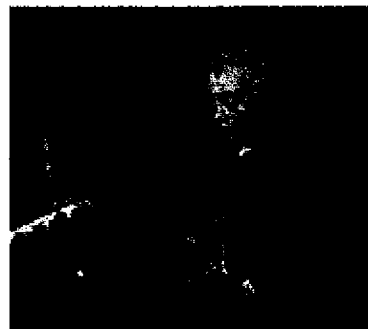


Me chamo Aloysio, sou engenheiro químico e nasci em 1927. A primeira fase da minha infância foi passada em Mar de Espanha, onde eu nasci... sendo essa fase de 27 até 1930. Três anos, em que eu morava com pai, mãe e dois irmãos. A cidade era de 5 mil habitantes na época. ... Era uma casa grande, num terreno grande, pomar, descendo até o ribeirão São João. Tinha lá um automóvel Ford, dois cavalos, ... Um deles era branco e se chamava abacaxi (risos). E um burro, Vinicius (risos). Isso tudo era pra uso do meu pai, que era o único médico ali da região. Então pra atender a clientela toda, os fazendeiros, as populações rurais, ele tinha a necessidade de isso tudo, né?... Essa cidade é muito bonitinha e está fazendo 150 anos. Era uma cidade muito

importante na época do café... em Minas Gerais. Café, produção de café, leite e mármore. Era uma época de transição na sociedade e uma mecanização crescente. O automóvel, né, que com a crise econômica americana de 1929, eles exportaram pra cá automóveis baratíssimos então muita gente na cidade tinha automóvel... Ficou acessível pro interior, pro pessoal que lidava com o café, o leite, o açúcar, na subsistência direta da terra, vindo daí oficinas mecânicas... Quando houve a Revolução de 1930, nosso pai foi perseguido, porque a política lá era muito radical. Embora tivessem vários partidos políticos, tinham dois partidos mais tradicionais: Jagunços e Jacobinos. Quando os Jagunços estavam com a força, punham os Jacobinos na cadeia. Embora a Revolução de 30 fosse no Rio Grande do Sul, meu pai foi preso, e mandado para a cadeia de Porto Novo, que era uma cidade próxima e maior, junto com vários outros membros da família, né. Nós continuamos em Mar de Espanha porque a família por parte da minha mãe era grande, nós tínhamos outros tios, avós... Creio que esse negócio durou uns trinta dias. Não foi grande coisa, mas foi o suficiente para revoltá-lo muito. De modo que quando ele saiu, ele não quis mais permanecer em Mar de Espanha e veio para o Rio de Janeiro. Então ainda em 1930, houve a mudança para o Rio, entende? Viemos morar em uma casa de vila no Leme. O mar foi um choque! A viagem de trem... daqui então vem umas lembranças, né? ...a cidade grande... (pequena pausa) O mar... Agora o mar de verdade, não era mais o Mar de Espanha. (risos). Nessa vila, nós moramos até 1932. O Jardim de Infância... eu devia ter uns cinco anos de idade, e era próximo de casa. E tinha a praia, e com ela começou uma série nova de brincadeiras. Era banho de mar, catar tatuí, isso tudo eram coisas novas pra nós. Na praia, a gente jogava peteca, jogava bola... (risos) tinham esses brinquedos assim. Um espaço aberto, né... Ai, depois, minha mãe adoeceu e nós retornamos à Mar de Espanha, em uma outra fazenda próxima, que era de tio-avós, em Benjamin Constant. Fomos morar nessa fazenda, por cerca de um ano, alternando com parentes em Mar de Espanha, fazenda em Benjamin Constant, e isso foi o que se estendeu nesse período de 32. Lá em Benjamin Constant era uma fazenda tradicional mineira, né. Tinha a casa da fazenda e mais retirado um pouco tinha um curral grande com o gado... A fazenda tinha um pomar grande. Era uma fazenda de produção. Tinha uns galinheiros muito grandes, com galinhas de raça... galinhas le gore, galinhas rohde gigantes e galinha carijó. Tinha gado também, gado leiteiro, cavalo, burro, né, que faziam parte do ambiente todo. Ainda em 32, acabamos mudando novamente pra Mar de Espanha e dessa vez, morando com tios. E essa convivência com a natureza, nas fazendas, era muito importante, né, porque a gente ali participava da criação, nascimento, vida e morte de tudo... (risos). O acasalamento, o cruzamento, nascimento, né, o chocar os pintos, os pombos, as aves, os cabritos, cachorros, gado, cavalos, égua, tudo isso, o boi, o touro, o porco, a gente participava desse negócio todo. Os filhos do padeiro. Eu rachava lenha pra padaria, eu rachava lenha pra casa, ajudava a fazer pão... (risos), trabalhava junto com eles... O garoto lá que o pai era carpinteiro, a gente queria que ele fosse brincar com a gente, chegava lá e ele estava trabalhando, aí a gente ajudava ele a acabar a tarefa e ele saía com a gente. A mesma coisa com os filhos do padeiro. A gente ajudava a acabar a fornada e depois eles iam com a gente. Jogava futebol na rua, brincava de perna de pau, de bola de gude, pião, mocinho e bandido, pique, brincar de esconder, e já entrava também os cavalos. Eu e meu irmão ganhamos cavalo. Aos 9 anos, eu ganhei um cavalo, com o meu irmão e nós mesmos amansamos ele. Nós éramos criados num regime de liberdade extrema. Naquela época tinha temporada de tudo, de pião, de papagaio, de bola de gude,... E marcava muito. Eu ainda não tinha idade pra entrar pro grupo, mas eu ficava sozinho em casa, e então eu pedia, pedi e apelei pra entrar pro grupo. A diretora era minha prima, e eu sabia ler e escrever tudo, e ela me deixou entrar. Eu entrei com 5, mas a idade regular era 6 anos.

Em 33, quando eu tinha 6 anos, minha mãe morreu. Eu estava em Mar de Espanha e meus pais morando no Rio, né, porque ela estava doente... Ela teve uma depressão profunda, naquele tempo chamava-se de melancolia profunda e que não tinha remédio. Mesmo meu pai sendo médico, ela acabou morrendo. Adoeceu em 32 e em 33 ela morreu. Ele continuou aqui, nunca mais voltou. Só ia nos visitar lá. Foi extremamente marcante. Moramos com os tios nessa parte toda da segunda infância. Ai, em 36 a gente veio para o Rio, a mamãe tinha morrido e a gente veio para um colégio interno. Outro ambiente, muito diferente... A gente sempre voltava nas férias: junho, fim do ano... (pequena pausa) E aí foi tendo nova vida, né? Eu tinha 10 anos quando a gente veio pra cá. Colégio interno lá em Niterói, no Colégio Salesianos. Eu e meu irmão. A minha irmã ficou na Sacre-Coeur de Marie, lá em Copacabana, ao lado de onde a gente morava. Meu pai casou de novo, a nossa madrasta era paulista, então o pessoal tinha fazenda em Ribeirão Preto. Nas férias a gente também ia a Ribeirão Preto, especialmente quando a gente já estava atingindo a adolescência... A família era grande, tinha uma eternidade de primos.

Meu nome é Apolônio, nasci em 1912 e sou coronel reformado do exército. Eu não queria ser militar, queria ser médico. Mas o curso na faculdade de medicina é terrivelmente despótico, prende o dia todo. Eu não podia trabalhar e estudar. Aí a minha mãe me sugeriu que seguisse os passos de meu pai no exército. Quando eu era bem pequeno, meu pai foi chamado para ser diretor do arsenal de guerra de Cuiabá, na capital daquele estado, e fomos morar em Corumbá. Era uma cidade muito quente. Uma cidade, no meu tempo, de 18 a 20 mil habitantes, à beira do Rio Paraguai, que é muito caudaloso... tem dois mil e tantos quilômetros de percurso, todos eles navegáveis, né. Paraná tem as suas sete quedas... E ao mesmo tempo diante da cidade de Paraguai-Mirim, que dá um abraço no rio... Com pequenas montanhas ao lado, com as minas de manganês perto da cidade. Num lugar chamado Urucum. Então é uma série muito rica pela natureza, a cidade baixa, cidade alta... Alta relativamente. Uns 200 metros. E uma grande tensão entre os jovens para a poesia, para a cultura, com características de uma cidade em que praticamente a economia era muito restrita à pecuária do município, aos elementos que seriam pré frigoríficos, onde a carne da pecuária era trabalhada, e um comércio muito forte. A cidade era bem movimentada. Um porto comercial... Perto de casa nós tínhamos não uma favela, mas um centro de refúgio de miseráveis. As crianças de lá viviam brincando conosco. E não tinha o menor problema. Eu penso que a infância era olhada não com o carinho necessário, mas havia instrução, havia cuidado com a saúde... E tinha, digamos assim, a abrangência com a sociedade. Entre as crianças elas circulavam bem, né...



Meu irmão mais velho era contador independente e um tenentista, nos anos 20... Em 1924 ele apoiava o movimento tenentista, a rebelião, etc e tal. Ele era dezesseis anos mais velho que eu. Minhas irmãs eram todas elas professoras primárias... eu era o caçula. Eu era um bom aluno. Estudei em uma escola muito simples, onde minhas irmãs eram professoras. A Amélia foi minha grande professora na escola municipal. Na outra escola primária, eu tive professores paulistas que vinham para ajudar o trabalho de educação no Mato Grosso, tive professores extremamente solidários, amigos, firmes, muito capazes. Eu me lembro de dois livros que em parte se tornaram clássicos, e que meu irmão trouxe pra casa. Eu tinha uma avidez muito grande pra conhecer as coisas. Um era O Homem que Ri, de Victor Hugo, e um livro de Euclides da Cunha.

A tradição é mais forte no interior, né. Isso não impedia que nós tivéssemos uma infância extremamente feliz, ao mesmo tempo moleque de rua e bom aluno. Sempre fui bom aluno. E também, ao mesmo tempo, mesmo sem que a minha família particularmente me negasse algumas coisas. O desejo de buscar o mundo, de conhecer as coisas... A curiosidade infantil são motores muito fortes. Então eu gostava muito de cinema. E meu irmão me pagava a entrada de cinema, né. Não era uma coisa cara não. Nós tínhamos um pouco de busca de arte em casa. Havia uns melodramas, que a minha mãe gostava muito. Éramos artistas. As visitas eram a platéia, porque ia ser representado. A gente representava na sala. Eu me lembro da Doida de Albano. Coisa italiana, esse nome. Ou então eu gostava muito de poesia. Eu também fazia versos desde 10 anos e publicava na imprensa local, que era muito solidária, muito camarada... Era aberta, sim. Eu me lembro que no fim do ano eu gostava de recitar peças... Nós fazíamos as nossas sessões literárias em casa. (risos). Os vizinhos iam, amigos dos meus pais...

Tolerância, visão da democracia, da liberdade, da solidariedade... era o que meu pai tinha e passava pra gente. Ele era um homem que respeitava profundamente seus soldados, oficiais do exército, seus companheiros de armas. Não permitia que se duvidasse deles ou que se cerceasse as suas liberdades. Acontece que havia o problema das eleições nos estados e num período ainda mais atrasado na nossa história, digamos assim, 1912, 14, 15, etc e tal... A força do poder executivo para impor os candidatos nas eleições estaduais era muito presente, muito imperiosa. Como meu pai tinha muito prestígio e um ambiente favorável dentro da caserna, alguns dos senhores da situação propuseram que ele instigasse os seus soldados a votar em tal candidato, dizendo "você é capitão nesse momento, nós vamos ajeitar para que você seja promovido a major em seguida e nós te daríamos de presente duas fazendas". Suborno às claras, mas era a época. Meu pai ficou muito revoltado. Voltou e pediu que tocassem, com clarim, o toque de reunir toda a tropa e contou. Ele disse "vocês são livres para votar em quem quiserem e ninguém toca em um sequer de vocês". Mas também a resposta não demorou porque seis meses depois meu pai já estava reformado.



*Me chamo Ana, mas muitos me conhecem apenas por meu apelido: Nimi, sou dona de casa, nascida em 1915. Passei minha infância em uma fazenda, no Norte Fluminense, em Itaperuna. Naquela época, era a Fazenda Aparecida, hoje é Nova Grécia. Ah, esse lugar era muito bom, muito saudável. Tinha muitos pomares de tudo quanto era fruta. Tinha esse terreiro de pedra enorme que existe até hoje, onde secava o café colhido e nós brincávamos por ali. Colhia muito café. Nós andávamos de carro de boi... Desde pequeno a gente andava a cavalo e sempre acompanhada por uma pessoa que pudesse nos ajudar a qualquer momento que precisasse, tinha sempre um senhor nos acompanhando. Papai não nos deixava ir sozinhos, era sempre com esse senhor que se chamava Eudócio. Ele nunca saiu daqui da fazenda, sempre trabalhou aqui com*

*os cavalos. Ele amansava os cavalos, tratava dos cavalos,... Ai a gente saía pra passear com ele, nos lugares mais próximos, ali onde hoje é o Raposo. Naquele tempo era um lugarejo muito pequenininho, mais tarde é que apareceu a Água Raposo. Nós éramos pequenos, tínhamos 5, 6 anos. De vez em quando a gente passeava pelas terras, tudinho aqui, ou ia a cavalo ou de charrete. Mais a cavalo, pois papai gostava de andar a cavalo. Mas ele não ia conosco, só quando, por exemplo, ele ia de charrete e chamava a gente, isso depois de muito tempo, eu já era mais velha, já estava casada, mas quando criança não.*

*Papai nunca vendeu café por aqui. Depois que começaram a surgir os grandes compradores de café é que compravam das fazendas daqui. Papai vendia pra eles, mas antes deles virem pra cá, ele mandava pro Rio. Tinham aqueles vagões grandes e naquela época muita gente mandava vender no Rio. A locomotiva ia com aquela porção de vagões cheios de café. A fazenda era muito boa, e sempre com muitos parentes, os primos, os meus tios, que estavam sempre aqui na fazenda. Eles moravam em fazendas próximas, fora daqui, perto de Miracema. Na nossa fazenda morávamos nós, os filhos - cinco homens e duas mulheres: os homens eram Wilson, José, Balbino, Francelino e o Itamar, e nós... eu e Chiquita. Ana e Francisca, o nome das avós - papai e mamãe, e tia Teresa, que era tia do papai. Ela é que tomava conta da casa, né. Ela que olhava a casa, ela tornou-se uma governanta. Papai trouxe ela pra cá, ela era viúva, e papai fez o casamento de todas as filhas. Menos uma, a Julieta, que era mais moça, que não era uma moça assim... não era equilibrada, era doente. Uma foi pra Natividade, outra foi pra Lage, uma foi pra Bela Vista, fazenda lá, que era naquela época do meu tio França, foi pra Bela Vista. Meu tio levou o casal pra lá. Essa moça que foi pra fazenda do meu tio com o marido, antes de se casar era a minha babá. O nome dela era Maria, apelido Santa... A Santa é que tomou conta de mim quando eu era pequena, porque mamãe teve uma fase muito doente. Ela dormia comigo, não sabe... tudo era comigo. Basta dizer que toda manhã vinham os baldes de leite da fazenda pra gente tomar. Ela tirava não sei quantos litros de leite pra me dar o banho. Ela dizia que queria que eu ficasse muito branquinha, né, e mexiam comigo por isso. "Essa daí toma banho de leite, é por isso é que é branquela". Meus irmãos mesmo mexiam comigo sobre isso. Ai ela ficou até casar. Na noite do casamento dela, eu comecei a chorar, porque fiquei sem ela, pra dormir comigo. Ela foi lá no quarto, me apanhou e me levou pro quarto dela. Dormi no canto da cama dela. Com a mamãe doente, me agarrei muito a ela, né.*

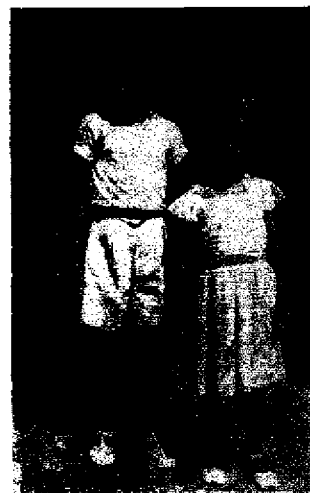
*Meus irmãos foram todos internos no Rio. A Chiquita lá na Tijuca, no Regina Celi. E os meus irmãos, lá no colégio Brasil, em Niterói. Eu aqui, em Lage, num colégio interno aqui que tinha aqui em Lage, que eu fiquei um ano, porque com 9 anos mudamos pra Niterói. A Chiquita teve uma crise de apêndice no colégio e quase morreu, aí não ficou mais interna. Foi antes da gente mudar pra Niterói. Foi operada de apêndice supurada. Você vê naquela época para chegar uma notícia, um telegrama demorava... Chamaram papai e mamãe. Nossa! "Chiquita mal", "Chiquita operada", "Chiquita melhor". Três telegramas de uma vez só, foi aí que eles souberam porque não tinha telefone de lá para cá. Às vezes, as notícias demoravam dois dias, três ou mais, porque não tinha telefone, o telegrama custava muito pra chegar. Eu tinha um irmão, o José, que precisava de banho de mar. Os médicos lá do Rio, disseram que ele precisava disso por causa de uma dor que ele sentia na perna. E curou com banho de mar. Não tomou mais remédio. Eu tinha acho que 9 ou 10 anos, e ele menos um ano. Papai já tinha levado ele ao Rio, a diversos médicos, e nada resolvia, até que o último médico falou "Olha, Sr. Balbino, leva esse menino pra tomar banho de mar, compra uma casa em Niterói ou no Rio, em Copacabana, e mudam todos pra lá, pra ele poder tomar banho de mar". E assim foi. Papai comprou uma casa ali na Paulo Alves. Eu lembro tanto daquela casa, era grande... no Ingá. Depois, ele comprou aquela da Pereira Nunes, nº 77, onde hoje é um edifício. Moramos muito tempo ali.*

Agora, os narradores do grupo 2:

*Meu nome é Ana Maria, sou empresária e nasci em 1941. O lugar que eu cresci era um lugar simples, mas com muita vida externa. Existia todo um costume da região, os festejos: todas as épocas eram comemoradas... Eu tinha amigos, pessoas que depois que eu me afastei, mudei de estado e eu não consegui mais recuperar o contato, porque eu não sei mais onde elas vivem. É como se passasse um filme assim na minha frente, eu tivesse vendo inclusive os hábitos de vestir, a minha mãe... A minha mãe, por exemplo, no carnaval, isso eu era bem pequenininha... Pra cada dia do carnaval, ela fazia uma fantasia diferente pra mim. Me lembro como se fosse hoje. Eu me fantasiei de tirolesa, de havaiana, de índia,... Eram 4 fantasias, que assim na minha memória estão frescas. A tirolesa era muito bonita, era um short de cetim verde, uma blusa de cetim branca com umas alças verdes, um chapeuzinho de tirolesa... Mamãe tinha um compromisso comigo. Todo dia, depois que me vestia, ela me levava pro centro da cidade pra eu dançar o frevo. Pra mim, o carnaval era aquilo. Era botar a minha fantasia... Ir pra rua dançar o frevo e voltar pra casa. O Natal lá é muito conhecido o Pastorio, e eu cantava e dançava. O Pastorio tinha o cordão azul, o cordão encarnado e tinha a Diana. A Diana era a pastora. Toda uma encenação. Tinha a dança da borboleta... Eram mais de 100, 200 pessoas assistindo. No bairro que eu morava, eu participava também de corridas pela escola, ovo cru na colher... e eu ganhava prêmio. Tinha também que colocar a linha no buraco da agulha... os meninos ficavam parados, você corria mais ou menos 50 metros com a linha e chegava junto do seu parceiro pra ver quem colocava primeiro a linha na agulha. Brincadeiras sadias daquela época, que hoje você não vê mais. Eu sempre fui participante, sempre gostei de desafios. Tinha o horário do recreio, tínhamos bons amigos, bons colegas... Todo mundo sentava, ficavam contando história, contando casos das famílias, e tudo aquilo ali você vai absorvendo. Aquilo ali é riqueza. Quando eu era menor, logo quando eu comecei, tinham as brincadeiras de roda, que hoje em dia ainda se, digamos assim, muito poucas crianças brincam de roda. Mas naquela época se usava muito esse tipo de brincadeira. O esconde-esconde, nós brincávamos também, sempre na hora do recreio. Porque na época que eu estudei, eu tinha inglês, francês, latim, educação doméstica, e eu tô falando de educação pública... Você tinha aulas de música e das outras matérias necessárias, geografia, matemática, etc... Tinha desenho, desenho artístico. Na época, mamãe tinha que fazer viagens pro Rio porque ela era funcionária pública na época. E ela às vezes me mandava pra casa de uma tia dela, que tinha fazenda no interior. Não me lembro bem qual era o local. Eu pegava o trem, e pra chegar até onde era a fazenda, tinha um ônibus pequenininho da cidadezinha que me levava até lá. Nas férias, minha mãe me mandava pra lá. E lá tinham momentos que me marcaram muito a infância. Ela era uma pessoa muito orgulhosa, de muito dinheiro, e eu era a sobrinha pobre. Na hora de sair para os lugares, eu ficava em casa. E eu me lembro que tinha um quarto onde eu dormia, eu ficava no escuro na rede e eu tinha muito medo. Então isso também me marcou muito, essa época. Eu ia sozinha pra lá. Minha irmã, a Angélica, ficava na casa da minha avó por parte de pai, que era portuguesa. Mamãe dividia, entende? E lá nessa fazenda tinham crianças que eu brincava... Ela saía e nem sempre me levava. Só quando estava de bom humor que ela deixava eu ir pra igreja cantar, e essas coisas todas. Eu não ficava muito tempo lá, mas eu me lembro que havia esse isolamento, porque eu era a sobrinha pobre... Não gostava de ir pra lá, eu ia porque mamãe precisava que eu fosse. Permanentemente eu ficava com minha irmã. Porque Angélica sempre foi uma pessoa muito doente. Então ela nunca trabalhou, digamos que ela era dona de casa. Só estudava e ficava em casa. E tinha uma negra, o nome dela era Maria Preta, era da época dos escravos, e ela ajudou muito à mamãe quando eu era pequena. Ela ia toda quinta-feira na nossa casa. E quando eu era pequena eu era lourinha, lourinha, e ela entrava gritando "loura barata". Quantos anos eu teria na época de Maria Preta? Uns 12, 10, sei lá, foi no início dos anos 50, por aí. Quando veio a minha mudança de Recife pro Rio, o álbum de foto da família perdeu todo, porque caiu numa ribanceira e depois num rio. Mas eu tinha as tranças loirinhas assim, sabe. Me lembro dessas fotos. Lembro de mim sentadinha numa cadeira com Angélica do meu lado em pé. E Maria Preta fez parte da minha infância. Ela chegava na minha casa e fazia aquelas rendas, aquelas anáguas embaixo dos vestidos. Me lembro que mamãe fazia uns vestidos largos pra mim. Botava goma, e ficava aquilo todo armado. E Maria Preta pegava linha barbante e fazia as rendas da barra da minha saia com barbante. Minha mãe era uma pessoa muito boa de coração, ajudava as pessoas na rua, tirava gente da cadeia que brigava, mamãe era uma pessoa que tinha pena de todo mundo. Ela só tinha uma coisa, minha mãe era racista. E eu tive muita briga com ela, porque ela tinha esses problemas, até com algumas empregadas que ela teve, mas com Maria Preta ela não era. Minha mãe amava Maria Preta, incrível, não é. Eu me lembro muito bem disso.*

*Eu tive trauma de guerra, porque nasci em 41 e a guerra terminou em 45. Mamãe viajou comigo e com a minha irmã num avião com comboio, de Recife pro Rio. Meu pai tinha se alistado e ela veio tirar ele. Ele se alistou e ele era arrimo de família, ele tinha mulher e duas filhas pequenas. Ele não gostou muito disso não, mas ela o tirou, ele ia pra guerra. Ai então voltamos pra Recife. Eu escutava notícias no rádio, na época era o Repórter Esso. Eu saía da minha cama e me escondia na cadeira de balanço de mamãe, com medo, porque só davam notícia da guerra. Até uns 10 anos, eu vivia mais com a minha mãe, eu era muito companheira dela. Eu tinha dois anos quando meus pais se separaram. Eu tinha contato com ele, sempre tive até ele morrer, mas não assim muito chegado, muito freqüente.*

Meu nome é Tomás, nasci em 1944 na Espanha. Sou professor. Lá onde eu nasci, o meu universo era muito pequeno, a cidade em que eu morava era pequena. A região era uma região muito úmida, com verde e tal, mas beira de mar, e as brincadeiras de lá eram brincadeiras de começar a jogar bola com bola de borracha, aqui no Brasil a bola era de meia, mas tinha também bola de borracha. O terreno lá era um terreno com pouca grama, mais seco, e aqui era totalmente pó. Aqui as pessoas jogavam futebol descalças, e lá não, era sempre calçado, com aquela sandália de fivela, mas andar descalço aqui, pra eu imitar as pessoas era muito sofrimento (risos). Andar descalço era uma coisa muito agressiva pra um pé que não estava acostumado com aquilo. E quando eu vim para o Fonseca, na realidade a rua em que eu morava ainda tinha terra, eles calçaram e colocaram paralelepípedo depois. A década de 50 na Espanha foi pós-guerra e o pós-guerra lá demorou. E se demorou nas capitais, no interior, então, pior ainda, então houve muita dificuldade de alimentação, coisas racionadas, alimentos racionados. Então a vida era bem, bem difícil. Embora papai fosse um batalhador, pra nós nunca faltava, mas havia restrições. Açúcar, café, não tinha esse negócio não, pão, pão branco, era difícil de encontrar pão branco. O rádio lá também era uma coisa difícil de alguém ter.



A maior parte da infância foi no Fonseca, período de 8 a 11 anos. Era um lugar tranqüilo, onde eu conheci a maneira brasileira de ser e de viver que era diferente lá da Espanha. E pessoas novas, hábitos novos, maneira de comer diferente, maneira de vestir diferente. Então eu creio que passei a minha infância participando, mas ao mesmo tempo, com dificuldade de entender. Então era entender, adaptar, participar, não é? Uma coisa assim, até que com o passar do tempo, creio que demorou bastante tempo, pra haver uma integração, que não foi muito fácil em função da família, não sei se isso te interessa... Mas em função da família manter ainda certos hábitos lá da Europa. Hábitos alimentares, hábitos de tudo em geral. Mas foi uma época interessante. Eu aprendi muito e tive dificuldades de algumas adaptações. Eu tinha estudado na Espanha, então os heróis lá eram El Cid Campeador, que era um cara com espada e cavalo que expulsava os mouros. E aqui era Araribóia, um índio pelado, não tinha nada a ver. Essas coisas de saci pererê, esses contos de criança, eu até hoje não entendo. (risos) É porque quando eu comecei a tentar entender o saci pererê eu já não era mais criança, aquilo não me foi passado verbalmente, como por exemplo, os meus netos já devem ter ouvido. Então pra mim saci pererê é uma coisa absolutamente ilógica, mula sem-cabeça, isso não tem o menor, (risos) nada, isso é um negócio absurdo, um negócio doido, completamente maluco. Olha, lá na Espanha tinham histórias de crianças que eram semelhantes a essas estórias que a gente lê dos Grimm e essas coisas assim, sempre tendo a bruxa e as coisas más e a fada e as coisas boas, creio que é uma coisa meio universal. Agora eram contos e histórias muito adaptadas à situação européia. Assim como esses personagens que eu citei do saci pererê são coisas muito regionais. Difícil de entender essa coisa meio fantástica do cara com uma perna só andar, é um negócio inimaginável. Papai trabalhava fora, mas sempre que estava em casa fazia questão de nós estarmos juntos. Era um cara extremamente carinhoso. Mamãe era uma pessoa mais reservada, o carinho dela era um pouco mais bruto. Eu sempre tive com o meu pai uma relação muito próxima, e com mamãe, uma relação um pouco mais distante, mas muito carinhosa. A minha irmã Susana é 17 anos mais nova do que eu, então, eu não brincava muito com ela. A outra, a Conchita é um pouco mais nova do que eu, mas não temos muita afinidade desde pequenos, pra brincar, coisas assim. Brincávamos juntos, mas quando não havia outra opção. O tipo de brincadeira, que eu me lembro, era reproduzir no quarto lá de casa o ônibus: a gente entrava no ônibus, eu era o trocador... Aquele negócio de puxar, pra parar no ponto, jornal imitando dinheiro, que os trocadores botavam entre os dedos pra poder dar o troco, isso eu me lembro de brincar com ela. Aquilo era novidade, porque lá na Espanha a gente não andava de ônibus. A cidade era pequena, a gente andava a pé. Não tinha bonde lá. Quando não estava na escola eu trabalhava, meu pai me colocou pra trabalhar na oficina de um espanhol lá no Fonseca, exatamente pra que eu não ficasse com tempo livre demais, para que eu não ficasse sem fazer nada. Mas obviamente isso demandava um tempo pequeno, depois eu ia brincar na rua.

Lá perto de casa, passava um rio que vinha da Alameda... não era muito limpo, não. Captava água pluvial, mas tinha peixes pequeninos que nós pegávamos com uma lata furada, isso tudo tecnologia lá do pessoal da área. E eu não tinha aquário, mas eu pegava os peixinhos... não lembro que cabo eu dava dos peixes depois não. Lá na Espanha eu era o menor. Tem que lembrar que quando eu vim pra cá eu estava com quase oito anos, então as lembranças de lá são, acredito eu, entre quatro e sete por aí. Então eu me lembro de sair de casa pra brincar com colegas no jardim, tirar uma flor e trazer pra minha mãe e quando cheguei em casa o guarda estava parado reclamando que eu tinha tirado uma flor do jardim. Isso é uma coisa inimaginável. O jardim era público e não privado, e eu não tinha o direito de tirar a flor. Essas coisas que aqui são inimagináveis, alguém te repreender porque você tirou uma flor. Então são atitudes diferentes, são culturas diferentes. Lá na Espanha eu tinha alguns amigos, eu cheguei a estudar lá até os sete anos. O colégio era pra aprender mesmo, não era recreação não. Eu ia pra uma escola. Entrei com uns 3 ou 4 anos. O fato é quando eu cheguei no Brasil, eu já sabia muita coisa. Eu já tinha um aprendizado de matemática e leitura em espanhol que foi muito bom, porque quando eu entrei aqui... Na verdade, eu fiquei seis meses sem estudar, porque eu cheguei em julho e não podia entrar no meio do ano, na escola pública. E quando eu entrei em março do ano seguinte, curiosamente eu fui o primeiro aluno da sala em tudo, história, geografia, português, não sei como, mas eu fui o primeiro aluno da turma, o ano inteiro. Eu fui aquele da fotografia no quadro de honra e aquelas coisas que existiam na época.



*Me chamo Eleonora, sou professora e nasci em 1954. Eu nasci numa casa no Fonseca, onde eu fui criada e essa casa era uma casa grande, tinha uma área verde grande, com muitas árvores, bichos, e a gente... O nosso dia a dia, meu e do meu irmão, dos amigos ali que moravam, da vizinhança, né, que todos eram casa, não tinham edifícios na rua, era muito assim no quintal. (risos). A palavra é essa, era no quintal. Então a gente subia muito em árvore, a gente brincava de pique, a gente tinha pique diurno, pique noturno, pique pega, aquelas coisas todas, muita brincadeira assim de batizado de boneca... (risos) Esse espaço eram casas, todas com quintal, todas elas com quintal, sendo que a nossa casa tinha um quintal que ia assim de uma rua a outra, era uma casa grande, né, e tinha também*

*uma areazinha de lazer na parte baixa da casa, que emendava com o quintal, que era assim uma área com pingue-pongue, com... sabe, jogo de botão, né, que meu pai gostava muito de reunir assim os amigos e os filhos na casa. Então nessa área reunia assim muitos amigos, que ia todo mundo pra lá, pra jogar, pra brincar ali... Sempre tinha um... Depois que a gente cresceu aí já tinha churrasco ali, tinha outras referências... Quando a gente era criança era basicamente o espaço ali de brincadeira, brincadeira mais infantil, batizado de boneca, como eu falei. Depois, com o tempo, isso foi evoluindo pra outros interesses. Eu vi assim... O pingue-pongue era uma coisa que foi assim até a adolescência, porque tinha campeonato, então ia a maior garotada, a gente fazia aquele campeonato e ficava até tarde, e não sei o que. O espaço mesmo era um espaço muito arborizado, o terreno era dividido em três partes, sendo que uma era com essa área que era coberta com brinquedos, não sei que, uma outra área que era uma área assim toda de árvores frutíferas e um outro espaço que tinha assim galinheiro... É, galinheiro. Tinha lugar de cachorro... Então a gente sempre tinha assim... Tinha uma chocadeira, tinha pintinho, tinha uma criação de pinto, e não sei o que, tinha um monte de contato assim com animal...*

*Eu estudei no colégio Brasil... Eu entrei com seis anos pra ser alfabetizada. Nunca frequentei escola antes. Lá eu fiquei até o ginásio, saí de lá pra fazer o curso normal no Pio XI, ali em Icará, e terminei o Pio XI e fui trabalhar. O colégio Brasil... É... Olha, o colégio Brasil era uma escola assim com uma área muito grande, uma área muito bonita, uma área muito arborizada, um prédio assim antigo, muito antigo, que eu acho até que é tombado hoje, né, um prédio histórico. O prédio principal era um prédio assim lindíssimo, com uma escadaria de ferro, sabe, e quando eu fui estudar lá era tudo separado. Pátio masculino, pátio feminino (risos), ainda tinha toda uma divisão... As meninas num pátio, os meninos no outro, era todo aquele desejo de ficar olhando por um buraquinho, o que tinha nos pátios, os meninos pras meninas e vice-versa... Mas era uma escola com uma área belíssima, né, a gente tinha muito espaço, apesar de não ter muita liberdade pra uso desse espaço, porque atrás da escola tinha assim uma área muito grande, arborizada, mas a gente só ia, por exemplo, no dia, com o professor de educação física acompanhando, entendeu... E não tinha liberdade nessa área, a gente ficava restrito ao pátio, o pátio do recreio. E tinha uma área assim também com ping-pong, com algumas coisas de lazer, mas que essa área não... Mas era assim, a gente tinha muito prazer de ir pra escola, de encontrar o grupo, o espaço da escola era muito interessante.*

*O momento da brincadeira na escola era mais na hora do recreio, porque a escola, ela tinha uma disciplina bem rígida, então a gente não podia sair, não tinha nenhuma aula vaga. Por exemplo, era restrita a um pátio, você só podia ficar naquele pátio, entendeu... Você não podia sair... Então a gente tinha todo um desejo de ir pra essa área que era maior, mas era uma área proibida... (risos). Entendeu? Era uma área proibida. Às vezes o professor de educação física levava assim pra uma caminhada, pra uma coisa, mas era uma coisa eventual. Mas era um espaço muito bom.*

*Eu estudava até quarta série, à tarde. Depois quinta série passando pra de manhã. A gente acordava, tinha o dever pra fazer, minha avó tomava a tal da lição, tinha um livro que tinha que ler pra ela, e aí a gente fazia o dever, e o tempo que tinha antes do banho e do almoço era quintal. A gente saía correndo (risos) pra quintal, pra brincar... E quando chegava também. Na frente da minha casa também tinha uma área assim cimentada, então a gente andava de patinete, de... (risos). A rua no começo era de paralelepípedo, porque passava bonde. Então a rua tinha um trilho, né, era toda de paralelepípedo, e passava um bonde. Depois de um tempo, quando eles tiraram o bonde, é que asfaltaram. Eu tive assim uma infância muito tranqüila, meu pai era uma pessoa assim que era uma pessoa firme nos limites, mas era uma pessoa assim muito afetiva.*



Sou João Eudes, engenheiro, nascido em 1946. Eu cresci na cidade de Aracati, uma cidade pequenininha, morava numa vila. Era até um setor privilegiado, com uma condição social melhor... Eu estudava num colégio chamado Colégio Marista de Aracati, que era o mais representativo da cidade, era religioso e só estudavam meninos lá. Isso aí já seria mais ou menos da fase de 5, 6 anos. Ele tinha um multi campo de futebol, várias quadras de futebol de salão, piscinas, horta, criação de abelhas... Nesse campo, também eram marcados jogos oficiais, de campeonato do estado, né. Então, por exemplo, se tivesse a seleção de um outro local, pra jogar com a seleção de Aracati, jogava lá. Muitas vezes eu não tinha ingresso, eu tinha que pular com um outro colega, aí a gente armava um esquema. Estudava ali, e sabia os pontos falhos, fracos, de onde e como poderia burlar aquilo. A gente não queria ficar de fora.

O meu tempo de brincar era muito mais relacionado com o colégio porque, eu atribuo a uma questão de filosofia dos meus pais, com aquele cuidado, aquela coisa toda, não me deixavam, quer dizer, eu não fui muito de rua, né. Na realidade, essa minha infância ficou restrita assim: dos 6 anos pra cima, que eu tenho lembrança, até 12 anos, foi exatamente nesse colégio. Então lá eu me envolvi, e eu só digo que era um pouco artificializado, não era nem muito a minha realidade no mundo da cidade, porque esse colégio ele agrupava o pessoal socialmente mais privilegiado da cidade. O meu pai tinha a condição mínima de me botar estudando naquele colégio. Eu era o único dos irmãos que estudava lá. Naquela época, ainda tinha esse certo preconceito de priorizar a formação do homem, ou pelo menos, assim era na minha família. Não em detrimento, porque todas as minhas irmãs estudaram, não foram só donas de casa. Todas estudaram até onde foi possível ou do interesse de cada uma. Mas nesse momento, como eu sou o segundo filho, então a minha irmã mais velha ficava em casa ajudando minha mãe... Até porque eu acho que se um outro irmão estivesse na mesma condição minha, meu pai provavelmente não iria ter condição de bancar dois. Eu lembro, nessa fase, tinha um lugar que hoje é uma praia famosa, mas naquela ocasião, o local ainda era muito primitivo, né... Canoa Quebrada. Eu não tinha mais o meu avô por parte de mãe. A minha mãe foi criada nessa cidade, Canoa Quebrada, a raiz da minha mãe era lá. Eu lembro que nessa fase, entre 8 e 11 anos, já me considerava homenzinho, e por algumas dificuldades financeiras que tivemos, eu tinha que ir pra Canoa Quebrada, pra pegar peixe. Porque o meu avô materno, enquanto vivo, ele teve uma quantidade de jangadas, que serviam para a pesca. Aí ele morreu, mas ficaram parentes que ainda mantiveram essa cultura. Então eu lembro que eu ia exatamente depender de favor, andava a pé algumas léguas, era uma distância cansativa. Eu lembro que eu ia com uma pessoa adulta, que minha mãe tinha confiança... aí eu trazia uma quantidade de peixe. Só pra consumo, entende? Então essa coisa também ficou marcada em mim enquanto criança.

Aracati é banhada pelo rio Jaguaribe, e nesse rio eu fiz algumas incursões, muitas vezes eu saía de casa, mentindo, né, porque a minha mãe... sabe como é mãe, né. Eu lembro que eu saía e dizia pra minha mãe que eu ia pra casa de um parente. Eu tinha uns parentes que moravam muito próximos desse rio. E, na realidade, com esses primos eu tinha uma boa relação, que eram da minha idade e eles também jogavam bem. A gente brigava muito, a gente tinha algumas diferenças, né, então a gente tirava os recalques ali. Porque os caras eram bem de vida... não sei se isso tinha alguma relação, indiretamente, né. Brigava muito, mas a gente nunca se esganava. Dependendo das situações, o rio estava mais ou menos perigoso, dependendo da correnteza... E muitas vezes eu lembro que eu ia com um primo meu. E eu nadava bem, né. Esse foi um ponto da cidade que eu usei com uma certa frequência fora do colégio. Poderia dizer o seguinte: esse rio, um mercado tradicional que ficava em frente ao colégio, negócio assim de 300 metros. Esse mercado era um mercado variado, né. Ele tinha peixaria, no nosso linguajar do interior era bodega, que aqui se chama armazém... Então aqueles vários quiosques divididos. Os tempos que eu tava mentindo pra minha mãe, eu tava de bobeira, circulando por ali ou tomando banho no rio. Era uma coisa assim bem ingênua, no sentido de brincar, de estudar,... Lembro de uma senhora, uma professora particular. Eu não tive esse prazer de estudar numa escola pública, nesse anseio da garotada, porque o meu estudo foi assim... Meu pai foi sempre mais distante, porque ele nessa época já estava aqui no Rio trabalhando. Eu imagino que a minha mãe deve ter me iniciado nas primeiras letras, aí depois, ao invés de me encaminhar para uma escola pública, eu fui estudar com uma professora particular. Eu ia pra casa dela, era uma senhora de idade... Eu lembro dos detalhes, ela não era casada, ela tinha a família dela, estruturada, no sentido de irmãs, ou qualquer coisa... E essa relação dessa senhora comigo foi tão forte, que ela se intitulava a minha tutora. Ela me chamava de garoto de ouro porque ela tinha orgulho do meu comportamento... Provavelmente eu devia ser um baita de um maurício, né. (risos) Ela fazia questão de assinar semanalmente a minha carteirinha da escola. A minha mãe ficava até com um certo ciúminho, mas no fundo, ela gostava. Seu nome era Ana Concelos. Naquela ocasião, tinha um negócio que se chamava admissão, hoje não rola mais isso, né. Ela foi a responsável por mim, pra me preparar pras provas... Antes ela me preparou o primário todo. Tanto que, quando eu fui para o colégio, eu já fui no primeiro ano ginásial. Naquela ocasião, chamava-se primeiro, segundo, terceiro, quarto ano ginásial, depois que vinha o primeiro, segundo, terceiro científico. Então ela pediu a minha mãe autorização pra ficar me acompanhando na escola, mesmo depois de eu não estar mais estudando com ela.



### E Finalmente, os participantes do grupo 3:



*Me chamo Ana Claudia, nascida em 1970. Sou psicóloga. Eu morava num condomínio residencial com 24 blocos de apartamentos, de quatro andares cada, sem elevadores. É um lugar muito grande. Eu tive uma liberdade muito grande na infância porque a gente descia e estava solto ali dentro. E tinham muitas crianças e muitas das pessoas foram morar lá muito pequenas. Eu fui morar lá quando eu tinha um volta de um ano e meio e saí de lá casada, quer dizer, vivi a minha vida inteira lá até pouco tempo. No Barreto. E lá tem uma coisa muito legal que eu acho que não tem em muitos lugares, é que as pessoas são muito próximas, os vizinhos são parentes, entendeu? As pessoas são muito juntas, as pessoas abrem a porta da casa do outro. Meus amigos de infância eu vejo até hoje, eles já estão com seus filhos, e no aniversário do meu filho a filha da vizinha foi com os filhos dela. Então cria um vínculo muito grande mesmo, até hoje eu tenho um certo contato com todas as pessoas que nasceram e viveram lá. E a gente até hoje se fala como uma grande família. Então, isso foi maravilhoso, as crianças se conhecem desde*

*sempre, brincam muito, então eu não tenho muito essa idéia de ter morado em uma cidade... De ter passado a infância dentro de um apartamento, eu não tive. O lugar é ótimo. As pessoas que não conhecem um pouco, têm uma idéia assim de violência, de pobreza... e lá não tem nada disso, pelo menos onde eu morava. As pessoas têm uma coisa muito boa de subúrbio, de companheirismo, de vizinhança, de estar mal e o outro entra na sua casa. E até hoje, eu fico tranqüila com a minha mãe, mesmo ela morando sozinha, porque ela tem os vizinhos amigos que estão sempre com ela. Se ela não está em casa, pergunta, procura e tal, então tem uma coisa muito unida mesmo. Isso foi realmente essencial para mim, para tudo.*

*Eu estudei desde o jardim até a oitava série no Instituto de Educação (IEPIC), aqui em Niterói. Quando eu não estava na escola... Olha, pequenininha eu ficava brincando lá em baixo, só que com 9 anos, a minha mãe me botou no balé. Ai eu ia para o balé e depois ia para a escola, de manhã eu ia ao balé e eu ia para a escola de Kombi, de condução, e isso realmente eu detestava porque como eu morava longe, eu era a primeira a ser pega e a última a ser entregue. O balé era duas vezes por semana, e quando eu não estava no balé, eu estava lá em baixo brincando, sempre, sempre. Quando eu chegava da escola, eu ficava em casa. Era raro, assim, só quando a gente fica mais velho é que a gente desce à noite, né? (risos). Mamãe trabalhava muito, os dois trabalhavam fora. Mas ela sempre levava no balé, eu tive uma empregada quando eu fui morar lá, eu tinha um ano e pouco e ela ficou lá até eu fazer oito anos. Ela era maravilhosa, até hoje me liga no aniversário, ela ia lá em casa fazer bolo no dia do meu aniversário, eu amo aquela criatura, sabe? Minha mãe trabalhava e ela ficava comigo, ela morava lá em casa, inclusive a segunda filha dela nasceu lá em casa. Meus pais chegavam do trabalho umas seis, né? À noite, quando eu já tinha chegado da escola. Eu ficava mais com eles na parte da noite e na parte da manhã, que mamãe sempre fez questão de pela manhã estar perto e tudo. Eu brincava com meu irmão, quando eram as brincadeiras do grupo, tinha gente de todas as idades, crianças de todas as idades, mas assim, brincadeiras mais específicas era mais difícil porque são sete anos de diferença entre nós. Marcelo sempre foi aquele "o grande", "o mais velho", "o inteligente", eu sempre tive a imagem do meu irmão muito assim... mas com irmão, sempre tem briga, sempre tem picuinha.*

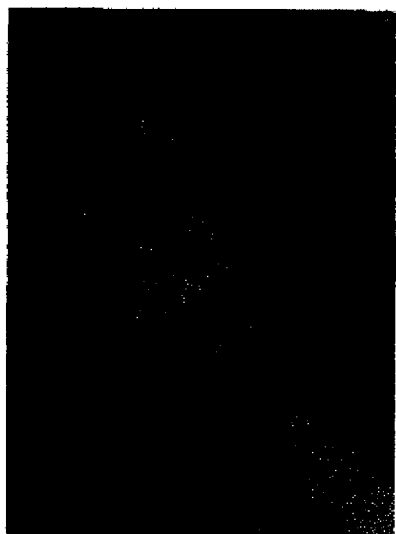
Sou Igor, empresário, nascido em 1974. Fui criado em vários lugares. Fui criado pela minha avó até os 13 anos porque meu pai fazia faculdade em Niterói, na UFF, e eu morava em Teresópolis com ela. Então minha avó era uma portuguesa muito bronca, que me batia de chicote... Essas coisas eram verdade mesmo. Minha avó falava muito palavrão, me ensinou a falar um monte... Isso desde os quatro anos de idade, que foi quando meu pai desquitou da minha mãe. Com 10 anos, os meus tios mais o meu pai alugaram uma casa, porque a minha avó tinha o sonho de ter uma casa grande com quintal, então eles alugaram uma casa grande com quintal, e na casa tinha um campo de futebol. E eu adorei a casa por causa do campo. Só



que todo dia eu levava a molecada da rua pra jogar bola, e a minha avó ficou p... da vida com isso, resultado: o campo de futebol virou uma horta de abóbora. Nunca mais eu joguei futebol lá. (risos) Eu estudava em colégio público, meus amigos eram da rua, não tinha muito brinquedo, não tinha nada. Era pobre mesmo. Meus tios eram melhores de vida, mas meu pai não era formado... Eu morei em 3 casas com a minha avó e num apartamento. O apartamento foi até os 7 anos. Depois fui pra essa casa que o campo virou horta, depois fui pra uma outra casa grande, em Teresópolis também, que tinha umas estátuas. Eu namorei uma estátua fêmea muito bonita de lá. Minhas primas namoravam as estátuas machos. Aí depois meu pai casou, e eu fui morar com ele, com 13 anos, já. Estudei no Colégio Estadual Edmundo Bittencourt, até os 12 anos. O Estadual era imenso. Uma história interessante da minha vida é que eu tive aula com a minha tia, irmã do meu pai, da primeira à quarta série. Ela era minha professora. E aí quando eu não sabia a matéria da prova ela fazia pra mim, algumas coisas que eu errava... Eu passei de ano direto assim. Resultado: fiquei mal acostumado, fiz a sexta e repeti, fiz a sétima e repeti, fiz a oitava e repeti, fiz o primeiro ano e repeti. Odeio estudar até hoje.

Quando o meu pai casou a segunda vez, ele teve uma outra filha, Maria Inês, que foi criada com a minha madrasta. Eu fui criado por madrasta também, um bom tempo da minha vida. Ela cresceu em uma casa, em Teresópolis. Mas já era... Pai e mãe em casa, já era outra coisa. Eu não tinha pai nem mãe em casa, eu tinha a minha avó cega. E há 3 anos atrás eu conheci uma irmã que apareceu. Inclusive apareceu no Fantástico. Meu pai foi o primeiro homem no Brasil a botar na justiça uma mulher que escondeu a filha. Ele nem sabia de nada. Ela que escondeu a gravidez dele. Ela é super legal, a menina, já morou com a minha irmã.

Minha mãe visitava a gente... Ela não visitava todo final de semana não, mas ela visitava de 15 em 15 dias ela vinha, da onde ela tivesse. Tinha época que ela tava em São Lourenço, tinha época que ela tava no Rio, tinha época que ela tava em Petrópolis... Ela aparecia, e minha mãe era assim, quando minha mãe chegava era uma loucura total. Porque minha mãe, ela sempre teve uns namorados bem de grana, então quando a gente saía com a minha mãe a gente tava bem. Então quando a gente saía pra comer fora, pra comer pizza na rua. A gente ficava todo bobo porque ia comer pizza na rua. Aí eu falava: "Mãe compra isso aqui pra mim". Aí ela comprava, não tinha brincadeira. Meu eu falava "pai, compra isso aqui pra mim", ele falava "um dia eu compro", e nunca comprava nada. Meu pai era um duro, coitado. Quando a minha mãe chegava, ela compensava a ausência dela com presentes. Até hoje ela compensa a ausência dela dando presentes, até hoje. Lógico que não compensa. Mas também não vou ser hipócrita e dizer que queria ter o amor da minha mãe ao meu lado o resto da minha vida. Não sei, porque a minha mãe brigava com o meu pai. Então não sei se foi melhor para todo mundo, sabe. Quando eu nasci, minha mãe tinha feito 17 anos no dia anterior. Minha mãe era muito moleca, novinha. Então ela se viu casada, tendo que lavar fralda, sozinha... pirou o cabeção. Aí se separaram, meu pai teve várias namoradas, que eu lembro, inclusive, e minha mãe teve vários namorados, que eu lembro também. Não sei porque, mas a gente nunca gostou muito das namoradas do meu pai. Não sei se era ciúme, porque ele morava com a gente nos finais de semana... A única namorada do meu pai que a gente gostou foi a que ele casou. E é casado até hoje com ela. A única que a gente falou "Pode casar". E eu lembro que a Marilis, a atual mulher do meu pai, todo dia que ela vinha do Rio pra Teresópolis pra ficar com ele, ela trazia um pacote de biscoitos daquele do Crec Crec. Já vinha provado, já vinha mordido. Então todo fim de semana que ela chegava a gente já sabia, tinha um crec de chocolate pra mim e um crec de morango pra Natasha. E a gente gostava dela pra caramba. Aliás, a gente gosta dela até hoje, mas... Foi a única mulher que a gente falou "Pai, com essa você pode casar, ela dá crec pra gente". (risos)



*Meu nome é Luciane, instrumentadora cirúrgica, nascida em 1973. Eu sempre morei aqui neste prédio em Icarai, tem quase 30 anos que meus pais moram aqui. Tipo assim... eu tenho um sítio, que é aqui perto, e sempre final de semana a gente ia pro sítio, na sexta e voltava na segunda. O sítio é em Rio D'Ouro. E lá é mato, árvore, aquele outro tipo de lazer do que aqui no dia a dia, porque aqui não tinha muito o que fazer na infância. Então o que a gente fazia? Ficava dentro de casa... Minha mãe levava aqui pro prédio, ia pro Campo de São Bento que é aqui perto, praia... Mesma coisa que eu faço hoje com o meu filho. Porque aqui no prédio não tem um playground pra você levar as crianças pra brincar. No final de semana a gente sempre foi pro sítio. Até hoje a gente tem, e o Bernardo às vezes vai também. Era uma loucura, porque lá a gente ia subir em árvore, ia pro meio do mato, fazia milhões de coisas... Ele fica a 15 minutos daqui, mas é um lugar assim que parece que você não esta aqui, parece que você esta numa roça, numa fazenda. E os*

*amigos adoravam ir. A gente ia, e cada um dos meus irmãos levava um amigo. Eu levava um, minha irmã levava outro, então era festa... E brincava todo mundo junto, era ótimo. E outras pessoas da família iam sempre. Meus tios, meus primos, meus avós... Até hoje. Então é um lugar em que sempre se reúne a família.*

*Eu fiz o Jardim onde meu filho estuda hoje em dia, no Centro Moderno de Ensino, e fiz o primeiro e segundo grau no Instituto Abel, que é aqui perto da minha casa, e eu pretendo encaminhar ele no mesmo... Ah, o Jardim é aquela coisa que você não tem muita obrigação, né, é mais desenhar, brincar... Fisicamente, era a mesma coisa que é hoje. A sala de aula era aquele quadro grandão, sempre um painel, né, um cartaz... Toda semana a gente trabalhava alguma coisa, aí mudava aquele painel... O mural da sala, aquelas mesinhas pequenas, com as cadeirinhas, a piazinha com aquelas toalhinhas pequenas, a esteira, que hoje em dia eles não... Antigamente eu lembro muito da esteira, que a gente dormia. O colégio esse ano ainda pede, né. Hoje em dia ainda pede, mas eu não vejo as crianças dormirem. Eu lembro que a professora escurecia, contava uma historinha, a gente ia fechando o olho... Umás crianças dormiam e outras não, mas... Ficavam ali quietinhas também. Tinha essa hora ali de reflexão, entendeu? E era legal. Já no Abel, na minha época tinha o pátio de cimento e o pátio de areia. As salas eram maiores com, como é que se diz, como se fosse um palco na sala. Hoje em dia não tem. Eu senti muita diferença quando fui para o Abel, sair de um colégio pequeno... Indo pra um colégio muito grande. Eu acho que realmente na cabeça da criança é uma agressão, entendeu, porque eu conheço pessoas que saíram de um colégio pequeno e foram para um colégio grande... a criança fica meio perdida, porque chega na hora do recreio, ele lá de 6 anos e tem milhares de crianças de 12 e 13 anos, grandões, pra você comprar uma merenda, pra você fazer isso, a criança fica meio insegura. Mas ao mesmo tempo eu acho legal que a criança aprende a se defender, aprende desde cedo a se defender, entendeu. Mas tem muita diferença.*

*A gente sempre fez muita natação aqui em casa e eu fiz balé também. Era natação e balé, de manhã. Aí de tarde eu ia pro colégio, e voltava do colégio era Sítio do Pica-Pau Amarelo, e aí mamãe deixava a gente descer e ficar até a hora da janta, aqui em baixo do prédio, que aí iam outras crianças do prédio. Depois subia, tomava banho, jantava, e o dever a gente fazia também à noite. Sabe, mais tarde a gente sempre estudava. Eu gostava muito de ler, eu gostava muito de ver filme. Eu brincava, com o meu irmão. Brigava, né. Sempre me dei muito bem com a minha irmã e com o meu irmão, mas a minha irmã, por ter esse jeito mais calmo, e o meu irmão sempre era brincadeira de homem, de briga, brincava muito com o meu irmão. O meu pai eu só via à noite, e a minha mãe de manhã e à noite, que a minha mãe trabalhava no horário que a gente estudava. Minha mãe trabalhava nesse horário. Minha mãe sempre ficou com a gente de manhã e à noite. É de manhã e na hora que a gente sai do colégio. E meus irmãos sempre porque a gente estudava no mesmo horário.*

Sou Reomar, trabalhador rural, nascido em 1973. A maior parte da minha infância eu passei na casa da Geísa, com o Alexandre, o Leonardo... Aqui na fazenda mesmo. Aquilo pra mim era uma diversão, jogamos bola... Eu morava lá perto da serraria, em frente à casa do Wilson, ali na estrada. Ai os meus colegas todos, quando iam jogar bola, me chamavam. O Alexandre ia lá em casa me buscar. Eles não jogavam bola sem mim de jeito nenhum. Era companheiro mesmo. E quando eles não estavam de férias aqui na fazenda, eu tinha também meus amigos daqui mesmo, que moravam aqui na Nova Grécia também. Tinha o Marco, o Antônio, o Ângelo... Eles moravam perto de mim, ali perto da serraria, perto do colégio. Ali ainda tem muita árvore até hoje. Tinha até uma vendinha ali, mas hoje em dia não tem mais. Ali em frente da venda, onde entra pro campinho, era a nossa praça de brincar. Ali a gente batia



pelada pra lá e pra cá, jogava bolinha de gude, brincava de pique, andava a cavalo, pescava muito também e gostava de pegar passarinho, fazer essas gaiolas (risos) A gente caçava com atiradeira, mas não chegava a matar os passarinhos não, soltava depois. A gente brincava mais pela rua. Eu brincava de tomar banho no rio, no açude... Naquela época era mais limpo, hoje em dia não, está tudo sujo. Eu adorava andar a cavalo. Eu mais o Alexandre e o Leonardo, da fazenda da D. Alice, netos dela. Só que uma vez eu tomei um tombo do cavalo. O cavalo veio me arrastando uma distância longe. A gente estava vindo de Eugenópolis. E o arreio arreventou. Ai o cavalo veio me arrastando, até perto da vendinha. Ai dali cercaram o cavalo, seguraram ele, aí é que eu consegui sair. Me machuquei bastante. Ralei as minhas costas... todinhas. Mesmo assim continuei gostando de andar a cavalo. E quando eles não estavam aí também eu andava. Eu ia lá embaixo no terraço ali, buscar coisas para o pai, ou aqui mesmo pra fazenda da D. Nini, eu ia sempre de cavalo. Sempre andei muito a cavalo.

Eu estudei nesse colégio aqui, nesse colégio da Nova Grécia..., acho que não tinha um outro nome não. Era Colégio Nova Grécia mesmo. Ah, esse colégio tinha duas salas, uma menor e outra maior. A de quarta série era menor, tinha menos cadeiras. A da segunda e da primeira era tudo junto na mesma sala. A terceira era junto com a quarta. Eram menos crianças. Acho que na terceira ou quarta as crianças já iam saindo da escola, por isso tinham menos alunos... Eu fiz até terceira série. Eu saí porque eu tinha que trabalhar, ajudar o pai em casa... Eu tinha 12 anos. Eu entrei na escola com sete anos. Eu gostava de ir pra escola. (risos) Ainda mais depois no recreio. No recreio a gente ia brincar de bola. Sempre. Eu levantava de manhã e ia pra escola. E quando voltava, eu ajudava meu pai no curral, a pegar cavalo, a prender bezerro, aí depois eu ia brincar. Mas sempre ajudava... As crianças daqui sempre ajudavam os pais. Não importava a idade. Mesmo pequeno estava ajudando. Não trabalhava, mas ajudava... Eu mesmo. Principalmente eu, ia lá embaixo e trazia a vaca pro pai, separava os bezerros, limpava curral pra ele... Pra gente ir aprendendo também, né. A gente ia vendo e aprendendo. E aprendi bastante (risos). Com meu pai eu ficava bastante tempo do dia. Depois da escola e de manhã também a gente se encontrava. Com minha mãe era mais de noite. Na hora que chegava do colégio, almoçava, e depois ia ajudar o pai, e de tardinha eu voltava pra casa. Minhas irmãs... Aparecida, de 37 anos, e a Regina de 26. Eu ficava com elas no colégio e depois só via de tarde também, que eu saía pra roça... Eu brincava com elas também, de casinha, assim mais de tarde... Brigava também... Elas faziam umas bonequinhas com milho, pra brincar, e eu ajudava...

## 2. Quando eu era criança - liberdades e limites

Este tópico registra algumas representações e valores culturais que envolveram a infância de nossos narradores, a sua relação com os adultos e a entrada na escola. É possível perceber que o grau de liberdade e circulação das crianças pelos espaços externos a casa foi diminuindo gradativamente com o passar do tempo, saindo das ruas e permanecendo, na maioria das vezes, apenas nos espaços privados das residências e/ou escolas. Alguns fatores são apontados pelos entrevistados como tendo contribuído para estas transformações. São eles: a violência; o avanço tecnológico e as progressivas mudanças nos meios de transporte (investimentos na produção de automóveis e rodovias, substituindo os trens e ferrovias; a chegada da televisão, do computador...); a saída das mulheres do ambiente privado da casa para o trabalho fora; a diminuição do tempo disponível para o convívio entre as pessoas; o crescimento populacional dos centros urbanos (instituinto os anônimos na multidão, uma vez que a relação de vizinhança e cuidado entre moradores de uma mesma rua ou bairro foi perdendo seu caráter de pessoalidade, conhecimento mútuo e confiança); dentre outros.

Sr. Aloysio e Sr. Apolônio, pertencentes ao grupo 1, nos falam inicialmente da presença marcante da vizinhança em suas infâncias e de algumas práticas e relações pitorescas da época.

À noite, as famílias punham as cadeiras sobre as calçadas, encostadas à parede, do lado de fora de casa, deixando um lugar para os transeuntes. Então ali vinham os vizinhos também, conversavam, e tudo mais. (Apolônio - grupo 1)

Minha tia se queria saber da gente, perguntava pro cara que vinha da esquerda "Viu o Márcio e o Aloysio por aí?". "Não, não vi não". Então perguntava o mesmo pro da direita, que respondia: "Ah, tão ali brincando com fulano e fulano...". Nós nos misturávamos com os adultos, com plena aceitação. (Aloysio - grupo 1)

Posteriormente, comentam da liberdade que se tinha para brincar pelas ruas, da segurança cidadina, e, ao mesmo tempo, dos limites a serem seguidos. O contexto das cidades em que cresceram mostrava-se propício o bastante ao ir e vir autônomo das crianças:

A gente avaliava a cidade, o que eram as ruas de terra, os bandos de meninos, de crianças, naquele ambiente do interior, que você vivia com liberdade... Porque não havia o grau de preocupação com as crianças. O trânsito era mínimo. Nós íamos às 7 horas para o grupo escolar, tinha o recreio às 9 e às 11

horas a gente saía e voltava pra casa para almoçar, certo? Ai a gente ficava em casa. Ai a brincadeira era na rua. A gente depois do almoço brincava lá com a garotada até 4, 5 horas da tarde, aí a gente tinha que aparecer em casa... Tomar banho (*risos*) e depois jantar. Jantar era cedo, né... Seis, sete horas. (Aloysio - grupo 1)

Nós tínhamos liberdade. Claro que em casa sempre há um imperativo do horário da noite, e tudo mais, só que não havia violência, não havia absolutamente essas coisas, sobretudo no interior, né. Meu pai sempre foi uma figura extremamente solidária em todos os sentidos. Minha mãe era amiga, mas era severa. Tinha horário pra voltar pra casa. Tinha meus 11 anos, assim, e era muito bom jogador de pingue-pongue, participava dos torneios, mas os jogos de pingue-pongue, os torneios só se faziam à noite. O pessoal trabalhava de dia. Eu chegava sempre mais tarde em casa. Aí eu passava por uma sessão de justiça... Meu pai me ensinou aos 8 anos a fumar. Ah, nós fazíamos torneio pra ver quem fumava mais entre os meninos, escondidos. A gente surrupiava da casa paterna, dos irmãos e dos pais, né, um pouco de cigarrinho... (*risos*). (Apolônio - grupo 1)

Dona Arinda e Dona Ana também narram suas experiências relacionadas aos limites colocados por seus pais. No interior, onde moravam, a circulação das meninas pelos espaços das ruas era bem mais restrita do que a dos meninos. Elas ficavam mais dentro de casa, voltadas para "*atividades femininas*" como costura, arrumação e ajuda, de uma forma geral, nos fazeres domésticos. Ambas nos falam ainda de suas experiências escolares e convívio com os familiares.

Eu estava sempre assim no meio dos adultos, eu me interessava muito pelas coisas do meu pai. Quando ele vinha lá da venda dele, a gente avistava ele lá da nossa casa, aí eu já ficava preocupada dele chegar e não estar tudo na mesa pra ele, porque ele não tinha muito tempo, sabe. Na fazenda não tinha menina pra eu brincar não. Quando eu não estava na escola eu costurava, bordava, fazia tudo em casa. Nós não íamos até na rua não. Naquele tempo as meninas não andavam a toa, então procuravam as coisas pra fazer. Mas a casa era enorme, então a minha irmã de criação varria e eu ia atrás espanando, arrumando, botando tudo nos lugares. Eu costumava ficar com o meu pai só na hora do almoço, jantar, e à noite, porque ele trabalhava o dia inteiro no comércio, sabe? Com a minha mãe não, ela era dona de casa. Ela vivia pra nós, também porque ela tinha quem fizesse tudo pra ela. E com os meus irmãos, a gente vivia junto. Eu só tive um irmão e uma irmã que estudaram comigo, os outros não. Os grandes saíram logo pra trabalhar. (Arinda - grupo 1)

Nós tínhamos uma professora na fazenda, Dona Gabriela Samuel. Papai soube que ela queria lecionar numa fazenda e trouxe ela pra cá. Então nós estudávamos todos aqui e até os que tinham fazenda vizinha, mandavam também as crianças a cavalo. Tinha uma sala só pra aula. Depois fui pra Lage estudar, fui interna, e tinha uns 8 anos. Lembro que lá não tinha muito brinquedo, não tinha pátio nem quintal. Era uma casa que transformaram em escola. Não tinha onde a gente brincar. Então, a gente fazia muito era crochê ou tricô. Eram só meninas. Quando fomos morar em Niterói, eu estudei no Externato São José, entrei com uns 9 ou 10 anos e fiquei até uns 12. A escola era muito boa e espaçosa, era de freiras. Depois fui para o Colégio Bittencourt Silva. Quando eu não estava na escola, eu estava em casa, sempre. A mamãe não deixava a gente estar saindo na rua. Era só no verão que a gente tomava banho de mar ali na Praia da Flexas, e nas férias, né. Mas não ia sozinha, ia acompanhada, sempre com tio, primo, ou alguma coisa. A gente ajudava em casa, ajudava a arrumar. Tinha que aprender a arrumar, ajeitar as coisas, ter capricho nas gavetas... Ficava com meus pais quando chegava do colégio. Assim mesmo papai, às vezes, estava aqui na fazenda, na casa grande. Às vezes, ele ficava um mês, um mês e pouco. A gente ficava com a mamãe. Quando nós vínhamos passar as férias aqui, a gente descia num lugar aqui perto da fazenda, e o carro de boi já estava nos esperando. Às vezes, 22, 23 horas da noite. Chegava aqui e tia Tereza, a

governanta, tinha preparado aquela mesa enorme com biscoitos feitos na fazenda, com leite, chocolate, chá, café... A gente chegava com uma fome. Vínhamos de trem, andávamos um dia inteiro pra chegar aqui perto. (Ana – grupo 1)

Assim como Dona Ana nos relata que seu pai costumava ficar mais distante, precisando viajar sempre, alternando sua estadia entre Niterói e a fazenda no interior do Estado, outros de nossos entrevistados – Sr. Aloysio, Ana Maria, João Eudes e Igor - também nos contaram que seus pais não estavam presentes em seu dia-a-dia (por trabalho ou por separação dos pais), sendo o contato com eles apenas em finais de semana ou mais esporadicamente. Trazemos a fala de João para ilustrar:

Essa fase toda eu vivia sob o domínio exclusivo da minha mãe porque o meu pai estava aqui no Rio, e ele esporadicamente ia nos ver. Quando ele estava de férias, uma hora ou outra assim... Meu pai era da Marinha Mercante, sempre teve uma vida muito acidentada pra ficar em casa. Então a responsável total pela família era a minha mãe, e mãe sempre é uma coisa muito doce. Minha mãe não tinha essa característica que a gente chama hoje de uma sargenta. A minha relação com os meus irmãos sempre foi muito boa, quando criança... Eu tive briga com os meus irmãos, e isso você só briga quando está junto, porque ou você está enchendo o saco dele ou ele está enchendo o teu saco. (João Eudes – grupo 2)

Eleonora nos narra suas vivências de infância, brincando com seu irmão e os vizinhos pela rua, pelos quintais ou até mesmo no terraço de sua casa, de onde soltavam suas pipas e ficavam com os amigos. Nos descreve com riqueza suas ocupações e preferências, as histórias ouvidas na vitrolinha e contadas por sua avó e sua relação com os familiares:

A minha mãe morreu quando eu tinha um ano, e meu pai nos assumiu mesmo... A gente era muito pequeno. Eu tinha um ano, meu irmão tinha dois, e a minha avó paterna, que era viúva, foi viver com a gente. Então ela tinha uma dedicação exclusiva, ficava o tempo todo com a gente ali, e tudo. Meu pai entrava no banco às onze, saía de manhã, por volta de nove e meia, dez horas, e chegava no finalzinho da tarde, sete horas. Então o horário com ele era um pouco de manhã e à noite. E com o meu irmão, a gente estudava na mesma escola, ia e voltava junto, tinha um tempo de manhã em casa, o horário era o mesmo. Nós brincávamos juntos. Agora, já depois de uma idade, os meninos tinham alguns interesses e as meninas outros, mas a gente brincava sim.

A maior ocupação da gente era estar programando as brincadeiras, estar se divertindo, subindo em árvores... Acordava, ia pro quintal, e terminava o dia no quintal. Agora, quando chovia, na minha casa tinha uma vitrola grandona e tinha um lado que era só de discos infantis. E eu ficava lá horas, às vezes, sentada ouvindo. Então isso necessitava de uma concentração da gente muito, mas muito maior, que hoje o vídeo e a televisão já suprem isso. Não tinha imagem, então a gente ficava ligado, atentos, acompanhávamos as histórias, memorizávamos... Era O Pequeno Polegar, Cinderela, Branca de Neve, os contos de fadas mesmo, né. Desenhar também. Meu pai era bancário e sempre levava do banco muitos papéis, e a gente tinha apenas o lápis de cor, não tinha a *era* do hidrocor como hoje tem... (*risos*) Na minha casa tinha um terraço que meu pai construiu, porque meu irmão gostava muito de soltar cafifa, e tinha um grupo de amigos, né, com brincadeiras diversificadas. Eles jogavam bola de gude, soltavam muita cafifa, e eu gostava também, que era meio a brincadeira de menino, né, mas eu subia... A função de ir pro terraço era uma função que a turma da rua toda ia, entendeu? Então a gente ficava ali horas, jogando e brincando nesse terraço. (Eleonora – grupo 2)

Igor também foi criado junto com a sua irmã por sua avó paterna. Moravam em Teresópolis que, apesar de já ser um centro urbano de certo porte nos anos 80, conservava ainda características de uma cidade pequena. Sendo assim, foi possível que Igor e seus amigos circulassem com liberdade pelas ruas, fazendo delas o seu quintal:

Eu ficava com minha avó sempre. Fui criado por ela, dormia na cama dela, ia pra escola, voltava da escola, almoçava com ela, ia brincar, voltava lá pelas 18, 19 horas, via novela com ela, e ela conversava com a tv, era muito engraçado. Minha irmã Natasha foi criada comigo, por nossa avó. Ela é dois anos mais nova e eu ficava com ela o dia inteiro. Quando juntavam as outras primas, elas se afastavam pra brincar de boneca velha... E a gente ficava brincando de bicicleta, banguê banguê, essas coisas. Ela estudou nos mesmos colégios que eu. Quando eu não estava na escola, muitas vezes eu ia jogar bola com a turma, num lugar chamado Comac. Era um terreno baldio. Minha infância era andar de bicicleta, jogar bola e subir no telhado, ficava uma semana sem tomar banho... Na hora do recreio na escola eu ia pro refeitório merendar, comer canjica e café com leite ralô. Você enfrentava uma fila imensa pra pegar merenda, e era aquele prato de alumínio e xícara de plástico. Brincava um pouquinho, jogava bola, e depois voltava pra aula. E era sempre futebol. (Igor – grupo 3)

Diferindo da infância mais 'solta' que Igor nos trouxe acima, muitas crianças da década de 80 já foram criadas com menos possibilidade de livre circulação pelas cidades. Diante deste fato, houve a necessidade de uma 'reformulação' de certas práticas lúdicas, adaptando-as a espaços mais restritos - como apartamentos, playgrounds, parques urbanos ou escolas - ou criando novas práticas. Luciane viveu um pouco esta última realidade e nos fala abaixo do que costumava fazer quando estava em casa:

Eu costumava brincar com uma menina daqui do meu prédio, a Pauline, que era mais nova que eu uns dois anos. Aqui no meu prédio só tinha menino praticamente, eu tenho um irmão que é quase da minha idade e aí eu brincava mais com eles lá embaixo... Quando eu ficava em casa, eu gostava muito de ler história. Eu tenho até hoje uma coleção que tá toda remendada, mas que eu gostava muito, adorava que minha mãe lesse as histórias pra mim. Parecia que eu vivia a história. Tem uma história ali que é "A menina dos fósforos", eu pedia sempre. Eu achava aquela história o máximo. Até hoje eu acho. (Luciane – grupo 3)

### **- Parceiros de infância**

Os parceiros de infância podem ser adultos ou crianças, desde que tenham representado uma importante companhia em nossos fazeres infantis. Sabemos o quanto é importante a troca social entre os sujeitos, o muito que se ensina e se aprende, o muito que se cresce e se enriquece através destas parcerias. Nossos entrevistados descreveram pessoas que os marcaram bastante, companheiros de muitas horas, podendo ser da família, da escola, da vizinhança...



O maior índice relatado diz respeito aos amigos da vizinhança, como podemos perceber em alguns trechos selecionados para retratar estas convivências:

A gente brincava muito na rua. O dia inteiro na rua e na casa dos outros. Era a casa do Valécio que tinha um quintal e tinham umas mangueiras, a gente fazia campeonato de botão e bola de gude, e trepar em árvore, eu nunca tinha trepado em árvore na minha vida, quando trepei eu quebrei o braço. Minha rua tinha bastante criança. Se você parar pra pensar, numa rua em que você pode conviver com 10 ou 12 pessoas da tua faixa etária... mas também a gente fazia coisas com pessoas mais velhas. Jogar botão, o campeonato tinha pessoas mais velhas, a troca de figurinhas. As meninas é que não participavam disso. Tinha menos menina do que menino, e não me lembro de meninas da nossa idade, pouquíssimas. (Tomás - grupo 2)

O Marco, o Antônio, o Ângelo, o Robinho... a gente ficava muito junto, jogava bola, pescava... Muitos não moram mais aqui, se mudaram, mas têm outros que ainda moram por perto. Sinto saudades. (Reomar - grupo 3)

Além dos vizinhos, alguns dos pesquisados destacaram como companheiros de infância personagens familiares ou do convívio escolar. Destacamos alguns exemplos:

Um grande parceiro que tive foi um dos primos da minha tia Mazinha, que tinha essa fazenda no Engenho Novo, perto de Mar de Espanha... Foi assim o maior amigo de infância, nós pescávamos juntos, eu enfrentava com ele as coisas da fazenda, ele vinha pro grupo escolar no cavalo e já trazia o leite e descarregava no laticínio de Mar de Espanha dois latões de leite, isso aos 6, 7 anos de idade, né. Eu ainda tinha a liberdade de voltar com ele, cada um no seu cavalo. Ficaram as lembranças daquela amizade e aquela convivência. (risos) Os vizinhos, filhos do padeiro, eles tinham que rachar lenha por obrigação, que eram as toras maiores, as rachas maiores para o forno da padaria... Eu ia lá ajudar e depois brincar. Normalmente o adulto não brincava com a gente, mas ele convivia com a gente em todas as atividades. Eu aprendi a jogar dama, xadrez, tudo isso com o meu tio. E tinha farmácia ali, e a gente ficava, sempre muita gente na farmácia, fazia contas, o pessoal vinha conversar... (Aloysio - grupo 1)

Tinham as meninas daqui da fazenda, que moravam aqui, eu brincava com elas, eram filhas dos colonos e do administrador. E lá em Niterói eu gostava muito da Maria Helena, filha do Doutor Belfort Vieira, e a outra, Carminha, eram duas irmãs. Nós nos conhecemos na escola. A gente jogava vôlei, brincava de corda. Tinham as vizinhas também, que iam lá em casa pra gente conversar. (Ana - grupo 1)

Quando eu estava fora do colégio, ou eu estava no rio, ou no mercado, ou na casa de dois caras que eram da minha sala. O nome desse meu amigo era Antero. Eu ficava na casa dele, que era um casarão. E ele, como a família dele, tinha um carinho comigo, era uma coisa assim, que eu me sentia muito bem. Éramos então eu, ele e o Beбето... o Beбето era um cara que era uns dois ou três anos mais velho do que a gente, mas estudava com a gente, era galalau. Essas amizades foram muito fortes e importantes pra mim. (João Eudes - grupo 2)

É facilmente constatável que o que importa não é de onde surgem estes parceiros, mas sim o quanto significam em termos de troca, aprendizado, camaradagem e amizade para cada um de nós.

### 3. Jogos, brinquedos e brincadeiras

Neste tópico, destacamos narrativas que bem ilustram os tipos de brinquedos, jogos e brincadeiras utilizados ao longo do século XX. Através destas falas, percebemos os contornos do brincar infantil nos diferentes espaços ocupados pelas crianças: casa, escola, rua. Observamos ainda a prática da separação entre o brincar dos meninos e o das meninas, a produção artesanal pelas próprias crianças de alguns dos seus brinquedos, confrontando-se com os brinquedos industrializados consumidos, principalmente, pelas crianças das duas últimas décadas do século, e o brincar no espaço escolar.

Iniciamos com a descrição dos espaços e contextos que envolviam o brincar de nossos entrevistados, seus brinquedos, jogos e brincadeiras. Os mais citados e que se fizeram presentes em todas as épocas foram a bola, a boneca, a corda, o pião, a pipa, a bola de gude, o dominó, a amarelinha, o futebol, o queimado, a bandeirinha e o pique.

A brincadeira podia ser em casa, podia ser na rua, conforme fosse. A gente jogava três tipos de bola de gude: a búlca, a roda e o comprimento, que a gente jogava pelas ruas afora. Jogava 1 km pra frente, 1 km pra trás... Você brincava nas ruas, né, jogava futebol, pulava carniça, a rua de terra facilitava isso até. As crianças nesse ambiente eram aceitas. A padaria ao lado de casa mecanizou e deixou de fazer pão à mão, a fabricação já mecanizada para a mistura... Ele punha os filhos dele pra trabalhar e nós íamos junto. Então eu brinquei muito de fazer pão. Nós ganhamos espingarda de ar comprimido, podíamos ter atiradeira, enquanto os outros garotos não podiam ter. A gente caçou passarinhos... o pecado tá aí. Criava na gaiola: canário, coleiro, tiziu, e outros passarinhos que andavam por ali. (Aloysio – grupo 1)

Eu gostava muito de pular corda. Boneca... Boneca de pano. Eram uns brinquedos muito sadios. Quando juntava nas casas de família também brincava de declamar, roda... Naquele tempo não tinha televisão, né, então as senhoras ficavam conversando e a gente ficava brincando. O balanço era assim, duas cordas furadas assim com 4 furos. Passava as cordas ali, botava uma tábua e a gente colocava um travisseirinho pra sentar, pra balançar, toda casa tinha um balanço, em casa e na escola. (Arinda – grupo 1)

A nossa brincadeira nas ruas era depois das aulas... Nos sábados e nos domingos era o tempo todo, né. Agora, também tínhamos em casa a parte de estudo, preparava para as aulas, e um pouco da convivência com a família. Gostava muito da molecagem, do futebol de rua, do futebol de calçada... Fui muito bom jogador de pião, eu jogava o pião no ar e segurava rodando na mão, né, bola de gude... E ao mesmo tempo tínhamos as brincadeiras mais perigosas à noite. Jogos de polícia e ladrão. Mas de vez em quando havia também umas coisas mais duras, a turma se dividia e brincava de jogar pedra, um grupo no outro, de rua pra rua. Poderiam até haver machucados ocasionais, mas eram as coisas da época. (Apolônio – grupo 1)

Brincávamos na rua. Os meninos brincavam de carrinho, empinavam as pipas que eles mesmos faziam. Era uma brincadeira muito mais saudável. A gente jogava pedrinhas pra cima... Três Marias aqui, mas na minha terra é outro nome. Você senta no chão, aí não sei se são 5 ou 6 pedrinhas, que a gente jogava pro alto... Esse tipo de brincadeira que eu brincava, amarelinha e corda também. Era muita brincadeira física. Acabando a época das bonecas, eu comecei a participar com as minhas amigas, da brincadeira física que

estava ligada à escola, que era a corrida, tinha premiação, havia incentivo... A brincadeira que eu gostava é quando tinha um desafio... Como uma competição, apostar corrida, gincana... (Ana Maria – grupo 2)

Baralho, dominó, vispora, tipo um bingo... Agora, brincadeiras eu acho que era assim num número maior: todas as modalidades do pique, né, pique cola, pique pega, pique não sei o quê... Muita brincadeira de boneca, que desdobrava em vários batizados, aniversários, preparativos de comidinhas para esses aniversários... Batizado era assim: todo mundo que ganhava uma boneca nova, tinha um batizado pra fazer, né... E subir em árvore era uma brincadeira assim das mais preferidas, né, a gente brincava muito. Alimentar os bichos, era uma coisa assim bem da rotina da gente... O meu preferido era o pique, depois de um tempo era o pique noturno porque a gente brincava na rua, de noite, e unia uma turma grande. (*risos*). (Eleonora – grupo 2)

Na escola, a gente brincava de correr, empurrar os outros, ser empurrado, se tinha bola jogava bola. Nessa faixa de idade não havia nenhuma brincadeira pré-estabelecida, não. Na rua, eu jogava bola, botão, trocava figurinhas, Estampas Eucalol, batia aqueles negócios assim... Bafo, né. Muita bandeirinha de noite. De polícia e ladrão à noite também, que tinha que ser escuro, na Pires de Melo, onde hoje é a clínica, era a casa do doutor Rogério. E juntava uma galera razoável, deviam ter uns 12 ou 13 meninos, um grupo grande. O mundo era o Fonseca para brincadeiras até o Ponto Cem Réis. As crianças ficavam só ali pelo bairro, o Fonseca. Lembro de escambida, mais adiante, bandeirinha, bola de gude, e gostava de um certo grau de competição, de ganhar, nunca me aborreci por perder, mas sempre me esforçava pra ganhar. E até porque eu estava me adaptando ao grupo, então era meio que um desafio, eu era mais pra ficar quieto do que pra meter banca, mais observador... (Tomás – grupo 2)

Eu brinquei muito quando criança, não tinha essa coisa nem de ficar em casa, nem de videogame. Então, a gente brincava de queimado, bandeirinha... todas as brincadeiras de correr, de pular. Todas as brincadeiras ditas da infância mesmo, eu brinquei de todas elas. Então a minha idéia de infância é bola, amarelinha, elástico, e era muito engraçado porque tinham as modas e todo mundo tinha o brinquedo da moda. Na época do bambolê, todos faziam concurso de bambolê; era época do patins, todo mundo tinha patins; era época de *bate bag*, todos tinham *bate bag*; do skate, todos tinham... então, toda vez tinham as brincadeiras normais, mas tinham as ondas de brincadeiras, entendeu? Brinquedo era boneca, todas elas, a que chora, a que ri, as fofoletes... Bonecas assim, eram muitas. Outra coisa também que eu gostava muito era tipo jogos de encaixe, Banco Imobiliário, Gênio. A gente corria muito, brincava muito, pulava muita corda também. Sentar era mais difícil... Eu lembro que quando lançou *As Panteras* na tv, eu brincava imitando eu e minhas amigas e era um barato. (Ana Claudia – grupo 3)

Fazia muita trilha de bicicleta com os meus primos. Brincava sempre com os primos e amigos, quer dizer, as primas brincavam também, só que com prima... O Gustavo, meu primo, morava aqui no Rio e ia pra Teresópolis, ele era o riquinho da família, sabe, então quando ele ia ele levava os revolvinhos bonitinhos, então a gente brincava de bang bang. Foi ele quem teve a primeira Caloi Cross. Aquele dia eu chorei e tudo, quando ele ganhou a bicicleta, porque eu não tinha ganho nada. Daí eu liguei pra minha mãe, e minha mãe comprou uma BMX Pantera pra mim. Que eu crente que era melhor, mas quando eu fui ver era pior, era pesada pra caramba. Tinha também uns bonequinhos super-heróis, que andavam numa motoca, que você dava corda e a caixa da motoca virava uma rampa, então eles saltavam... Eu tive mais de 30 desses, tudo do Homem-Aranha. Esse boneco tinha a mãozinha assim no guidão da motoca, era muito fácil dos braços saírem. Então todos os meus bonecos eram sem os dois braços. Brinquei muito de salada mista, mas um pouco mais tarde, gato mia... (Igor – grupo 3)

Eu lembro de pular corda, elástico eu lembro demais, pêra, uva, maçã e salada mista, pique-esconde, bambolê e boneca também. Na época era Suzy, não era Barbie. Eu me lembro também de chicotinho queimado que eu adorava brincar. Hoje em dia ainda tem. (Luciane – grupo 3)

Como já fora destacado anteriormente neste trabalho, a prática social de separar as brincadeiras por idade, escolaridade e por gênero não se restringe ao espaço escolar, podendo existir em vários contextos e envolver diferentes sujeitos. Neste ponto, nos concentraremos na questão do gênero, onde traremos alguns relatos que bem ilustram esta dicotomia. Todavia, é sabido que inúmeras crianças ao longo de nossa história romperam de alguma forma com essa proposta, meninos e meninas, misturando-se em seus piques, trocando papéis e fazeres. Tudo isso está bem descrito nas falas que se seguem:

Os meninos não brincavam muito com a gente. No colégio, principalmente, não brincavam. Brincávamos no quintal, as meninas pra cá, eles pra lá... Tinha brinquedo de gangorra, mas era pros meninos, né. Furavam o bambu, botavam uma estaca assim. Meu pai não deixava brincar disso. (Arinda – grupo 1)

Na escola, a gente passava o dia todo lá. A parte da tarde era mais de aprender a costurar, a trabalhar, fazer crochê, fazer, assim, desenho, prendas domésticas... A gente brincava muito de brinquedo de mocinha, né, de menina. Eu brinquei muito de roda... *"Fui no tororó beber água não achei, encontrei bela morena que no tororó deixei. Aproveita minha gente que uma noite não é nada, se não dormir agora dormirá de madrugada. Oh..."* A gente cantava, brincava muito de amarelinha, corda e boneca. (Ana – grupo 1)

Na escola, a gente brincava com aquele bolo todo de criança, solto na hora do recreio e dividia as turmas... Meninas com meninos, ali. Muitas vezes ficavam meio separados, os meninos faziam umas brincadeiras de mocinho e bandido, com cadeia e tudo, a brincadeira mais bruta, futebol, pião, bola de gude. As meninas brincavam mais de roda, de comadre, de boneca. A separação não era imposta, era uma tendência natural da criança. (Aloysio – grupo 1)

Meus jogos preferidos eram a amarelinha, o pingue-pongue a partir dos 12 anos e, sobretudo, o futebol. Tinham momentos de contato com as meninas... A gente jogava também amarelinha, que as meninas sabiam jogar. Às vezes, à noite eu gostava de ver as cirandas delas, e eu participava também... Eu era moleque com os meninos e também com as meninas... (Apolônio – grupo 1)

Eu lembro que a brincadeira dos meninos era muito assim bola de gude, cafifa, né... Meus brinquedos eram mais... Tudo pra menina era muito relacionado à casa... Boneca, fogãozinho, panelinha... Mesmo assim a gente ainda se misturava de vez em quando com os meninos pra soltar cafifa, eu gostava muito de ir pro terraço, não sei se é porque na minha casa tinha esse atrativo. Todo mundo queria subir, pra soltar cafifa do terraço. Eu virava e mexia tava lá, mas nem todas as meninas faziam isso não, entendeu? Bola de gude eu não curti, agora a brincadeira que unia meninos e meninas lá era basicamente o pique. (Eleonora – grupo 2)

Na escola, a gente brincava de polícia e ladrão direto, e tinham essas brincadeiras assim amarelinha, corda (mas corda era mais difícil de alguém levar), bola também era quando alguém levava, garrafão, bandeirinha e queimado. O que a gente brincava mais era polícia e ladrão e queimado, muito. Sempre meninos com meninas, apesar de no IEPIC ser um monte de meninas e poucos meninos... (Ana Claudia – grupo 3)

Quando não tinha bola, a gente brincava com as meninas. E quando tinha, ficavam só os meninos brincando. Elas brincavam muito de peteca, pular corda e boneca. Nós fazíamos essas bonecas assim de sabugo de milho, na palha... A gente cortava a franjinha da boneca na palha e penteava o cabelo, e dava pra elas brincarem, pras nossas irmãs... E, às vezes, brincava junto também de casinha, de peteca, de pique... (Reomar - grupo 3)

A produção artesanal das bonecas descrita acima nos permite ampliar um pouco o debate acerca do uso dos brinquedos feitos pelas próprias crianças e dos industrializados. A partir das vozes de nossos sujeitos, podemos vislumbrar que no início do século XX, as crianças faziam muitos de seus brinquedos. Fato este que foi gradativamente deixando de ser uma prática corrente, essencialmente nos centros urbanos<sup>22</sup>, dando cada vez mais espaço aos brinquedos produzidos industrialmente e seu consumo progressivo.

Sr Aloysio nos diz que, quando criança, fazia brinquedos, roleta para porta, carrapeta e pião para brincar com os amigos. Sr. Apolônio cita a bola de futebol feita por ele e seus amigos, tendo em seguida, a sua fala complementada por Reomar e Igor:

Joguei muito futebol de calçada com bola barata feita de meias, depois com bola de borracha pequena... Mais tarde, já no meio da rua, jogávamos com bolas maiores... (Apolônio - grupo 1)

A gente fazia uns brinquedos, fazia assim esses carrinhos de boi, de madeira. Eu gostava mais era de jogar bola. Mas só o Marco, lá embaixo, é que tinha a bola. Ai todo mundo tinha que ir atrás dele. Ai se ele tivesse dentro de casa a gente chamava ele até ele vir brincar com a gente. Ai quando ele não queria, aí a gente ficava tudo triste. Porque ele não queria vir nem emprestar a bola. Ele tinha muito ciúme da bola dele. Ai a gente brincava com essas bolinhas de laranja. Colocava no chão e ia brincar. Fazia bolinha de sacola mesmo, pegava um monte de papel, colocava dentro de uma sacola, amarrava, dava um nó e ia brincar. Depois arrebentava, a gente fazia mais e brincava um bocado. (Reomar - grupo 3)

Eu jogava muita bola e quando cansava, jogava corrida de tampinha. A gente fazia uma pista na areia, e a gente pegava maço de cigarro velho, chapava na tampinha fingindo que era o patrocínio, e ficava jogando corrida de tampinha. (Igor - grupo 3)

João Eudes e D. Arinda descrevem, dentre outros, um mesmo brinquedo artesanal que faziam quando pequenos, em diferentes épocas do século:

Tinha um jogo, tipo um labirinto, que a gente pegava uma madeira quadrada ou retangular, botava uma porção de pregos, num espaço limitado onde passava uma moeda. Então, dependendo da moeda que a gente definisse, o grau de dificuldade era maior ou menor. E esse tabuleiro, a gente é que fazia, era uma coisa bem primitiva. Outra coisa que hoje não rola, a gente pegava essas latas de leite, fechava, furava e botava um barbante, colocava um peso dentro e saía puxando... (João Eudes - grupo 2)

<sup>22</sup> Utilizamos o termo essencialmente, uma vez que Igor e Reomar, que foram crianças nos anos 80, moravam respectivamente em cidade com características provincianas e no campo, onde muitas crianças ainda fazem alguns de seus brinquedos, o que pode também ser percebido em seus relatos.

A gente fazia boneca de pano. Lá, uma vez ou outra, uma bonequinha de cabecinha de louça, mas nunca a gente tinha boneca toda de louça. Tinha também telefone sem fio: a gente brincava de pegar uma lata, furava, e o outro ficava lá com o fio comprido, e escutava. Lembrei também das latas, a gente prendia com o arame e brincava com a lata rodando assim, puxando feito carrinho, trenzinho de caixa de fósforo, os brinquedinhos da gente eram assim. A gente criava, fazia carrinho de caixote que saía puxando, tinha rodinha e tudo. Não tinha quase nada industrializado. (Arinda - grupo 1)

Finalizamos nossas citações referentes aos brinquedos feitos pelas próprias crianças com a fala da Ana Maria (grupo 2):

Você não precisava de muita coisa industrializada pra brincar, era mais artesanal, né... Pegava grama e fazia comidinha nas panelinhas, brincava muito com boneca. Meu telefone era um pilão de bater alho, de madeira... Eu colocava um barbante, fazia uma alça, prendia no pilão e na parte de bater: era meu telefone.

O Brincar na escola também é merecedor de destaque. O que se percebe desde a constituição das instituições escolares, é a segregação do lúdico da sala de aula. São poucas as instituições que realmente valorizam as atividades educacionais em sala vinculadas a brinquedos, jogos e brincadeiras. Em todos os relatos colhidos nesta pesquisa, o brincar na escola limitava-se ao recreio ou às aulas de educação física. A ludicidade não era entendida como coisa séria, como facilitadora de aprendizagem e de grande importância no desenvolvimento e subjetivação dos seres humanos. Nos dias de hoje, muitos pais e instituições educacionais ainda não a percebem desta forma.

Eu gostava de brincar de roda, de passar anel. Declamávamos no recreio, a gente também cantava, cantava declamando... Tinha umas coisas bonitas na minha época. Tinha um quintal grande na escola, onde a gente brincava de roda, alguns brincavam de correr, ensaiava os hinos... Às vezes eu até levava um trabalhinho pra fazer na hora do recreio. A gente brincava no recreio, fora disso não. A gente ficava na sala, todo mundo quietinho na hora da aula... (Arinda - grupo 1)

O colégio público em que eu estudei era excelente. Antes de nós entrarmos em sala, nós fazíamos fila, hasteávamos a bandeira, cantávamos o hino da bandeira e quando era ocasião própria cantávamos o hino nacional. Todo mundo sabia o hino nacional e o hino da bandeira do país. Hoje em dia pouca gente sabe. Dentro da sala você não ouvia um ai. Todo mundo mudo. E aprendia. (Ana Maria - grupo 2)

Brincava-se na escola só no recreio. Não era brincadeira como se é hoje, a escola era um local onde se adquiria conhecimento, onde você adquiria informações de como se comportar perante sociedade, né? Tipo: ao saltar de um ônibus você deve saltar na frente pra dar a mão a sua mãe que vai descer depois de você, levantar para dar lugar a uma pessoa de mais idade, e isso me foi passado na escola pública aqui no Brasil. As brincadeiras dentro de sala de aula, nenhuma. Aula de educação física é que era brincadeira porque era um momento de lazer, não era uma coisa de estudo, e o recreio. (Tomás - grupo 2)

Igor nos afirma que na escola, *tinha bagunça normal de dentro de sala, tacar borracha, tacar coisinha um no outro, mas brincar na sala só de bagunça...* Reomar, Ana Claudia, Luciane, Eleonora, D. Ana, Sr. Aloysio e João também afirmaram que o brincar em suas escolas era basicamente na hora do recreio. João complementa:

Brincava-se mais na escola na parte da tarde, que a gente ia lá pra curtir. Mas na parte da manhã, deveria ter um ou dois tempos de folga entre as aulas, tipo 20 minutos, ou meia hora. Eu lembro que nos corredores ficava aquele 'uau uau uau',... (João Eudes - grupo 2)

### - Cantos e contos

Músicas e histórias foram narradas em algumas entrevistas, fazendo com que os participantes revivessem lembranças de quando eram pequenos ou de quando se tornaram pais, cantando e contando contos para seus filhos. Escolhemos os que seguem abaixo para ilustrarem estas recordações.

Tinha muita música de roda... uma delas era assim: *'Senhora dona viúva, com quem quereis se casar? Se é com o filho do conde, ou com o senhor general, general, general'*. E ela respondia *'Não é com nenhum desses moços, que eles não são para mim, eu sou uma pobre viúva, triste e coitada de mim...'*. E depois dizia *'eu sou viuvinha da parte da lenha, quero me casar, não acho com quem, não é com você, não é com ninguém'*. Então apresentava a pessoa que ela queria e dizia *'É essa a pessoa que eu quero mais bem'*, abraçando a criança escolhida. Também tinha assim, com duas meninas: *'Sabes quem mora ali?'*. A outra respondia *'Sei, é um velhinho alquebrado, é triste o seu viver, seu fardo é bem pesado'*. Aí a outra dizia *'mas que família ele tinha?'* A outra respondia *'Tinha filhos e mulher. Mas coitado, tanta miséria matou. Só o pobre velhinho sofrendo assim ficou'*. Aí a outra pedia *'vamos fazer um pedido? Vamos'*. Ajoelhava. Aí dizia *'meu deus, tende piedade, melhorai o sofrimento de quem sofre de verdade'*. (Arinda - grupo 1)

A música mais marcante em minha infância foi a do embarque da Espanha para o Brasil e que estava em moda por lá. Era sobre o imigrante, uma música de despedida da Espanha, e até hoje é uma coisa muito forte, e a letra era uma bobagem, mas que dizia: *"Adeus minha pátria querida, que nunca mais voltarei a te ver"*. Alguma coisa assim. Tocava no rádio, e era o sucesso da época, eu me lembro de estar embarcando no avião e aquela música estava comigo. Mamãe cantava muito bem e tinha uma voz bonita. E papai comprou logo um violão e não tocava nada. Um fracasso, mas só pra dar os acordes pra ela. As músicas que mais ficaram comigo foram as de carnaval, que eu passei a ouvir depois da minha chegada aqui. Tinha *"Domingo é dia de pescaria, lá vou eu de caniço e samburá, a maré está cheia ficou na areia, porque na areia tem mais peixe que no mar. O pescador..."* Aí eu não me lembro do resto. Aquelas marchinhas, Emilinha, Ângela Maria, Marlene, Cauby Peixoto. Músicas muito alegres com letras que eu nem sempre eu entendia. Mas que com o tempo, claro, eu passei a entender melhor. (Tomás - grupo 2)

As historinhas que eu contava pra eles quando eles eram crianças eram legais. Tinha uma das duas irmãs gêmeas. Elas tinham um cordãozinho de ouro, uma medalhinha e foram tomar banho no rio. Lá tinham umas pedras, e uma delas tirou um cordão e deixou em cima da pedra, pra não perder. Aí veio um velho, passou a mão na menina e carregou pra longe, a outra irmã viu tudo e correu. Na casa dele, ele botou ela pra trabalhar e quando não estava satisfeito, batia nela. E ela começou a cantar, “aqui me botaram e aqui morrerei, meu cordão de ouro no rio deixei”. E ele disse “Ah, você sabe cantar!”, então ele começou a ganhar dinheiro com a menina. Chegava nas casas e dizia, vocês querem ver um gato cantar? Aí batia na menina e a menina cantava. Até que chegou na casa da mãe da menina e a irmãzinha dela o reconheceu: ‘Ah mamãe, o homem é aquele’. Na casa, tinha um quarto que tinham duas chaves. Aí a mãe deu jantar a ele, a menina cantou e ela convidou: ‘Ah, o senhor pode ficar aqui hoje, tem um quarto com chave e o senhor pode ficar a vontade’. Mas ela tinha uma outra chave, e de noite ela entrou no quarto tirou a filha e botou um gato dentro do saco. De manhã, ele perguntou: ‘A senhora quer ver um gato cantar?’ ‘Não, agora eu estou muito ocupada, eu tenho que ir na casa de uma vizinha que está me chamando, o senhor pode ir’. Deu um trocado a ele e deu um café. Ele então foi embora, quando chegou na feira ele mandou o gato cantar ‘canta meu sorrão ou eu lhe meto o meu bordão’. Aí o gato não cantava, ele tentou, tentou e nada... depois resolveu abrir o saco e percebeu o que tinha acontecido. Ficou com a cara no chão: (Arinda – grupo 1)



#### 4. Ser criança nos dias de hoje: configurações e transformações

Registramos neste ponto, a opinião pessoal dos entrevistados que dizem respeito às modificações que eles percebem na infância dos dias de hoje, comparando-a muitas vezes, com a sua em particular. Os relatos trilham dois caminhos: uns afirmaram enfaticamente que as transformações pelas quais o ser criança foi passando são muito marcantes, fazendo com que esse momento seja hoje muito diferente do que antes (do vivido por eles). Outro caminho percorrido por algumas falas segue na direção de uma análise diferenciada dessa infância: acreditam que o ser criança em si não mudou, mas sim o seu contexto e seu em torno. De qualquer forma, ambos os caminhos refletem mudanças no *modus vivendi* da sociedade como um todo e, mais especificamente, da criança. Os aspectos mais destacados por eles referem-se ao consumismo avassalador dos dias atuais; à insegurança que a todos preocupa; à televisão, seus programas e propagandas; à restrição dos espaços públicos e ruas à circulação infantil; à velocidade das informações e ao acesso das crianças às mesmas, não havendo muita censura ou cuidado com o que a criança está assistindo e ouvindo... Mais a diante, destacam mudanças nas práticas lúdicas infantis.

A maior parte das falas aponta não apenas um, e sim alguns dos fatores acima, mostrando-se articuladas umas com as outras, uma vez que tratam de questões bastante parecidas. Mesmo assim, resolvemos aglutinar as narrativas que tocam em pontos comuns com a finalidade de uma melhor organização do tópico. Iniciamos então, destacando as narrativas referentes ao consumismo e ao poder da televisão na vida das pessoas, possibilitando um maior acesso às informações e uma diminuição da inocência infantil:

O povo hoje tem muita vaidade, até pessoas de classe mais baixa, pelo menos por aqui... Eles não querem fazer mais nada, eles não querem plantar, mesmo que tenha espaço na casa deles, não procuram ensinar os filhos a fazer trabalho, uma costura... Tudo é baratinho que acabam comprando tudo pronto. As crianças de agora não querem qualquer roupa não, só de marca, então eu vejo que os pais também, que não podem, querem manter coisa que não é possível pra eles. Hoje em dia as crianças não fazem os brinquedos, elas compram... (Arinda - grupo 1)

Na minha época a gente não tinha acesso a essa informação globalizada que temos hoje na televisão. Os pais às vezes nem têm condições financeiras de comprar um presente pro filho, e se sacrificam porque a televisão informa, fazem um sacrifício pra comprar aquele produto que o filho viu na televisão. Isso não existia antes. Hoje em dia poucas pessoas fazem as coisas. Os valores de hoje são outros. Você não vê uma criança, por exemplo, hoje com 12, 13 anos, interessada mais em brincar com boneca. Elas estão olhando pras vitrines das lojas, para roupas de adultos. Até mais novas do que isso, usando botas, tamanquinhos de salto. (Ana Maria - grupo 2)

Eu acho que hoje, a criança está muito ligada à TV, ela acompanha e vive em função da TV em tudo, na roupa que ela vai usar, na bijuteria que a menina quer, no estímulo à sexualidade... Eu acho até que isso, assim, de alguma maneira pode ser revertido desde que a família esteja mais ou menos atenta, porque a TV ela acaba se tornando uma acomodação pras famílias também. No sentido de você ter a criança ali, por um tempo parada, e você dá conta do que você tem que fazer, então eu acho que existe uma perda de experiência hoje... A criança de hoje vive num estímulo ao consumo, a ter coisas, a ter que estar por dentro de uma situação que a televisão está propondo o tempo todo... (Elconora - grupo 2)

Hoje chegam mensagens de tudo... As informações na minha época eram limitadas, e acredito que isso era uma maneira de preservar a inocência da criança. (João Eudes - grupo 2)

Não havia, assim, essas maldades que existem nas crianças, né. A criança era muito inocente. né. Muito infantil mesmo, inocente. Na minha época. A criança de hoje não. Já sabe muita coisa. Na minha época, nós não sabíamos que mamãe estava grávida. O neném nascia, e a gente falava "Ih, gente, a criança tá chorando lá no quarto da mamãe". Ai é que ia saber que a mamãe tinha tido um filho. Porque... sabe o quê? A saia rodada, coisa muito grande, não aparecia barriga. Nós nunca soubemos que mamãe estava grávida de uma criança. Não era conversado. Imagina, até com 8 anos uma criança não saber nada, né. E hoje em dia sabe tudo. Sabe até como é que é sexo, como é que é mulher... No próprio colégio já ensinam a menina como é que é. A televisão... Iih, a televisão, então, tem demais... O que mostra de cima da cama, a criança fica sabendo de tudo, o que é uma coisa horrorosa, né. Que antigamente, quando começou a televisão, não tinha nada disso. Não tinha uma cena de cama. Cena só de beijo, abraço, os dois abraçadinhos se beijando... (Ana - grupo 1)

A restrição e diminuição dos espaços públicos disponíveis; a ausência de um "espírito de vizinhança" - as pessoas se conheciam e se preocupavam umas com as outras; e a insegurança tão presente atualmente, encontram destaque nas vozes que se seguem:

Cadê o céu, cadê o morro, cadê a mata? Os espaços disponíveis, que eram infinitamente maiores. O grau de liberdade era garantido pela segurança. Não havia o risco, especialmente nessa fase mineira, né. Todos brincavam juntos, sem distinção de cor, raça, religião,... (risos) Era um ambiente social totalmente diferente de hoje, não é? Os recursos financeiros, mesmo a minha família sendo uma das mais beneficiadas da cidade, os recursos eram muito limitados, né. Um tostão era um tostão. O valor do dinheiro era grande. Já havia tomada de consciência disso. No grupo escolar havia aquela grande democracia, não é, em que a única espécie de censura era a relativa à educação. Os moleques mais levados, endiabrados, briguentos, o pessoal censurava um pouco. Mas fora disso, nada não, de ser branco, de ser preto, misturava quem fosse. E hoje? (Aloysio - grupo 1)

Como é que a minha filha vai sair pra andar de bicicleta na rua aqui na Tijuca? Até aqui no estacionamento é perigoso. Eu andava aquela cidade inteira de bicicleta, eu e meus primos atrás de mim, cachorro, tudo atrás. A infância da minha filha vai ser muito pior que a minha. Infância em condomínio, presa. Vai ficar na creche o dia inteiro, não vai poder sair na rua, não vai poder brincar na terra, não vai. Vai quando tiver a mãe do lado, ou o pai. Acho também que o Brasil, daqui a pouco ele está igual aos Estados Unidos: um frio com o outro. Antigamente, a vizinha do meu pai batia na porta dele pra pedir café, pedir açúcar. Hoje em dia não existe isso, as pessoas são mais preservadas, não tem muito contato com as outras... Eu acho que é porque hoje em dia as pessoas cada vez se conhecem menos, então ninguém confia em ninguém, a não ser que seja uma amizade de muito tempo. Hoje em dia as pessoas se preservam mais, principalmente em cidade grande. Cidade pequena todo mundo ainda se conhece. (Igor - grupo 3)

A conjuntura de hoje em dia é muito complicada pra criança... Hoje, se a criança não tem uma estrutura de família, ela está muito exposta, porque a brincadeira infantil, pé no chão, gostosa, essa já não existe

mais. Ou pra você gerá-la, você corre um risco grande de se expor. E o outro lado da brincadeira é uma brincadeira artificial, eletrônica, ou mecanizada... Isso te custa uma grana. Nem nas cidades nem nas capitais tinha a insegurança que tem hoje, principalmente naquelas cidades de interior, porque no interior todo mundo sabe de quem você é filho, e se você bobear alguém te pega e te leva na tua casa. E hoje em dia isso é muito complicado. Porque se quiser brincar na rua, numa praça, ninguém te conhece mais. (João Eudes – grupo 2)

Estamos vivendo uma época muito mais violenta, até dos adolescentes e crianças que não têm poder aquisitivo, de querer fazer o que os outros fazem. Ai gera a inveja, a violência, a agressão, as crianças na rua que assaltam pra pegar um tênis, certo? A sociedade forma aquele bandido, no momento que não faz nada pra evitar. Até a brincadeira de criança com outra criança não era violenta. E hoje, crianças indo pra escola com arma também no Brasil. Hoje em dia o tempo livre é utilizado para tirar a criança da rua, para ela não se envolver com violência, com droga, etc. Os valores mudaram completamente. Hoje em dia você têm as facilidades para quem tem condições financeiras. Aula de natação, aula disso e daquilo, você ocupa as horas livres do seu filho preocupada com o meio ambiente. (Ana Maria – grupo 2)

Tem vezes que eu tenho vontade de ir assim pra uma cidade grande, sair daqui da fazenda. Eu nunca fui, nem imagino como é. No Rio parece que é mais preso, né, e aqui já tem mais liberdade. A vida aqui é mais tranqüila. Lá a gente não sabe se vai voltar vivo... Tem muita violência. Aqui não, aqui você pode sair a qualquer hora. Você pode dormir com a janela aberta que não tem problema... (Reomar – grupo 3)

Os relatos abaixo refletem a opinião de alguns de nossos pesquisados que acreditam que o *ser criança* em si não mudou, mas sim a sua criação e o universo ao seu redor. Uns acreditam na capacidade adaptativa da criança aos novos contextos, demonstrando ainda uma certa idéia de que existe uma essência infantil que não muda nunca. Outros adotam uma postura de idealização da infância, atribuindo à esta, felicidade e ausência de preocupações ou responsabilidades.

Agora, a criança tem um poder de adaptação extraordinário... Eu acho que elas, nesse meio tumultuado, de super-informação, elas vão encontrando o lugar delas, o tempo delas. Elas analisam as coisas que acontecem e tiram lá as suas conclusões. Sempre tiraram, pelo bem ou pelo mal, e vão moldando aí as suas vidas. A experiência marca. (Aloysio – grupo 1)

O que mudou é o em torno da criança, mas a criança em si continua a mesma. Porque ser criança é ser criança, uma vez só na vida. Eu vejo pelos meus filhos que tiveram uma infância bem diferente da minha, eles curtiram de montão, eles tiveram outro em torno, mas tiveram a infância deles. E meus netos estão tendo a infância deles de outra maneira. Acho que não é nem melhor nem pior, porque eu acho que a criança se adapta rápido a qualquer situação. Eu acho que toda criança em quaisquer condições terá a sua infância preservada. A infância é um estágio de vida, na minha maneira de ver, que pelo fato de você ter que passar por ele, você vai passar dentro da sua inocência, dentro das suas descobertas, enfim, de adquirir conhecimento, e isso vai independer da parte social, do meio. A criança vai se adaptar e vai viver aquele momento e vai tirar dele o melhor que ela puder dentro do que é necessário para a sua infância. (Tomás – grupo 2)

É óbvio que têm mudanças e que meus filhos não têm a mesma infância que eu tive, até porque eles têm a creche, passam o dia na creche, mas eu acho legal isso porque eles têm a socialização que eu tive, têm contatos com outras coisas, mas eu não sei assim se é tão diferente porque eu vejo algumas falas dos meus filhos que são coisas assim de criança. A Bárbara brinca de boneca, como eu brincava, ela veste as bonequinhas... O Breno também adora uma bola, gosta dos carrinhos, bicicleta... eles curtem essas coisas também. Então, é claro que têm mudanças, tem coisas de um mundo novo, mas tem outras coisas que eu acho que eles são crianças, entendeu? Existem coisas que ficam mesmo. (Ana Claudia – grupo 3)

Eu acho que com a criança não, com a criação que a gente dá pra eles sim. Eu acho que a criança é tudo igual, de hoje e de antigamente. Eu acho o jeito que a gente cria a criança de hoje é que é diferente. É muito bom ser criança, não ter responsabilidades. Acho que quando a gente tem filho a vida muda totalmente, a gente tem alguém pra se preocupar. Porque eu acho que quando a gente não tem filho não tem preocupação com o que pode acontecer, porque os pais da gente estão se preocupando pela gente. (Luciane – grupo 3)

Quando a gente é criança não se preocupa com nada, brinca muito, não fica com pensamento ruim na mente. Agora adulto, a gente já se preocupa muito com os filhos, tem que trabalhar. Quando pequeno a gente pode estar mais livre, pode curtir. (Reomar – grupo 3)

Com relação aos fazeres lúdicos, os sujeitos de nossa pesquisa comentam se acreditam que existam modificações ou transformações, justificando suas opiniões em seguida. Muitos responderam positivamente, destacando mais uma vez, fatores como a diminuição dos espaços possíveis de ocupação das crianças; a insegurança; a presença maciça da televisão na rotina das pessoas - adultos e, principalmente, crianças; a produção indevida de programas, desenhos e músicas ditas infantis; etc.

Eu acho que a vida hoje não dá lugar pra muitas coisas de quando eu era criança e adolescente. Mudaram os espaços, mas não é somente isso. As possibilidades de conhecimentos daquelas formas de brincadeira, pequenas loucuras de infância, não existem hoje, não existe mais a rua, seus folgedos. A noite não está mais entregue a esses choques positivos, de polícia e ladrão, brincadeiras de rua... Hoje não tem campos de esporte, só dentro dos ginásios ou estádios, né. Hoje há a natação nos seus centros especiais. A rua hoje é ocupada pelos automóveis, de maneira que esse lado, que é típico da província, desapareceu. Não há estado de segurança, não há emprego, não há possibilidade de lazer para estudar, para criar. Eu tenho a impressão de que a infância e a adolescência são as grandes vítimas de uma sociedade profundamente madrastra. (Apolônio – grupo 1)

Acho que antes a gente brincava bem mais. Porque eu acho que a própria vida, a estrutura de casa, o espaço, a disponibilidade da família de acompanhamento permitia isso. Hoje eu acho que a família ou deixa os filhos na escola pra poder trabalhar, ou ela paga alguém pra ficar, que nem sempre tem a disponibilidade... Os apartamentos, né, cada vez mais reduzidos, os espaços favorecem a televisão, o ficar em casa, os playgrounds... Hoje, mesmo a criança tendo no prédio uma área de lazer muitas vezes ela é privada de usar essa área, porque oferece algum tipo de risco... E muitas vezes, as áreas de lazer têm uma série de limitações. O próprio Campo de São Bento... Eu comparo a época em que os meus filhos brincavam com hoje, todo o espaço do Campo era propício às crianças. Hoje tem feirinha em quase todo o espaço, a população ao redor está cada vez crescendo mais e precisando de espaço e com isso o espaço diminui... Antes o espaço era só pras crianças, entendeu? (Eleonora – grupo 2)

Brincava-se muito mais antigamente. Não só por causa da questão do espaço físico não. A educação mesmo, o costume muda. A criançada hoje em dia quer saber de ficar jogando videogame, vendo tv... É só você ver o desenho que passa hoje em dia pra criança: Pokémon. A música que toca hoje em dia em festa de criança: "vai popozão". Acho que o videogame é uma brincadeira, mas eu não acho que é saudável. (Igor – grupo 3)

Assim como Igor, Luciane acredita que o videogame representa uma atividade infantil preocupante para a formação da criança, como também algumas músicas ou programas de tv. Além disso, juntamente com Tomás e Ana Claudia, ela partilha da idéia de que a criança brinca sempre, independente da época ou espaço, usando sua criatividade e imaginação. Os brinquedos e brincadeiras é que vão se transformando.

Não é que eu ache que se brinque mais, as brincadeiras é que são diferentes. Hoje em dia são brincadeiras mais preocupantes, tipo videogame. Eu acho muito mais saudável aquela criança que vai correr, pular, que está fazendo um esporte, do que aquela que fica 24 horas em frente à televisão ou jogando videogame. Banaliza um pouco a violência... Até nos desenhos animados hoje em dia é só violência, então na cabeça da criança isso já não é uma coisa tão séria. E tem muitas músicas... que têm a violência, esses funks, de popozuda de não sei o quê. Eu não acho isso legal pra criança estar cantando, apesar de muitas crianças não saberem nem o que estão cantando, pra mim isso não é música que se bote pra uma criança ouvir. Mas como é que não se vai botar, não bota aqui dentro de casa, vai na casa do amigo e bota. Vai numa festa é o que cantam, dentro do colégio é o que botam. Vai dançar no final de ano é uma música dessa. É difícil você criar filho hoje em dia... (Luciane - grupo 3)

A criança brinca lendo gibi. Eu acho que o universo que ela cria... você dá um pedaço de papel, aquilo vira um avião, um automóvel, qualquer coisa. Só que hoje, dentro da classe média, até da classe pobre, os brinquedos hoje são muito baratos. Qualquer cinco reais você vai ali no camelô e compra brinquedo, né. Então tem carrinhos aí pra caramba... Hoje em dia o espaço está mais restrito. Mas eu creio que a criança mesmo estando em casa ela dá um jeito. O espaço dela é infinito, infinito dentro do que ela possa criar. (Tomás - grupo 2)

Eu acho que se brinca sempre, não tem como a criança não brincar, ela arruma o jeito dela. Eu vejo meus filhos brincarem muito. Sei lá, acho que é meio da criança arrumar um jeito de brincar. (Ana Claudia - grupo 3)

A seguir, Dona Arinda e Sr. Aloysio comentam algumas diferenças que percebem entre o brincar de hoje e o de antes, de quando eram crianças, constatando que uma grande mudança se dá com relação à leitura. Acreditam que a relação da criança com o livro não é incentivada ou experimentada como anteriormente.

Ninguém brinca de roda, ninguém declama... Eu não vejo as crianças brincando como antigamente. Mas eu não sei, de repente nas escolas talvez brinquem, né. Mas pelos meus netos, eu vejo. Só querem ver televisão e jogar bola. Não lêem também. Não vejo leitura nenhuma. Algumas netas lêem. Mas pra muitos eu pergunto: "Você não vai ler?", e eles dizem: "Ah, vovó, estou de férias", ou "é fim de semana". (Arinda - grupo 1)

Eu comecei a ler muito cedo, com seis anos eu já lia Monteiro Lobato, aqueles livros todos, Narizinho, Emília, Pedrinho... Aquelas coleções da Terra, Mar e Ar, coleções de aventura, Jack London, Tarzan, Edgar Rice Burroughs, Kipling, da selva indiana, aquelas caçadas de tigre, Julio Verne... Muita aventura principalmente. Levavam a um acultramento. E hoje eu acho que as crianças lêem menos e isso é uma coisa bastante grave, porque a imagem tem um impacto grande e uma sedução, uma instantaneidade, que não te leva assim muito à meditação. A leitura, você se concentra, você se aprofunda, ela força a memória, você analisa mais, compara... A imagem é muito brusca, né. A história em quadrinho já foi uma simplificação tremenda, e depois, a história em quadrinho já veio... Já afastou muito a leitura. Tirou a paciência da criança. E a televisão, pior ainda. A transmissão imediata, o comodismo. (Aloysio - grupo 1)

## 5. Educando nossos filhos: a família em foco

Neste momento, trazemos ao leitor a descrição de como nossos pesquisados educaram seus filhos, como eram os espaços nos quais essas crianças nasceram e cresceram, as instituições educacionais pelas quais passaram, os padrões e valores sociais e culturais de cada época. É possível observar que, ao narrarem esses contextos e práticas educacionais, grande parte dos participantes destaca a correria do dia-a-dia e a mudança nos espaços residenciais como diferenciais substanciais com relação à quando eram pequenos.

Eunice nasceu em 53. Nós já estávamos aqui num ambiente plenamente citadino, né, no Rio de Janeiro. Grajaú. Eu era químico, trabalhava na fábrica, em Caxias, saía daqui 5 horas da manhã, eu trabalhava de 7 às 5 lá. Quando eu comecei a trabalhar lá não tinha nem a Avenida Brasil, ela foi se formando e depois a Dutra. Então, na volta era dureza, nós vínhamos de jipe pela antiga estrada Rio-Petrópolis. Depois veio a Avenida Brasil, e aí a gente começou a usar essa via. Mariazinha também, no inverno, levantava de noite, e às vezes saía de bonde até Cascadura, depois pegava um outro bonde para Jacarepaguá (*risos*), para dar aula lá. Então era meio dia de expediente, mas consumia um tempão. Nossas filhas viviam ali já no regime de apartamento, né. Maria Cecília nasceu aqui na Tijuca. Elas tinham amiguinhas aqui no prédio. Todas as duas começaram a estudar no Colégio Santa Dorotéia, na Rua do Bispo. Aí tinha ônibus que levava, e tudo. Nós escolhemos este colégio pelo bom nome, pelo ambiente bom, pela educação religiosa. Era só pra meninas. Fizeram lá o primário. Quando elas não estavam na escola... de 5 a 10 anos, novamente a vida mais limitada na cidade. Nós as levávamos sempre para brincar no alto da Boa Vista, subindo de bonde, antes de ter carro. (*risos*) Levávamos para parque, para cinema, para festinhas de colegas, de primos. E propiciávamos sempre em casa muita leitura, muita informação, já tinha a televisão que veio entre as duas. Maria Cecília aprendeu a ler pela televisão. Eunice aprendeu em casa com o avô e com as tias da Mariazinha que moraram conosco um período. (Aloysio – grupo 1)

Eu tive doze filhos. Meus filhos foram criados em Casimiro, e depois numa fazenda. Enquanto eu morava em Casimiro, eu só tinha a Palmira trabalhando pra mim, e uma mulher que ia lavar roupa segunda e terça e torrar café, mas não passava roupa. O resto da semana eu lavava e passava tudo, sabe. Eu arrumava a casa, ajudava na cozinha, porque Palmira nunca deu conta da cozinha sozinha. Era boa pros meus filhos, então eu a jogava pros filhos, porque ela se divertia com as crianças e eu tomava conta do serviço dela. Acordava cedo, lavava fralda, naquele tempo não tinha calça plástica de criança. O fogão econômico era enorme, cabia muito doce ali dentro, então eu aproveitava. Vendia 5 tabuleiros de doce todo dia. Meus filhos ficaram estudando lá em Casimiro até os nove anos. Com 9 anos todo mundo saiu de casa, foram morar com as irmãs mais velhas que já eram casadas, com amigos próximos meus e de José ou parentes em outras cidades. Todo mundo de Casimiro estudava nessa escola. Era a única escola que tinha lá, mas só nós que depois tirávamos os filhos pra estudar em outros lugares. Quando eles eram crianças e não estavam na escola, eles me ajudavam a limpar a horta, a arrancar matinho na horta, a regar as plantas. Eles brincavam muito, brincavam bastante. Eu esqueci um pouco das brincadeiras deles porque eu nem tinha muito tempo de brincar com eles. Brincavam de pique, às vezes, brincavam lá no meio dos outros garotos, na beira da piscina, dos córregos, pescando... As meninas ficavam aprendendo a bordar comigo, a costurar. Botava logo na máquina, dava logo uma agulha na mão. Desde criança. (Arinda – grupo 1)

Todos eles foram educados em Niterói. Moramos anos e anos na Pereira Nunes, nº 77. Era uma casa gostosa e grande. Quando papai comprou ampliou ainda mais, fez uma suíte de um lado para a Chiquita e o marido, e uma outra pra mim e Maurício do outro lado. Meus filhos gostavam muito de baralho ou então dama. As meninas também brincavam de bonecas, bola... Eles variavam, né. A rua era tranqüila e eles

jogavam bola ali... De vez em quando vinha um carro, buzina, passava assim um do lado e do outro. As meninas faziam coisa em casa também. Eu botava pra arrumar... Como eu fui educada. Mécio e Nina começaram a estudar na Dona Stela Trovão, na Rua Moreira César. Depois vieram pro Ginásio Bittencourt, onde eu estudei e fui interna. Escolhemos o colégio porque era aqui perto, ali no Ingá. A Nadja estudou no Marília Matoso, porque estava pertinho de casa. A Etel estudou foi lá em Icarai, depois que ela terminou esse colégio e foi fazer um curso ali... Eu acho que foi ali no São Vicente. Você sabe que eu esqueci o da Etel... Mas é que fica por último, a gente acaba até esquecendo. Nós sempre tivemos em casa as empregadas, que ficavam com as crianças. Aos domingos é que eles ficavam mais conosco, e feriados e férias também, né. (Ana - grupo 1)

Éramos e somos comunistas. Fui colocado fora do exército em 36, e só voltei depois de 56 anos... E nesse período nós nos envolvemos na militância do Partido Comunista. A criação deles foi de muita conversa, muito debate e tudo mais. Trabalhávamos muito. Então eles viviam mais com outras crianças da vizinhança. Eles ficavam mais conosco à noite na hora do jantar. Se eles não tinham qualquer passeio, aí ficávamos vendo televisão, discutindo, conversando... Os meus filhos se tornaram comunistas sem se darem conta. O René acabou de fazer 56 anos e o Raul está com 54. Quando eles eram pequenos nós morávamos em casa, em São Paulo, depois aqui no Rio, em apartamento. O mais velho tinha uns 8 anos quando viemos para o Rio. Em São Paulo, eles brincavam no quintal da casa, tinham amigos de escola, mas já não circulavam tanto. Eles estudaram em colégios particulares. Escolhemos esses colégios porque eram próximos de casa. Eram colégios pequenos. Só mais tarde já no Rio é que eles foram para outros colégios maiores. Quando eles não estavam na escola, o mais velho fazia esporte, basquete em São Cristóvão. Gostavam muito de cinema, gostavam muito de esportes também, eram fanáticos. A TV também surgiu naquela época. Na escola todo mundo falava, as conversas rolavam muito em torno dos programas de televisão... Tínhamos TV em casa e eles assistiam bastante. Antes eles ouviam muito rádio também. Nunca bati um dedo num filho, nem quando era criança. (Apolônio - grupo 1)

Quando eles nasceram, eu morava em um apartamento na praia de Icarai. Quando Diana nasceu, eu a levava pra passear na beira da praia, eu tinha orgulho. Um tempo depois, eu fiquei grávida do Tomas, precisava de uma babá para me ajudar com os dois, e então a Kika ficou praticamente o tempo inteiro com eles. Foi Kika quem ensinou Diana a ler. Quando ela foi pra alfabetização, já sabia ler palavras com letras de imprensa, pra surpresa minha. Depois nasceu o Tomas, ele era mais dengoso, mais chorão, e ficou agarrado de uma tal maneira com a babá que não me dava nem pelota. Ela ficava o dia inteiro com ele, só ia embora no fim de semana, que era a folga dela. Depois, nós fomos morar na Argentina. Lá eu não trabalhava, ficava em casa com eles, levava os meninos pra escola... Moramos lá quase 3 anos. Aí voltamos e fizemos o Jornal Balcão aqui, né... Eu trabalhava muito, chegava em casa exausta. Aí já entrou mamãe, porque eu não tinha mais Kika, e os meninos já eram um pouco maiores. Mamãe ficava com eles e eu chegava em casa às vezes duas, três horas da madrugada. Quando eu voltei da Argentina, nós fomos morar em Charitas. Aí eles estudaram no Assunção. Era um colégio de freiras e também o ensino era bom... Era muito perto de nossa casa. E eu optei por ali até pelo problema de distância. E não conhecer outro tipo de escola. Depois fomos pro Jardim Ubá, passei 11 anos morando lá, aí eles começaram a estudar na Aldeia Curumim. E pra mim foi a melhor escola que eles tiveram, porque eu colhi informação sobre a escola primeiro, eu visitei a escola, gostei do ambiente da escola... É um sítio. Eu gostei do sistema de ensino. Como a gente morava em um condomínio, eles brincavam com os vizinhos. Também iam comigo e Cristiane pro Campo de São Bento. Nós tínhamos o hábito, em casa, de fazer quebra-cabeça. Começamos com um quebra-cabeça pequeno, e a família às vezes ficava 3 dias, uma semana, dependia do tamanho do quebra-cabeça, pra montar. A mesa ficava ocupada. A gente tinha que comer na cozinha, porque tinha que ter um espaço pro quebra-cabeça ficar armado. E todos se envolviam naquilo ali. Existia, digamos assim, um maior contato dentro de casa com os pais do que hoje em dia. (Ana Maria - grupo 2)

As crianças chegaram exatamente depois de 7 anos de casamento, quando eu achei que era a hora, eu sempre quis família. A Monica nasceu em 76, no Grajaú, no Hospital dos Italianos... A gente morava na Tijuca. Era um apartamento, o primeiro apartamento comprado no BNH, aí eu já era o responsável pela direção da família. Foi quando eu saí da Marinha. A Pretinha, minha cunhada, ela ficou um tempo grande conosco. E ela cuidava da Fabia... Ela tinha acho que por volta de 14 anos, por aí. Nós a considerávamos como filha. Aí ela ficou sendo essa pessoa intermediária, até porque a gente nunca foi de botar uma

pessoa estranha, assim, específica pra ficar com eles. E o André veio 9 anos depois da Mônica... morávamos num apartamento em Copacabana. Depois, compramos um apartamento em Botafogo, que tinha bastante opção, piscina, sauna, essas coisas todas. Então a Monica fez, vamos dizer, um habitat em relação a... Porque tinha um play, outras crianças, em determinados horários, então ali ela se envolveu bastante com as crianças da idade dela. E o André também, né. Eles estudaram em vários colégios e nós não tínhamos outro critério de escolha a não ser a proximidade de nossa casa. (João Eudes – grupo 2)

Bruno tem 20 anos, Carla tem 18. Quando nasceram nós morávamos em apartamento, na Rua Barros. Eu parei de trabalhar um horário, então eu ficava com eles de manhã, nós íamos todos os dias ao Campo de São Bento, isso era religioso. Levava velotrol, caminhãozinho, e coisa de areia, eles corriam, pulavam, subiam em árvore... À tarde, ficava uma pessoa com eles e aí já dormiam aquele soninho da tarde, acordavam, lanchavam, às vezes iam um pouquinho no playground. A gente tinha uns amigos que tinham uma fazenda em Itaboraí que tinham filhos na mesma idade dos nossos, e quase todos os finais de semana nós íamos pra essa fazenda. Então eles tiveram muita oportunidade de convivência com a natureza, de contato com bichos, andavam a cavalo, tinha galinheiro, campo de futebol, açude, pescaria, então eles foram criados, na verdade, com bastante espaço e liberdade. Era uma preocupação minha tentar proporcionar o máximo de espaço possível. Eles começaram a estudar na Aldeia Curumim... Bruno entrou com um ano e nove meses, e Carla entrou com dois anos. Depois na Escola Nossa. Fizeram até a oitava série lá. Eles gostaram muito das duas escolas, que tinham muito espaço e atrativos pra eles. Eu trabalhava na Aldeia, depois fui para a Escola Nossa e eles me acompanharam. Tínhamos um combinado: a gente chegava na escola, se despedia, e cada um pra sua sala. Eles não me procuravam na escola, a responsabilidade era com os professores, eles é que tinham dar conta... Lá em casa a gente tinha uma prática do jogo assim que era muito grande. Desde um aninho eu sempre dava pra eles, livros e jogos, e eles tinham uma estante no quarto, da altura deles, e que ali eu ia arrumando gradativamente os jogos de acordo com a idade. Eu acho que o jogo ele é um estímulo muito grande pra construção do raciocínio da criança, então eu sempre valorizei muito o jogo. Eles tinham quebra-cabeça, Cilada, Cara-a-Cara... Teve um que Bruno me pediu aos quatro anos, quando ele viu na televisão, era o Top Letras, ele insistiu tanto que compramos. E ele se interessou tanto pelo jogo que aprendeu a ler com ele. Tinha muito também desses jogos tipo bingo, tipo encontre a peça que está faltando, lótus... Quebra-cabeça assim por um tempo era um desafio, a gente comprava de tantas peças, aí queriam mais, queriam ir aumentando, então às vezes a gente começava e continuava no dia seguinte... Normalmente eles viam tv de manhã, quando era dia de chuva e a gente não podia sair, porque normalmente acordava e a gente saía, pra pegar um sol, pra brincar. E às vezes, na hora que chegavam da escola, viam aqueles filmezinhos. Mas depois de sete, oito horas ninguém mais via televisão. Era um horário assim bem restrito. Já com eles mais velhos, veio a história do videogame... Mas aí eles já estavam com oito, dez anos, e eu já não tinha tanta preocupação mais assim de estar selecionando todo o tempo, porque eles já tinham toda uma trajetória de formação... E não era aquela coisa de ficar 24 horas ali na frente não. (Eleonora – grupo 2)

Tomás está com 31 e André está com 29. Eles nasceram, a gente morava na Miguel de Frias, num apartamento. O fundo do apartamento era o Clube Rio Cricket, que éramos sócios. Então, sempre que possível nós íamos ao Rio Cricket, onde eles aprenderam a nadar conosco. Uma coisa que eu me queixo muito é de ter trabalhado demais... Mas em compensação, as férias... A gente passava os meses de férias todo mundo junto, integrado, ou lá pro sítio do meu sogro, ou acampando... Eles estudaram na Aldeia, foi um lugar que compensou o apartamento, né. Escolhemos esta escola por vários motivos. Primeiro porque eu conhecia o Dalton, ele foi meu professor e de Sandra também. Ele era diretor da Aldeia, um cara com idéias boas, né. Então, na época, era disparado a melhor escola em Niterói, no sentido de ter turmas pequenas... Tudo aquilo que a gente imagina como ideal, acho que mais ou menos acontecia lá. E acho que eles aproveitaram muito, sabe. Quando eles não estavam na escola, que eu me lembre, eles ficavam em casa... Mais Sandra do que eu, mas sempre nós dois procuramos incentivar a curiosidade, as leituras, brincadeiras, sei lá, rabiscos, desenhos, essas coisas, sempre com atividades de interação. Mas sempre que a gente estava junto, sempre foi um momento de muita alegria, de muito prazer, quer brincando ou sem brincar. Pra mim sempre foi excelente... (Tomás – grupo 2)

A Bárbara tem 4 anos e o Breno tem 3. Eles estão sendo criados em um apartamento pequeno, mas também são 4 blocos e são maiores, cada bloco tem uns 15 andares com 8 apartamentos, é gente pra burro



e criança pra caramba. Então antes deles entrarem na creche, quando pequeninos, eles brincaram muito lá embaixo com as crianças da idade deles. Quando completaram 2 anos entraram na creche. Continuam nessa socialização e o espaço de brincar é mais na creche. Eles estão na Creche Bebê e Cia. Eu e Leandro escolhemos essa creche porque eu fiquei apaixonada pelo lugar. É uma creche que não é muito grande, então não tem muitas crianças e tem um trabalho pedagógico maravilhoso. A creche tem: nutricionista, pediatra, pedagoga, psicóloga... ela tem uma estrutura maravilhosa, não é cara e essa equipe trabalha junta desde que a creche foi montada. Uma coisa na creche que eu gosto é que eles não tem contato com televisão, lá eles não ligam. E também tem uma outra coisa que a gente tenta preservar um pouco, é... que as crianças sejam ainda crianças, ou seja, as músicas ainda são músicas de crianças, as coisas são as coisas de criança... Óbvio, a gente não bota ninguém numa redoma, nem proíbe e nem fala "o mundo é horrível!", mas eu acho que a gente tem que apresentar as coisas para elas, tudo o que pode ser legal. Final de semana a gente procura sair muito, vamos a parque, no Campo de São Bento, levamos eles pro clube e pra casa da minha sogra, porque lá tem quintal, então as crianças curtem muito, tem um espaço bom pra eles brincarem também. Meus filhos ficam pouco comigo e com o Leandro durante a semana. Porque Leandro sai cedo, às vezes antes das crianças irem para a creche. Eu levo as crianças para a creche, quer dizer, fico uma hora com eles de manhã, só que dando aula à noite eu só chego em casa 22h e eles já estão dormindo, raramente eu pego eles acordados. À noite, Leandro chega antes de mim. Quando as crianças chegam da creche, elas ficam com a minha mãe, com a avó deles. (Ana Claudia - grupo 3)

A Luiza está sendo criada melhor do que muita gente no Rio. A gente mora no mesmo prédio da nossa sogra, que mora na cobertura, e onde tem um terraço imenso pra ela brincar. Porque se não tivesse, ela ia brincar como todas essas coitadas dessas crianças de hoje em dia brincam, dentro de casa, ou no play dum prédio, entendeu? Ela ainda não estuda, quando ela tiver com dois anos e meio ela vai pra creche. Eu já penso em alguma coisa... só que creche é tão caro... Uma creche lá em Ipanema que é perto do meu trabalho e do trabalho da Mariana é oitocentos reais. Mais caro que uma faculdade. Mas a creche tem tudo, piscina, natação todo dia, e é um professor pra cada criança na piscina. Tipo assim, são 20 minutos de natação por dia, a neném com um professor só pra ela, daí ele depois entrega a neném pra outra funcionária da creche, que seca a neném, leva pra uma outra atividade, entendeu? Só isso aí já me conquistou lá. Um trabalho mais atento pra cada criança... Não é aquela sala cheia de crianças. Por enquanto ela fica com a Tati e com a sogra, a mãe da Mariana. Eu acho que uma creche nunca vai substituir o que uma avó pode dar de amor a uma criança. Só que vale na parte de aprendizado, de aprender a lidar com as outras crianças... Ela não tem contato com outras crianças não. Tem muito contato com a priminha dela, com a Manuela, de 3 anos. Brinca, faz bagunça, bate na Manuela, a Manuela bate nela. Fico pouco tempo com ela: de manhã, até umas oito e meia da manhã, e chego em casa lá pras 20 horas... Fico um pouquinho. E, fim de semana eu fico praticamente o dia inteiro. Fim de semana a gente não fica em casa. A gente vai ou pra casa da minha irmã, porque ela mora num condomínio com piscina, e a gente fica lá curtindo, ou a gente vai pra Teresópolis, pra casa do meu pai, ficar lá no clube... (Igor - grupo 3)

Meu filho se chama Bernardo e ele tem 5 anos. Ele nasceu aqui em Niterói, depois, durante uns três anos, ficamos nos mudando com o pai dele. Moramos em São Paulo, voltamos pra Niterói, fomos pra Belo Horizonte, voltamos pra Niterói, fomos pra Califórnia, depois Saquarema, Araruama e, depois que eu me separei, voltei aqui pra casa dos meus pais. Tipo vida de cigano, né. Bernardo tem 5 anos e estudou em 6 colégios. Acho isso horrível, queria que ele sempre continuasse no mesmo lugar, tivesse uma base. Ele estuda nesse colégio Centro Moderno de Ensino, que escolhi porque eu já conhecia a sua filosofia e porque era perto da minha casa. Ele entrou com um ano e dois meses e logo depois deixou de usar fraldas, começou a falar mais cedo... Isso tudo porque foi puxado no Jardim, né. E financeiramente, esse colégio era mais em conta. Não tenho muita ajuda do pai dele, não trabalho, faço estágio, e quem sustenta mesmo é o meu pai. Ele faz futebol de manhã, capoeira e natação. Quando ele não está nessas atividades eu procuro estar com ele no Campo de São Bento, ou então aqui embaixo do prédio jogando bola. Não tem outras crianças no prédio, mas ele tem um primo que está sempre aqui com ele. Ele vive muito assim no mundo de adulto. Sente muito, é carente assim por outra criança. Ele fica comigo o dia inteiro, menos na hora do colégio. Desde da hora que acordar até a hora que dorme, é comigo. Eu tinha vinte e dois anos quando ele nasceu. Eu não estava preparada pra ter filho e nem o pai dele. Eu tive depressão pós-parto, eu não queria cuidar do Bernardo. Minha mãe me ajudava nos primeiros dias, e depois tinha que ser eu. Eu nunca tive problema com ele de adaptação no colégio. Desde um ano e dois meses, ele entrou no primeiro

dia ele já ficou de uma às cinco. Mas quando eu me separei ele chorava, tive aquele problemão, já com 3 anos. Ele estava acostumado com aquela coisa do pai e da mãe. O pai dele, quando eu me separei já foi logo pra uma outra família, uma outra casa... Ele ficava a semana toda aqui bem e quando ele ia passar o final de semana com o pai ele voltava totalmente outro, agressivo, revoltado. E até ele se adaptar à vida aqui de novo... Eu tive uma criação, o pai dele teve outra criação, aí você vai juntar aquilo pra criar o seu filho, dá um curto circuito. Era muito difícil, porque ele deixava o Bernardo fazer tudo, não dava limite. Mas isso porque ele não teve limite na criação dele. E eu já fui uma criança totalmente com limites, e tentava passar isso pro meu filho. Meu filho só conseguiu ter isso depois que eu me separei, porque eu vim morar com os meus pais e aqui dentro é a mesma criação que eu tive, né. Hoje em dia ele já se adaptou. (Luciane – grupo 3)

Minhas filhas são Rayane, a mais velha, de 7 anos, depois vem a Daniela, de 6 anos, e tem a Rafaela, de 3 anos. Eu e a mãe delas nos separamos já tem quase dois anos. Elas moram pra lá de Venâncio um bocadinho. Um lugar meio distante do colégio, mas tem condução da própria cidade pra levar e buscar. Era o colégio mais perto da casa delas. A Rayane e a Dani é que estão estudando, elas gostam bastante. Quando elas não estão na escola, elas brincam, né. Brincam de boneca em casa. Lá é tranquilo. Elas também brincam com as amigas na rua... Venâncio é um arraiá... Não é tão movimentado igual Itaperuna, igual Muriaé. Elas moravam em Eugenópolis, mas depois mudaram. A Nívea arrumou um serviço lá, e foram pra Venâncio. Elas estão morando numa casa. Numa casa de laje, uma casa boa. Lá tem um terreno muito bom pras crianças brincarem... E tem outras crianças pra elas brincarem também. Elas já fizeram amizades. Mas elas gostam mesmo mais é daqui. Aqui o espaço é muito grande, né. Tem muita fruta, tem muito espaço pra elas brincarem de bicicleta, de boneca... Lembram bastante de quando moravam aqui e sentem falta. (Reomar – grupo 3)

Ao serem questionados se costumavam brincar com seus filhos quando estes eram crianças, alguns disseram que sim e justificaram esta prática pelo prazer e diversão que elas trazia, pela busca por um contato diário e mais próximo com os filhos ou por acharem que jogos e brincadeiras representavam um importante meio de desenvolvimento e formação da criança. Deixemos que respondam: você costuma(va) brincar com seu(s) filho(s)?

Muito. Eu ensinei a elas tudo que era tipo de jogo que havia, dominó, dama, xadrez, baralho, né. Todas essas coisas. Muita leitura, eu dava sempre de presente, eu lia junto... Porque primeiro tinha prazer na companhia delas duas. Em segundo eu achava que as brincadeiras orientadas levavam a um bom desenvolvimento. Brincadeiras instrutivas, a convivência com a natureza e com os animais, assim como eu tive na infância. Ainda era a época em que as meninas brincavam muito de boneca, né. Tinham prazer nisso, e tudo mais. Já não tanto mais quanto a minha irmã, porque lá em Minas, a minha irmã e as outras meninas brincavam, brincavam mesmo assim de comadre, de casinha, de boneca, a manhã inteira, a tarde inteira. Isso já não aconteceu mais na nova geração. Aí já tinham muito de leitura, de cinema e televisão, e foi substituindo a brincadeira pela diversão, impingida ou comercial. Mas não era brincadeira. (Aloysio – grupo 1)

Muito. Brincava de tudo. De casinha, de boneca, tudo que era boneca que não fazia mal, que não entrava no industrial. Tudo que era assim muito saudável eu dava pra eles. Piscina, sair e me divertir com eles, de levar ao circo, ir com eles ao cinema. (Ana Maria – grupo 2)

Pra mim era fundamental eu ter um contato diário com as crianças. E o jogo era uma maneira assim que eles requisitavam muito também, e que eu gostava muito. Talvez por eu trabalhar com educação, eu tinha um olhar pro jogo, eu às vezes participava na escola de compras de jogos, tinha análise de jogos pra cada idade, então era uma coisa assim da minha prioridade. Jogo e livro. Eu todo mês ia à livraria pagar o

cartão do que eu comprava pra mim e comprava um livro pra cada um. E sem contar assim as épocas de aniversário ou de natal, que sempre tinha um livro nos presentes, né... (*risos*). A hora da história de noite não podia faltar. Antes de dormir, eles já selecionavam os livros, tinha vezes até que eu dormia lendo... (*risos*) Dos contos de fada eles gostavam muito. Agora, outros livros eram, assim, livros de época. Bruno tinha um livro dos monstros que ele adorava e queria sempre, Carla tinha uma coleção que trabalhava os medos também, então ela pedia muito pra contar. Mas os contos de fada eu vejo assim que eles iam e voltavam, sempre eles queriam... (Eleonora – grupo 2)

Sempre que possível. Primeiro pela troca... Aquela necessidade da presença do pai. Não é porque eu sou pai que eu vou brincar. É porque eu tenho prazer em brincar, de acompanhar o desenvolvimento dos filhos, e de ter surpresas. Apesar de eu estar muito cansado quando chegava, sempre eu tive tempo pra brincar com eles, sempre. (Tomás – grupo 2)

Brinco, mas gostaria de brincar mais. Porque é uma delícia, é gostoso brincar com eles, é gostoso contar história e ouvir eles falando... uma imaginação, uma coisa absurda, é muito legal! Assim, tem os brinquedos mesmo deles, de montar... Eles curtem demais. (Ana Claudia – grupo 3)

Muito, porque é engraçado, eu gosto... Eu gosto de encher o saco dela também, é muito engraçado. Eu brinco com ela todo dia. Quando eu chego em casa e ela está dormindo, às vezes eu vou acordar ela... (Igor – grupo 3)

Brinco. Ah, porque eu acho que é muito divertido e elas gostam muito também... Eu brinco de pique, de bola, às vezes eu brinco de boneca junto com elas... E elas gostam mesmo de vir pra cá... Depois que eu me separei da mãe delas, eu só brinco com elas quando elas vêm pra cá ficar comigo. Antes era sempre que eu podia. Era mais fácil, tava sempre perto. (Reomar – grupo 3)

Em contrapartida, outros relatos apontaram para a ausência ou pouca prática lúdica com os filhos, trazendo a falta de tempo ou de paciência como principais explicações.

Não tinha tempo. Tinha que trabalhar muito, fazer as coisas da casa, não tinha faxineira, não tinha arrumadeira, não tinha nada, né. Filhos pequenos sempre, não dava pra eu brincar com os filhos não. E o José também não, porque quando ele não estava na fazenda ele estava no comércio. Ninguém tinha tempo de brincar com os filhos não, mas a gente tinha muito amor aos filhos... Eles ficavam mais com a gente na hora do almoço e do jantar. À noite, nesse tempo ainda não tinha televisão, tinha rádio só. Escutávamos rádio. Demoramos pra ter televisão. Palmira gostava de cuidar de criança, mas era brincar, cuidar mesmo era eu, eu que dava banho nos filhos. Ela dava comida, ajudava a ver as coisas que as crianças precisavam...E brincava com eles lá fora, dava papo pras crianças, e gostava. (Arinda – grupo 1)

Não me lembro, assim, não. (*pequena pausa*). Quando eram pequenos, vínhamos aqui para a fazenda e brincávamos de roda... Eu só ficava vendo eles brincando de pique-esconde, ficava apreciando. Achava uma graça e tinha vontade de mostrar... Eles diziam: "Não pode não, mamãe, não pode mostrar". Mas eu tinha vontade de mostrar sim, que tinham se escondido ali. Maurício gostava de contar casos e histórias pra eles. (Ana – grupo 1)

Nós vivíamos ligados ao trabalho do partido, todo esse período. Íamos de vez em quando à praia, passear, jogávamos futebol na rua, na praia... Mas eles ficavam mais com os amigos mesmo. A gente era muito preso, porque os partidos de esquerda são terrivelmente absorventes com seus militantes. E eu era um auxiliar da direção. Em casa a gente estava lendo ou escrevendo ou discutindo. Trabalhávamos muito. (Apolônio – grupo 1)

Brinquei pouco. Numa idade que eu poderia ter brincado mais. Não tinha paciência, né. Não era só pela questão do tempo, mas porque eu também não tinha muita idéia de que eles iam crescer, de que tudo aquilo ia passar rápido. Nem sempre eu ofereci todo o tempo que eu poderia oferecer. Poderia ter brincado mais... Não me dei conta a tempo... (João Eudes - grupo 2)

Muito pouco, não tenho paciência. Eu acho que eu poderia ter sido mais mãe, eu não tenho vergonha de falar, eu acho que quando a gente erra tem que aceitar. Eu pretendo casar de novo, ter mais filhos e não errar mais nisso, mas eu acho que isso também foi muito como foi, uma coisa muito maluca. Muito atropelada. E uma união que não deu certo. Então eu acho que eu não consigo ser o que eu quero ser com o meu filho pela vida que eu tenho, por não ser realizada. E isso só vai mudar o dia que eu me realizar. Bernardo, por ele ser filho único, quer sempre que a gente esteja com ele, brincando, fazendo as coisas... Eu acho que tem coisas que você precisa de alguém para brincar e tem coisas que você não precisa. Eu brinco com ele, conto história pra ele, vejo desenho, mas tipo assim, se ele me pede 10 vezes eu brinco 5. (Luciane - grupo 3)

Essas atividades lúdicas normalmente acontecem em momentos específicos, dependendo do tempo e da disponibilidade do adulto. O corre-corre cotidiano é citado por muitos deles como ponto principal desta falta de tempo e/ou disponibilidade. A seguir, escolhemos um relato de cada grupo, para retratar este quadro:

A vida aí já estava muito contingenciada. Em Minas, quando pequeno, os pais trabalhavam, voltavam em casa pra tomar café, pra conversar, pra providenciar uma coisa ou outra. Não havia aqueles esquemas rígidos. Então entravam em contato com a gente muito mais facilmente, menos formalmente. Quando me tornei pai, eu saía de manhã e voltava no fim do dia. Eu ficava com elas na parte da noite, e nos fins de semana. Nesse momento eu levava muito para o jardim zoológico, para o parque da cidade, levava pra andar de barco, levava pra praia. Nós íamos muito também nas estações de águas, tinham aqueles parques que elas remavam, pescavam,... brincavam com as outras meninas, mais tarde dançavam. Eu lia muito junto, participava das leituras. Dava todos os meios pra desenhar, para desenvolverem, ajudava nas lições. (Aloysio - grupo 1)

Quando eu chegava à noite eles já estavam dormindo e quando eu saía de manhã eles ainda estavam dormindo. Só final de semana e nas férias era tempo integral. As férias naquela época eram janeiro e fevereiro integral e julho praticamente integral. As férias eram longas. Então aí era até um abuso. (risos) Nós nunca fizemos programas que tivesse que largar criança de lado. Ou ia junto ou a gente não ia. Quer dizer a exceção de alguma coisa que era muito raro. Sempre priorizando, vamos dizer assim nós quatro. Respeitando mais a criança do que qualquer outra coisa. (Tomás - grupo 2)

O problema é esse: ter tempo. É mais no final de semana. Meu marido também brinca com eles, ele adora, fica super colado com as crianças, super pai mesmo. Cuidadoso, carinhoso, brinca mesmo. Ele tem uma brincadeira que eu não brinco, "é só com o papai, só o papai brinca disso com vocês", eu falo pra eles. É brincadeira de socar, de bater, sabe aquelas coisas de puxar... Me incomoda, me machuca, eu fico nervosa, acho que vai cair no chão, vai machucar, aí eu não brinco. Eu brinco de coisas mais calmas, de desenhar, de montar, de contar histórias, sabe? Coisas mais *light*. (Ana Claudia - grupo 3)

## 6. Contextos familiares: personagens e vivências marcantes

É interessante destacar que muitas narrativas referiram-se à presença e à importância das figuras dos avós em suas próprias vidas ou na vida dos seus filhos. A troca intergeracional ganha mais corpo nestes relatos, apontando a avó, o avô ou ambos, como personagens marcantes na vida de alguns de nossos entrevistados.

Não conheci nenhum avô. Só conheci avó. Minha mãe perdeu a mãe dela cedo, foi criada com madrasta, mas nós gostávamos muito dela, que era uma mulher muito educada, muito fina. Minha avó paterna sentiu muito a morte do meu pai e morreu uns 3 meses depois. Ele era quem cuidava de tudo pra ela, era muito afetivo pra ela. Ela ia pra casa dos filhos pra passear, mas morava com a gente. (Arinda – grupo 1)

Na época da minha avó existia Maria Bonita e Lampião. A mãe da minha mãe... tive muito contato com ela. Ela me adorava e eu era louca por ela. Vovó dizia que era uma alimentação mais sadia, uma vida mais tranqüila... Eles faziam barricadas na fazenda, porque naquela época tinha o Lampião. Lá, no nordeste, né. Aqui eu não sei, porque eu não morava aqui. Mas vovó contava das gutijas... Não podia ter dinheiro guardado dentro de casa. Então o que é que eles faziam? Eles faziam um buraco na terra, em determinado local, que só a família conhecia onde estava, e chamavam de gutija, e guardavam aquilo ali, era o cofre da época, muitas vezes enterrado bem próximo de uma árvore... (Ana Maria – grupo 2)

Minha mãe está sempre junto... Sempre, ela é 'vózona', super, super avó. Todo dia ela vai lá pra casa. Eles ficam muito tempo com ela. Eu nasci sem avós. Das duas partes. Isso é ruim porque... e eu acho engraçado porque assim mamãe é uma super avó, acho até que por isso, entendeu? Ela é super avó, eu não sei o que é ter avó, mas agora, através dos meus filhos, eu tô vendo como é maravilhoso. (Ana Claudia – grupo 3)

Meus avós são vivos, agora já morreu um. Meus avós maternos moram aqui pertinho. Tenho contato todo dia, até hoje. Meus avós paternos eu só via nas férias, entendeu? Acho que eles foram importantes, primeiro que a minha avó tem a cabeça melhor que a minha mãe. Tipo assim, ela me entende, tem coisas que eu conto pra minha avó que eu não conto pra minha mãe. E porque avó é uma coisa muito gostosa de ter. A hora que você precisa, sei lá, avó é avó né? Aquela coisa que Bernardo faz as besteiras, eu brigo e a minha mãe vai lá e passa a mão na cabeça. Avó é muito bom. (Luciane – grupo 3)

Ao serem questionados se existia algo que tinham vivenciado ou aprendido com os pais e/ou responsáveis, e que tivessem achado importante passar para seus filhos, *todos* os pesquisados responderam que sim e exemplificaram tais vivências.

O essencial era o ambiente de confiança que sempre existiu, ambiente de franqueza, de não ter mentiras, de considerar as coisas como elas realmente são. Franqueza, realismo no relacionamento. Isso foi muito importante e repassado. (Aloysio – grupo 1)

Dar amor aos filhos e um pouco de limites também. Porque a gente tem os filhos e por amor à eles também tem que dar limites. Porque não quer que eles sejam uma pessoa indesejável para os outros. (Arinda – grupo 1)

Eu aprendi com a mamãe a fazer doce, a fazer biscoito, a fazer essas coisas, né. Então eu ensinava às meninas a arrumar. Ih, arrumação era comigo mesmo, né. E os meninos brincavam. (Ana – grupo 1)

Se há uma coisa que o meu pai deixou foi a tolerância. Ele era um livre pensador e militar, a minha mãe era católica, meu irmão era maçom, minhas quatro irmãs, duas eram espíritas, e vivíamos muito bem em casa, se falava de religião, com toda a liberdade. Eu guardei muito isso pra minha vida, sou um militante muito tolerante... Muito de briga, mas muito tolerante. (Apolônio – grupo 1)

Mamãe foi um bom exemplo na minha vida. Eu sempre falava pra eles: Cuidado com a vida de vocês, com as companhias... não impedia de andar junto, mas alertava. Ela tinha essa preocupação comigo e eu tinha o mesmo com os meus filhos. A questão do cuidado com quem está saindo. E outra coisa muito importante: toda vez que eu ia dormir, minha mãe me ensinou, eu rezava uma prece de anjo de guarda. Que em 60 anos eu nunca esqueci. Eu passei essa oração pra eles, eu não sei se eles têm de cor ainda. (Ana Maria – grupo 2)

Meus pais sempre passavam uma positividade, sempre no sentido de dizer “puxa, meu filho, estuda, que você vai conseguir...” Um dos grandes orgulhos dele era eu estudar e me formar, porque ele não teve essa chance. Ele investiu mesmo. E ele não esteve presente, faleceu antes de eu me formar, na faculdade. Eu fiz o científico, aí depois fui pro mundo. Eu vim fazer faculdade depois, meu pai já estava doente. Eu acredito muito em essência, eu acredito muito em características que você possa trazer na sua árvore genealógica. Eu nunca tive o desprazer de ter que estimular a minha filha a ser o que ela é no estudo. O André não. Ele já tem uma característica diferente. Ele já não tem o potencial que ela tem, no sentido de estar sempre bem... Esse é um detalhe que meus pais passaram e que eu tive essa necessidade com o André. (João Eudes – grupo 2)

A minha avó tinha com a gente diariamente o momento de ler, contar história. E isso é uma coisa assim que eu levei muito. E com o meu pai a gente sempre tinha um momento de sentar pra ouvir música, né, e eles também tinham muitos discos, as crianças. Aqueles coloridos... Então eles tinham o lugar da vitrola, o horário que eles podiam... Eu acho assim, que eles usaram muito menos do que eu usei, porque aí tinha a televisão, que eles não eram tão ligados, mas viam alguns filmes... Meu pai nunca bateu na gente. Ele falava, era firme, e nem nunca colocou de castigo. Então na trajetória dos meus filhos, de educação, eu nunca bati neles nem nunca coloquei de castigo. Era uma coisa assim, a gente falava, combinava e tinha um respeito às coisas. (Eleonora – grupo 2)

Com meu pai principalmente, ele era uma pessoa que sempre valorizou o conhecimento, sempre valorizou a participação oral. Quando havia uma discussão, ele valorizava a disputa, quer dizer ele tinha que ser contra o cara para que houvesse o debate, pra ter motivo de conversa. E eu também peguei um pouco disso. Muito carinho, meu pai sempre transmitiu muito carinho. E sempre muita atenção, e eu acho que pude passar isso para os meus filhos e vejo que eles já passam para os filhos deles. (Tomás – grupo 2)

Mamãe era mais presente, ela brincava mais, curti mais, apesar de que papai também brincava muito comigo, até mais do que com o meu irmão. Ele tinha aquela coisa da “filhinha bonitinha dele”, mas era mais raro. Agora, mamãe era sempre muito presente, muito ali do meu lado, e isso eu procuro manter... E ela com os netos, né? (Ana Claudia – grupo 3)

“Diga sempre a verdade, independente do problema que for, pra quem você confia”. E outra coisa muito interessante que eu aprendi, mas isso não foi com os meus pais não, foi na escola, com uma diretora, que eu vou passar pra minha filha também. “Sempre que você for fazer alguma coisa na sua vida, você tem que se fazer 3 perguntas: Posso?, devo? e assumo?”. Ah, depois que eu aprendi eu usei isso a vida inteira. Algumas vezes eu sabia que estava fazendo errado, mas assumia e fazia. (Igor – grupo 3)

Muita coisa, em educação, em alimentação. Meus pais sempre nos botavam de castigo e mandavam a gente refletir: ‘Senta lá na sua cadeira e vai refletir’. E isso é uma coisa que eu faço com ele até hoje e eu acho que é bom. Não refletir só nessa coisa de você ter feito errado, mas refletir sobre o seu dia. A gente tem o hábito de rezar na hora de dormir... Eu sou católica e procuro manter. E eu acho legal, você tem que se apegar a alguma coisa. Eu já tomei muita palmada, de ficar com marca de chinelo. Sei que minha mãe ficava pra morrer, porque ela via que aquilo me deixava marcada, e depois eu estava fazendo a mesma coisa. Eu acho que quando você apanha, você fica com raiva. Ai você faz de novo, e com a reflexão não. (Luciane – grupo 3)

Eles me ensinavam assim a ler, a escrever, ficavam me ensinando às vezes a pegar o cavalo, arriar a charrete... E essas coisas eu procuro passar, ensino tudo isso também pra elas... E também a respeitar as outras pessoas, a respeitar os mais velhos, essas coisas assim. (Reomar – grupo 3)

Agora, quando questionados se houve algo que vivenciaram com os pais e/ou responsáveis que eles tenham procurado não reproduzir com seus filhos, a maioria respondeu que não, mostrando-se satisfeitos com sua criação. Todavia, alguns nos pontuaram as práticas que buscaram não repetir com suas crianças:

Eles nunca levantaram um dedo, um pé pra uma empregada dentro da minha casa, eu não admitia isso. Porque eu eduquei a tratar bem quem estava dentro da minha casa e fora. Existia o respeito e onde não existe o respeito, onde tudo é permitido, tudo pode acontecer também. Ninguém aqui é racista. Isso foi uma coisa que eu vivi quando era pequena e não gostava, eu condenava. Aquilo estava dentro de mim como uma marca. Então eu não poderia deixar passar aquilo que me incomodava, entendeu? (Ana Maria – grupo 2)

A única coisa que eu não gostei e eu procurei não passar pra eles foi a coisa da religião. Sabe, a coisa da religião que é uma coisa que é muito complicada. Da religião enquanto um todo. A religião me ajudou a formar, mas através de muitas mentiras. Então isso eu não quero. A mentira eu não aguento. (Tomás – grupo 2)

Eu lembro que quando eu era pequena, se eu contava um segredo para mamãe, ela falava pra outras pessoas “ai, minha filha falou isso”. Aquilo era a morte. Eu acho que eu tenho um respeito grande pelo que eles falam, segredo é segredo mesmo. Mas claro que não era maldade, mas era horrível. (Ana Claudia – grupo 3)

Eu nunca vou bater na minha filha de chicote. Mas eu era muito maluco. Minha avó, coitada, sofreu muito na minha mão. Minha avó era cega, e ela tinha uma cafeteira, sabe aquela cafeteira que tem um bico, você aperta e sai o café? Cada vez que ela ia botar o café eu virava o bico pro lado, então ela botava a xícara aqui, apertava e o café saía ali. Tudo que minha avó fez comigo eu mereci. (Igor – grupo 3)

Eu ficava muito chateada por meu pai não me deixar ir dormir na casa de uma amiga. Eu achava que não tinha nenhum problema e que Bernardo hoje em dia faz direto. Podiam dormir 10 aqui, mas eu não podia dormir na casa de ninguém. Outra coisa é esse negócio de hora pra dormir. Eu acho que você fazer um horário pro seu filho e achar que 8 horas da noite toda criança tem que estar dormindo, isso depende muito do seu dia. E a criança pode ficar acordada até meia noite fazendo coisas dela, brincando, vendo um desenho animado. Coisas que aqui em casa a gente sempre teve hora pra estudar, pra comer, pra tudo. Se saio com minhas amigas e vou pra um rodizio de pizza, o que custa eu levar o meu filho? Eles não gostam. Eles acham que eu não tenho que levar ele pra um ambiente de adulto. Mas é a vida que eu posso dar pra ele. Ele se comporta super bem, quando eu vejo que ele já tá de saco cheio eu sou a primeira a querer sair fora, e pô, as minhas amigas têm a maior paciência com ele. Todo mundo adora estar com ele. E na cabeça deles não entendem isso. Na minha época também. Às vezes eu queria fazer coisas com pessoas mais velhas, com tios, e eles não deixavam. (Luciane – grupo 3)

Nesse ponto, nossos participantes citam os personagens que foram importantes na sua educação e formação. Os de maior destaque foram pais ou responsáveis, as avós, os amigos, as babás e os/as professores(as) na escola. Trazemos algumas vozes:

Os amigos da primeira infância, né. O primo que tinha fazenda no Engenho Novo. Os filhos do padeiro do lado. E meus tios, especialmente. Ele era irmão de minha mãe, né, e ela por afinidade... era mulher dele. Eram pessoas extraordinárias. (Aloysio – grupo 1)

Minha avó, meu padrinho, ele foi muito importante na minha formação... E meu pai também. Era um pai que só viveu pra gente. Ele era um homem que não ia a lugar nenhum, só trabalhava e ia pra casa. A Camila, minha babá também, a Alzemira, minha irmã de criação que também foi importante, ela perdeu os pais e foi criada igual nossa irmã. Ela foi uma pessoa muito importante e muito minha amiga, nós dormíamos no mesmo quarto. (Arinda – grupo 1)

A Lourdes Pinto foi uma grande amiga que me acompanhava pra todo lugar. Tia Altina também, eu fazia grandes passeios com ela, viagens a São Lourenço, Cachambú... eu era muito agarrada com ela. E teve também a Santa, minha babá, que foi muito importante. Ela era muito boa. (Ana – grupo 1)

Antes de tudo o meu pai. Meu pai, de um lado, trazia para a família uma série de concepções muito positivas da vida na sociedade. Meu pai não admitia regimes de força tirânicos. Meu pai tinha uma grande tolerância em relação à maneira de pensar, à tendência religiosa dentro da família e fora também da nossa família. E meu irmão mais velho também. (Apolônio – grupo 1)

A Maria Preta me marcou. Mamãe, pelo lado dela, muito de podar. Ela era uma pessoa que trouxe entaves do passado dela. Ela teve outra educação. A gente leva alguma coisa, não leva? Então, boas e más. Você vai corrigindo na medida que você vai ficando mais maduro. O melhor professor na vida é a vida. Todo dia é uma lição nova sem professor. (Ana Maria – grupo 2)

Meu pai, muito forte. Meus professores, de uma forma geral. Sempre respeitei muito, aprendi muito. Mesmo aqueles que a gente faz piada, sempre têm coisas boas que ficam. Os professores sempre foram coisas muito importantes na minha vida. (Tomás – grupo 2)

O colégio, essa senhora minha tutora, e meus pais, fundamentais... (João Eudes – grupo 2)



A família eu acho que é fundamental, é o alicerce, eu acho que é a base de tudo, né. Eu acho que a escola também é um referencial importante. A gente teve uma trajetória escolar tranquila, sem ele necessitar de interferência, de acompanhamento assim maior. A gente tinha uma certa responsabilidade, e isso eu acho também que se repetiu, porque a trajetória escolar dos meus filhos eu nunca necessitei acompanhar, nem lembrar de fazer dever, essas coisas, então eu acho assim que a família é o principal. Mas a escola ela tem uma referência assim bastante importante. (Eleonora – grupo 2)

A Rosane, que foi empregada lá em casa um tempo. Além dos meus pais, né? Os meus amigos de infância, as crianças que cresceram junto comigo, os professores também... E foram importantes mais pelo afeto do que por qualquer outra coisa, sabe? É o afeto que ficou, que se mantém, que a gente se lembra. (Ana Claudia – grupo 3)

Minha avó foi a mais importante de todas, porque na verdade foi quem me criou... Quem criou o meu caráter, a minha personalidade, foi a minha avó. O meu pai só aperfeiçoou. Meu pai também foi importante, lógico, na minha vida, a minha mãe, e um tio meu chamado tio Antônio, meu tio e professor. (Igor – grupo 3)

Uma vizinha que eu tive aqui, Ione, muito importante até hoje na minha vida... Porque ela sempre foi mais velha, e sempre entendeu a gente, mas sempre soube puxar a minha orelha também. E a gente vivia na casa dela, a mãe dela sempre dizia que ela era a minha mãe nº 2. Eu brigava aqui em casa e ia pra lá. Ela foi muito importante pra mim em todos os sentidos da minha vida. Ela e a minha avó, a mãe da minha mãe. (Luciane – grupo 3)

Ah, meu pai, minha mãe, e principalmente a minha professora. Seu nome era Benedita. Ela nos ensinava muito a respeitar os mais velhos, a não fazer malcriação... Ela tinha muita paciência com a gente. (Reomar – grupo 3)

Os personagens da história pessoal dos filhos de nossos narradores, que tiveram um papel importante no seu desenvolvimento e sua educação, foram apontados como sendo os pais, as avós e os professores. Tais personagens de referência já tinham sido citados quando muitos falaram de sua própria formação (vide relatos acima). Selecionamos alguns trechos:

Os avós, né, algumas tias da minha tia porque eram pessoas afetuosas, pessoas boas, pacientes e interessadas em dar assistências no desenvolvimento delas. Então elas são gratas até hoje e isso foi uma influência muito boa na vida delas e que persistiu. (Aloysio – grupo 1)

O Maurício teve muita importância na educação deles, apesar dele ser muito bravo, assim enérgico, ele fazia tudo direito, sabe. Fazia tudo por eles. Ele conversava com eles, não é. Eles tinham muito respeito. (Ana – grupo 1)

Os pais têm uma influência, não tenha dúvida. Principalmente a mãe, que é uma pessoa que é *full time* com os filhos. Agora, a Preta, pra Monica, teve uma influência grande. Eles tiveram pouco contato com os avós. Agora, pessoas assim importantes pra ele... a irmã é um referencial pra ele. Os pais, né, têm bastante influência nele, uma quantidade boa, uma quantidade má. E compete a mim e à mãe, a gente tem que trabalhar aquilo que a gente plantou indevidamente, resolver isso. (João Eudes – grupo 2)

Eu acho que eles têm na gente um referencial importante, a base, eles falam disso no dia a dia. E acho que na escola tiveram também um referencial importante. Eu acho que isso meio que se repetiu pra eles, como foi comigo... Diante de qualquer sufoco, eu acho que eles buscam a casa, os pais, pra tentar ajudar, solucionar, resolver. (Eleonora – grupo 2)

Além de eu e Leandro, minha mãe com certeza. Desde que eles nasceram, eles estão com a vovó. A gente pensa muito parecido, acha que as coisas boas para eles são muito parecidas, eu e mamãe. E é até bom porque Leandro, eu acho que assimilou maravilhosamente bem isso, porque é muito diferente da família dele, mas ele concorda... nossa, ele admira a minha mãe enormemente. A família do meu marido também, os tios, os avós de lá que também têm um carinho enorme por eles... (Ana Claudia – grupo 3)

A avó dele, que é a minha mãe. Minha mãe pro meu filho é tudo. Até mais do que eu. É, porque tira uma paciência que eu não sei da onde. Ao mesmo tempo que ela sabe recriminar, ela sabe passar a mão na cabeça. Pra ele a minha mãe, com certeza. (Luciane – grupo 3)

## 7. O cinema, o rádio e a televisão: múltiplas vozes e imagens presentes em nossas vidas

Desde o início do século, o cinema - inicialmente mudo e, mais tarde, falado -, já estava presente em algumas cidades do país, para alegria e encantamento de adultos e crianças. O rádio chega ao Brasil na década de 20 e a televisão, em 50. Em alguns tópicos anteriores, já houve comentários a respeito da tv e seu poder, uma vez que falar da atualidade e não pontuar a tv como instrumento fortemente presente no cotidiano das pessoas é muito difícil. Porém, acreditamos que agrupa-la, juntamente com o cinema e o rádio, possibilitaria ao leitor ter um panorama do percurso destes instrumentos midiáticos.

Neste tópico final, selecionamos algumas falas referentes às imagens e às vozes vindas destes meios de comunicação; os impactos e influências que representavam na vida das pessoas e as transformações que foram tendo com o passar do tempo, observando ainda suas configurações nos dias atuais.

Tinha cinema lá em Mar de Espanha. O cinema era primeiramente mudo, e depois falado. A gente via aquelas lutas, aquelas brigas, e acabava o cinema, a sessão era mais ou menos das 20h às 22h, e a gente voltava correndo pra casa... e pulávamos para a cama do tio para contar que o bandido fez e o que não fez, eram aqueles célebres clássicos de caubói, do faroeste. (risos) Eram Kay Mainard, Tom Mix, Jim das Selvas, Zorro, tinham os cavalos, o Silver que era um cavalo ensinado, branco, lindo. E o Rim-tim-tim, né, um cachorro ensinado. Aquilo inflamava a gente! Todos maravilhados diante da tela. E depois transpúnhamos aquilo pras brincadeiras. Aquilo marcou a infância da gente, assim tremendamente. Não tinha televisão, havia no máximo o rádio, a vitrola, havia muita conversa. A TV chegou e dominou, né, arrasou com o cinema. (Aloysio - grupo 1)

No meu tempo eu era apaixonado por certos artistas de cinema. Era o tempo dos filmes em séries. O Destemido, A Jóia Fatal, O Cavalheiro Fantasma... Mas ao mesmo tempo, curiosidade em torno daquele que lembrasse a cavalaria medieval, e também os espadachins, da história... Tínhamos dois cinemas na cidade. Meu irmão muito se empenhava em satisfazer aquilo que pudesse me agradar, ou me ajudar. Ele me facilitava de ver os filmes em série, né. De vez em quando, a minha irmã recebia o salário e ia ao cinema, aí me levava pra ver os dramas. O meu irmão me dava, todas as semanas, todos os meses, uma revista chamada Cena Muda. Era a apresentação de filmes em quadrinhos. Então eu acompanhava tudo... Os grandes artistas da época. (Apolônio - grupo 1)

Quando eu era pequeno, a gente ouvia muito rádio. Mais os adultos, né? E a gente ficava perto e ia escutando as músicas. Até hoje eu escuto bastante rádio. Eu lembro muito dessas músicas de quadrilha. Nas Festas Juninas, a gente dançava muito. De vez em quando, saía lá no colégio, tinha festa e a gente dançava. Tinha sempre algum menino que não gostava, ficava com vergonha de dançar. Eu gostava. (Reomar - grupo 3)

Lá na Espanha nós não tínhamos rádio, era difícil. Meu pai ia ao vizinho pra ouvir a rádio de Andorra, porque ela dava notícias políticas não influenciadas pelo governo da Espanha. O Franco, que era o ditador, manipulava a mídia, as informações. Então quando nós viemos para o Brasil, que tínhamos um rádio, eu passei a ouvir rádio com uma ansiedade muito grande. E aprendi muito, até hoje eu sei quase todas as letras das músicas de carnaval, muita música popular brasileira eu adquiri ouvindo rádio. E aprimorei o ouvido, não a escrita, mas o ouvido para o português. Além de ouvir novelas de rádio, não novelas desse tipo que passam na televisão, tinham novelas infantis, tinha "Jerônimo, o herói do sertão", "O Anjo", uma de vaqueiros, o "Capitão Atlas", essas coisas. A gente juntava todo dia para acompanhar... A gente brincava de dia, tomava banho de tarde e aí iam para a casa de quem tinha televisão, quando começou a aparecer a televisão, fazíamos o televizinho. As filas pra assistir, só tinha uma televisão na rua. E depois com uma ou duas famílias tendo televisão, todo dia a gente ouvia o rádio e depois via televisão. (Tomás - grupo 2)

Acho que a televisão apareceu quando eu tinha uns 30 e poucos anos. Lá em casa não tinha televisão. A primeira televisão que nós fomos ver foi lá na casa do sogro da Chiquita, o Dr. Oldemar Pacheco, na Pereira Nunes. Quando eu mudei lá pra casa, aí comprei televisão. Nós assistíamos e as crianças também. Eu me lembro, no dia dos filmes, assim, de herói, pra eles... Iam lá pra casa assistir. Quando nós apanhamos televisão, para não botar ela na sala, que fazia uma desarrumação danada, um sentava aqui, outro ali... Para deixar a sala arrumada para quando chegasse visita e tudo, a televisão ficava no hall. Eu ficava com o Maurício perto da televisão, e falava pras crianças: "vamos pro cinema, vamos pra arquibancada". Era ali na escadinha, eles ficavam até na virada da escada. Lá em cima eles ficavam assistindo. Era ótimo, porque não atrapalhava nada, né. (Ana - grupo 1)

Eu acho que a TV tem muita influência na vida da gente. Até porque eu acho que a TV é um instrumento essencial, ela é fundamental nos dias de hoje. Agora, você não querer atribuir a ela lados negativos e lados positivos, é querer brincar com a verdade. Eu adulto encarando uma televisão, se eu bobear ela me enrola. Hoje em dia a gente vê que as famílias têm dentro do seu espaço mais gostoso e mais sadio, a televisão que está no meio. O tempo de estar junto ou o pouco tempo em que você está, tem a televisão. A força que tem uma novela! Todo canal está enraizado com uma determinada situação, que por trás disso tem interesse, nenhuma te dá uma informação livre de tendência. Então você é que tem que ter essa habilidade, de ouvir aquilo, saber como ponderar. Pra uma criança fica complicado... (João Eudes - grupo 2)

Eu cheguei a pegar a TV, mas eu via muito pouco. Na minha casa normalmente a TV era ligada à noite. A gente tinha toda uma ocupação e todo um desejo de fazer coisas, que a TV não entrava na vida da gente como hoje. Acho que até hoje, de adultos que viveram uma outra época, a TV já entra... Às vezes as pessoas já acordam ligando a televisão... De tarde, acabam de almoçar e vão ver uma televisão, entendeu? E na época não. Eu me recordo que era à noite que a televisão era ligada. Durante o dia a gente tinha toda a brincadeira, sabe, todo o estímulo pra brincar. Como eu só parava à noite, eu via assim algumas novelas, que todo mundo acompanhava... Nunca acompanhei novela de rádio, nunca ouvia rádio assim, de ligar e acompanhar. A gente era muito ligado a tal da vitrola. Então eram as músicas e as historinhas... A tv não era a minha opção, como não é até hoje. (Eleonora - grupo 2)

Na televisão estão mostrando coisas que hoje em dia eu não acho legal... Se Bernardo fosse uma menina, andar de calcinha capri, de sapatinho de salto, usar batom... Eu não acho legal. Até no modo de você se vestir, você vê uma menina de 5 anos aí na televisão, já passa aquela sexualidade, aquela coisa sensual. Até 12 anos eu brincava de boneca, e hoje em dia as crianças estão querendo ficar igual aos adultos. Mas na cabeça deles isso é normal. Então eu acho que cabe aos pais, que tiveram um outro tipo de criação... Agora, tem pai que acha isso lindo, que já acha isso diferente. Isso é muito relativo. Eu não via muita televisão... Eu via era Sítio do Pica-Pau Amarelo. Vinha do colégio rápido para ver. Era a coisa que mais me prendia assim à televisão. A minha mãe sempre teve a preocupação da gente sempre correr, brincar, por sempre morar em apartamento, ela sempre fez com que a gente na parte da manhã tivesse esse tipo de atividade. (Luciane - grupo 3)

## Considerações finais

*Em 1922, festa do centenário da independência do Brasil, eu não vi a cerimônia, só fiquei freqüentando os parques. Então tinha uma casa de sobrado, cada andar era um pavilhão de trabalhos manuais de cada país. Tinham muitas bonecas bonitas, louças, tudo que tinha naquele país, veio pra aí pra exposição. Era muito bonito. Tinha também aquelas montanhas-russas pra gente andar. Tinha um monte de brinquedo, tinha um brinquedo de balanço assim que rodava. Tinha a casa das gargalhadas que a gente entrava, eram uns espelhos que a gente ficava feia, toda ruim e todo mundo ria. Eu não fui em todos os brinquedos, eram muitos, não dava pra ir em todos, todo domingo meu padrinho levava a gente pra lá. Mas aí a gente comia doce, tinha um coreto com as pessoas com aquele capacete branco e de luvas, fazendo aquelas... vendiam aquelas balas enroladas. Isso levou tempo. Aí todo mundo freqüentava. Eu tinha 10 anos. Nessa época meu padrinho mandou me buscar pra isso. Meu pai veio, minha mãe, toda a família, né. Depois eles foram embora e eu fiquei. Meu padrinho levava a gente com a esposa, os filhos, que eram garotinhos, mais novos do que eu. Ele levava pra aquelas diversões, não só no tempo do centenário. Depois quando passou o centenário ele levava a gente cada domingo em um lugar. Era no jardim zoológico, era no campo de Santana. Era em Copacabana pra gente ver à praia. Sentava num bar que tinham moças cantando e dançando, espanholas. A gente ficava ali comendo alguma coisa, apreciando. Na corrida de cavalos, levava a gente em todo o lugar. Teatro, Trianon, aqueles teatros bacanas, eu até não gostava, sabe por que? Eu via tanta vaidade ali, tanto luxo, aquilo me enchia. Aquelas mulheres cheias de brilhantes, cheias de jóias e eu não gostava de ficar ali, não era o meu meio, eu ia pra agradar ele. Levava os filhos também. Corrida de cavalo, tudo ele levava a gente. Tinha até uma fotografia, que tiraram assim daquela escadaria que eu estava no meio. Ele mandou a revista pra mim depois, até pouco tempo eu tinha. (Arinda - grupo 1)*

A partir do relato acima, iniciamos nossas considerações finais retomando o debate a respeito da importância da história social e da cultura na constituição da subjetividade dos sujeitos. A experiência marca, como nos disse Sr. Aloysio. Todas as vivências e lembranças narradas por nossos entrevistados bem ilustram esta afirmativa. O que nos marca, fica na memória, e ao lembrarmos, damos sentido mais uma vez ao acontecido, só que agora com nossa bagagem e contexto atuais. A perspectiva sócio-cultural trata deste ponto quando propõe a noção de sujeitos que são co-construtores ativos de sua história, sua cultura, suas idéias. Toda nova construção reflete e refrata as próprias palavras do sujeito, juntamente com as dos outros sociais e com os significados culturais presentes no seu meio. Assim, ao mesmo tempo em que a lembrança tem um caráter de singularidade e personalidade, ela também se constitui por uma coletividade e multiplicidade.

Através das vozes de nossos entrevistados e do que foi destacado no *Panorama Geral* deste trabalho é possível ter uma ampla visão dos vários momentos histórico-sociais do

Século XX. Buscamos assim, registrar algumas representações e valores culturais que envolveram a infância de nossos narradores, a sua relação com os outros sociais, a entrada na escola, as diversas práticas lúdicas existentes em nosso país. Práticas estas que, muitas vezes, mostraram-se intactas, adaptando-se apenas aos novos espaços e contextos que foram surgindo, dando-se do início ao final do século, assim como o uso de determinados brinquedos e jogos. Quanto a este ponto e, de acordo com as vozes reproduzidas neste trabalho, citamos a bola, a boneca, o pião, a pipa e a corda como os brinquedos que se mantiveram presentes ao longo das décadas. Com relação aos jogos e às brincadeiras, destacamos a amarelinha, o futebol, o queimado, a bandeirinha e o pique, como tendo atravessado as muitas épocas deste século. Todavia, vislumbramos o quanto muitos fazeres lúdicos estão se tornando escassos frente ao panorama desta chamada pós-modernidade em que vivemos.

As práticas e os olhares voltados para a infância e seu brincar vêm sofrendo inúmeras mudanças ao longo da história do século XX. À luz de uma observação mais atenta e dos relatos de nossos entrevistados, podemos ressaltar que a criança dos dias de hoje teve seu espaço restringido, passando a brincar mais dentro de casa e nos plays. A preocupação com a sua formação parece que há muitos aflige, por causa da insegurança atual, do acesso às informações e imagens através da tv e da internet e do pouco tempo que os pais possuem para ficar com seus filhos.

Desde o início do século abordado em nossa pesquisa, o grau de liberdade e ocupação das crianças dos espaços externos às suas casas veio diminuindo progressivamente, tendo a sua aceleração nas suas últimas décadas. Este desabitado das ruas trás consigo a segregação de certas atividades lúdicas ou a necessidade de sua recriação. Diante dos limites impostos por certos fatores como a violência urbana, a restrição dos espaços públicos disponíveis para o brincar e a aceleração do tempo - corre-corre diário dos adultos ocupados com suas tarefas e também de muitas crianças, que desde cedo, são envolvidas em inúmeras atividades para preencher suas agendas diárias - o lúdico precisa ser reinventado. Jogar bola de gude, brincar de polícia e ladrão, soltar pipa e apostar corrida são algumas das atividades infantis que precisaram se adaptar aos tempos modernos: passam a ocupar os playgrounds dos edifícios, os apartamentos, praças gradeadas e "protegidas" ou as quadras das escolas. As exceções a este movimento se dão ainda nas cidades do interior e nas favelas, onde muitos destes fazeres lúdicos ainda são vistos nas ruas.

O ritmo acelerado da vida contemporânea merece um maior destaque já que implica também em uma modificação das relações entre pais e filhos. A correria do cotidiano dá pouco descanso a adultos e crianças, e o espaço do diálogo, do brincar em parceria e da troca freqüentemente é diminuído, adiado ou transferido pela família às instituições escolares. Este fator representa, muitas vezes, um jogo de empurra-empurra entre escola e família, quando o debate gira em torno das responsabilidades de cada um no processo de educação da criança e, com isso, a possibilidade da parceria neste processo acaba não sendo assumida totalmente por nenhuma das partes.

Outros fatores que têm contribuído consideravelmente para as modificações e transformações que envolvem a criança e seu brincar e que estão diretamente interligados com os acima citados são: o crescimento populacional dos centros urbanos - ocasionando um maior afastamento entre as pessoas e instituindo os anônimos na multidão -, o avanço tecnológico e o consumismo. A chegada da televisão, em 1950, e sua popularização nos anos que se seguiram representa o início de uma nova forma de se estar no mundo. As atenções voltam-se para suas telas e para o que veicula como certo, bonito, moderno, comprável... O Quarto Poder - como muitos denominam a mídia de uma forma geral, mas que possui a tv como seu maior representante -, institui padrões, normas e valores a serem seguidos e consumidos, através de suas programações e propagandas.

No entanto, apesar de toda esta força e poder existentes, acreditamos que o sujeito, em seu dinâmico processo de constituição subjetiva, não é passivamente apagado por ela. Como já dissemos anteriormente, acreditamos no sujeito enquanto ser ativo, produto e produtor de cultura. Ao mesmo tempo em que possuímos programações televisivas interessantes e educativas, encontramos também em sua grade diária, programas sem qualidade e impróprios, como nos apontaram muitos de nossos entrevistados. A problematização e a reflexão crítica acerca dos programas assistidos e sua conexão com a realidade em que estamos inseridos não é algo estimulado e/ou exercitado por inúmeras famílias e instituições educacionais. Mesmo tendo consciência de que não é o que ocorre com grande parte da nossa população, acreditamos que podemos ter estratégias críticas em nossa relação com a tv. Fazemos nossas as palavras de Oliveira (1998) quando aborda esta questão da mídia, da cultura e do poder:

*O caráter dialógico da comunicação torna evidente que o poder da TV tem limites. A audiência não é um participante passivo, ela ratifica ou não o discurso que lhe é dirigido. (...) Pela tela da TV, vejo tudo enquadrado como um show. Mas o controle remoto está sempre nas nossas mãos. Somos livres para ligar, mudar de canal ou desligar a TV. (p. 169).*

A era computacional e a substituição da mão de obra humana pelas máquinas também crescem na esteira dos avanços tecnológicos. A internet surge na última década do século XX revolucionando, assim como a tv quando surgiu, a vida de todos nós. As crianças de hoje já crescem conectadas na grande rede virtual, com pessoas e idéias de todo o mundo. No entanto, o acesso a este portal ainda não é democrático, não é de todos. Uma outra questão que se destaca quando falamos desta revolução computacional que vem ocorrendo, é a respeito do confronto homem/máquina. Apesar de toda esta tecnologização crescente, acreditamos que não há como substituir a dimensão do humano, por mais que a máquina supra inúmeras outras instâncias. O homem precisa disto que a máquina não pode proporcionar: o humano, o sensível, a troca.

Algumas de nossas considerações já foram expostas costurando as narrativas, dentro das categorias selecionadas. Retomamos parte delas nos trechos acima e julgamos interessante destacar algumas novamente, para melhor delinear os contornos e percursos da infância e do lúdico. Ao serem questionados se costumavam brincar com seus filhos quando estes eram crianças, alguns de nossos participantes responderam positivamente, traduzindo, muitas vezes, a compreensão de que os momentos lúdicos entre pais e filhos são fundamentais pela possibilidade da troca, parceria, aprendizado e subjetivação de todos, principalmente da criança. A partir das narrativas de nossos entrevistados, foi possível perceber a importância que para muitos deles brincar possui. Exemplificamos com uma das falas:

*A criança brinca sempre, permanentemente, brincava até em campo de concentração. Inibir a criança de brincar é uma loucura, um absurdo,... É o aprendizado da criança pra vida, a formação dela, a ambientação, o contato com as outras crianças, as brincadeiras, o enriquecimento das relações de vida, da hierarquia, da amizade, da referência, o início das invejas (risos), das inimizades, das diferenças, das cismas, né. (Aloysio – grupo 1)*

Outros relatos também nos trouxeram o olhar idealizado que costumamos ter a respeito da infância, idealizando-a e descrevendo-a como uma fase perfeita em nossas vidas, na qual não há problemas, frustrações, preocupações e responsabilidades. As idealizações são necessárias para todos nós, mas faz-se necessária uma reflexão sobre o que está por trás deste olhar e o que ele está produzindo. Quando entramos nas instituições de educação infantil, por exemplo, percebemos o quanto esta forma de encarar a infância está repleta de contradições e deslizes. Os educadores lidam com uma infância plural quanto às classes, ao acesso, aos espaços... Crianças de contextos e vivências diferentes, com suas alegrias e tristezas,



satisfações e frustrações. Ao olharmos para a criança enquanto sujeito no mundo, influenciando e sendo influenciada por seu meio e sua cultura, passamos a vê-la de uma forma menos infantilizada ou isolada, admitindo que ela também tem suas responsabilidades, preocupações e objetivos. Mesmo que não sejam os mesmos que os nossos não significa que ela não os tenha. Nossa proposta aos educadores em geral, uma vez que todos nós o somos de alguma forma, é a de que ampliemos nosso olhar a respeito da infância e sua ludicidade, não apenas brincando com nossas crianças e nos tornando seus parceiros, mas, antes de tudo, buscando brincar com nós mesmos.

Os parceiros de infância, como dito anteriormente, podem ser adultos ou crianças, desde que tenham representado uma importante companhia em nosso cotidiano. Destacamos que através destas trocas sociais privilegiadas, muito ensinamos e aprendemos, muito crescemos e enriquecemos. Estes companheiros podem ser da família, da vizinhança, da escola... não importa, de onde quer que eles sejam, eles contribuem consideravelmente para nosso desenvolvimento e subjetivação. Muitas das narrativas colhidas nesta dissertação apontaram para a presença e a importância das figuras dos avós em suas próprias vidas ou na vida dos seus filhos. A troca intergeracional ganhou mais corpo através destas falas, apontando a avó, o avô ou ambos, como personagens marcantes e fundamentais na vida de alguns de nossos entrevistados. De acordo com a perspectiva sócio-cultural, compreendemos o homem como um ser, antes de tudo social e, fundamentalmente enquanto um sujeito de relação. Sendo assim, valorizamos estas parcerias sociais enquanto importantes para todos nós, como também fora destacado através das vozes de nossos narradores e seus relatos acerca destes importantes companheiros.

Nesse momento, gostaríamos de pontuar uma grande dificuldade com a qual nos deparamos na construção desta dissertação. Desde a sua concepção inicial, decidimos pelo uso dos relatos orais, obtidos a partir das entrevistas semi-estruturadas, como eixo central do trabalho. As narrativas colhidas, além de muito ricas, foram grandes em sua extensão. Não tínhamos a dimensão de que selecionar trechos de cada fala nos fosse ser tão caro e difícil, como na realidade o foi. Para nós, tudo o que nos havia sido contado e relatado era muito importante, pois, durante as entrevistas, foi possível percebermos a emoção, as expressões faciais e corporais, os silêncios e as pausas, os risos e as saudades vividas por cada entrevistado ao longo de sua narrativa. Fomos tocados profundamente por tudo isso e o fato

de não podermos utilizar todo o material, de precisarmos editá-lo, representou a etapa mais trabalhosa e custosa de todo o processo de elaboração e escrita de nosso texto.

No entanto, destacamos que mesmo quando não foram citados, eles se fizeram presentes enquanto co-construtores ativos desta dissertação, através de suas vozes, suas histórias e suas lembranças. Buscamos resgatar indícios, traços e marcas que ganharam corpo na fala dos entrevistados a respeito de nossa temática. Nossa escrita procurou ser desde o início, aberta e fluida, como que num diálogo permanente com o leitor, deixando espaço para outras possíveis reflexões neste mundo múltiplo e polifônico em que vivemos.

Quando recordamos, elaboramos representações de nós próprios para nós próprios e para aqueles que nos rodeiam. Muito somos daquilo que lembramos e significamos. A memória é singular e coletiva, não há como separar radicalmente estas duas instâncias - nossas recordações estão misturadas e têm, ao mesmo tempo, aspectos sociais e pessoais. Memória é também história. Sendo assim, ao trazermos algumas memórias e recordações como um importante eixo deste trabalho, estamos ilustrando ainda configurações históricas e culturais que existiram no século XX. Esperamos que o leitor tenha tido a chance de página a página, recordar vivências, contextos e fazeres de sua própria infância e história.

"Já podaram seus momentos,  
desviaram seu destino,  
seu sorriso de menino  
quantas vezes se escondeu.  
Mas renova-se a esperança,  
nova aurora a cada dia,  
e há que se cuidar do broto  
para que a vida nos dê flor e fruto."  
(Wagner Tiso e Milton Nascimento)



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, K. (1997). Movimentos Sociais: Armadilhas e Escapes. In: SILVA, A. E. et al. *Saúde e Loucura*, nº 6. São Paulo: Hucitec.
- ARIÈS, P. (1981). *História Social da Criança e da Família*. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC.
- ATZINGEN, M. C. V. (2001). *História do Brinquedo – Para as crianças conhecerem e os adultos se lembrarem*. São Paulo: Alegro.
- BAPTISTA, L. A. (1997). As Cidades da Falta. In: SILVA, A. E. et al. *Saúde e Loucura*, nº 6. São Paulo: Hucitec.
- BARROS, M. de. (1999) *Exercícios de ser criança*. Rio de Janeiro: Salamandra.
- BELLI, A. (1998) Infância em tempo de megabytes. In: CASTRO, L. R. (Org). *Infância e Adolescência na Cultura do Consumo*. Rio de Janeiro: NAU.
- BENJAMIN, W. (1984). *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus.
- \_\_\_\_\_. (1987). *Rua de mão única*. Obras escolhidas – volume II. São Paulo: Brasiliense.
- BOSI, E. (1994). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das letras.
- BROUGÈRE, G. (1998). *Jogo e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- CANGUILHEM, G. (1995). *O Normal e o Patológico*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- CASTRO, L. R. (1998) Consumo e a infância barbarizada: elementos da modernização brasileira? In: CASTRO, L. R. (Org). *Infância e Adolescência na Cultura do Consumo*. Rio de Janeiro: NAU.
- CHAUÍ, M de S. (1994). Os trabalhos da memória. In: BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das letras.
- COLEÇÃO NOSSO SÉCULO. São Paulo: Abril S.A. Cultural / Círculo do livro. 10 volumes.
- COSTA, J. F. (1989). *Ordem Médica e Norma Familiar*. Biblioteca de Filosofia e História das Ciências, v.5; Rio de Janeiro: Graal.

- FAZOLO, E. (1997). Fazendo dormir as dormideiras: uma viagem à infância em companhia de Walter Benjamin. In: FAZOLO, E.; CARVALHO, M. C.; LEITE, M. I. & KRAMER, S. (Orgs). *Educação Infantil em Curso*. Rio de Janeiro: Raval.
- FOUCAULT, M. (1987). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. (1995). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- FRIEDMANN, A. et al. (1998). *O direito de brincar: a brinquedoteca*. 4ª ed. São Paulo: Edições Sociais: Abrinq.
- JOBIM E SOUZA, S. (1997a). Re-significando a Psicologia do Desenvolvimento: uma contribuição crítica à pesquisa da infância. In: KRAMER, S. & LEITE, M. I. (Orgs). *Infância: Fios e desafios da pesquisa*. 2ª ed. Campinas: Papirus.
- \_\_\_\_\_. (1997b). *Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamim*. Campinas, SP: Papirus. 3ª ed. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- KISHIMOTO, T. M. (Org). (1997). *Jogo, brinquedo, brincadeira e educação*. 2ª ed. São Paulo: Cortez.
- KUHLMANN JUNIOR, M. (1998). *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação.
- LANG, A. B. S. G. (1996). História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, J. C. S. (Org). *(Re)Introduzindo a história oral no Brasil*. Encontro Regional de História Oral Sudeste-Sul. São Paulo: Xamã. (Série Eventos).
- LARAIA, R. (1997). *Cultura – Um Conceito Antropológico*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- LE GOFF, J. (1996). *História e Memória*. 4ª ed. Campinas, S.P.: Editora da UNICAMP.
- MARCONDES, D. (1997). *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- MELO, M. (1985). *Quarto Mágico*. São Paulo: Ática.
- MINERS, L. & YNE, P. (1982). *Aninha e João*. 4ª ed. São Paulo: Ática.
- MORENO, C. (1999). A virtualização do corpo. In: VILLAÇA, N.; GÓES, F. & KOSOVSKI, E. (Orgs). *Que corpo é esse?* - Rio de Janeiro: Mauad.

- NOVAES, M. H. (1999). *Compromisso ou alienação frente ao próximo século*. Rio de Janeiro: NAU.
- OLIVEIRA, M. do C. (1998). Cultura e Poder: Mídia, Liberdade e Persuasão. In: ROCHA, E. (Org). *Cultura & Imaginário: interpretação de filmes e pesquisa de idéias*. – Rio de Janeiro: Mauad.
- PAPALIA, D. E. (2000). *Desenvolvimento Humano*. 7ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- ROSSETI-FERREIRA, M. C.; MELLO, A.; VITORIA, T.; GOSUEN, A. & CHAGURI, A. (Orgs). (1998). *Os fazeres na Educação Infantil*. São Paulo: Cortez.
- STEINBERG, S. R. & KINCHELOE, J. L. (Orgs). (2001). *Cultura Infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- VASCONCELLOS, V. M. R. de & VALSINER, J. (1995). *Perspectiva co-constructivista na Psicologia e na Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- VICENTINO, C. (1998). *História: memória viva – Brasil: período imperial e republicano*. São Paulo: Scipione.
- VILLAÇA, N. (1999). Robinson Crusoé, Babel, Frankenstein e outros mitos: corpo e tecnologia. In: VILLAÇA, N.; GÓES, F. & KOSOVSKI, E. (Orgs). *Que corpo é esse?* - Rio de Janeiro: Mauad.
- VEIGA-NETO, A. (2001). Espaços, tempos e disciplinas: as crianças ainda devem ir à escola? In: CANDAU, V. M. (Org). *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e no aprender*. Encontro Nacional de Didática e Prática da ensino (ENDIPE) – 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- VYGOTSKY, L. (1989a). *Pensamento e Linguagem*, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1989b). *A formação social da mente*, 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- WAJSKOP, G. (1999). *Brincar na pré-escola*, 3ª edição. São Paulo: Cortez.
- WINNICOTT, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA.
- ZIRALDO. (1980). *O Menino Maluquinho*. São Paulo: Melhoramentos.

➤ **Bibliografia Complementar**

ARAÚJO, L. M. P. D. (1998). *Brincadeiras Infantis*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves.

BASTOS, L. R., PAIXÃO, L., FERNANDES, L. M. & DELUIZ, N. (1995). *Manual para a Elaboração de Projetos e Relatórios de Pesquisa, Teses, Dissertações e Monografias*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

FREITAS, M. T. de A. (Org.) (1998). *Vygotsky um Século Depois*. Juiz de Fora: EDUFJF.

GOMES, A. C. (Org.) (1999). *Histórias de família: entre a Itália e o Brasil - depoimentos*. Niterói, RJ: Muiraquitã.

MOURA, M. L. S. de (1998). *Manual de Elaboração de Projetos de Pesquisa*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

PRIORE, M. del (Org.) (1999). *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto.

SANTOS, F. M. S. (2001). *A Creche como Contexto de Desenvolvimento: Representações e Interações durante o Período de Inserção de Mães e Bebês na Instituição*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Setembro de 2001.

➤ **Jornais e Revistas complementares**

Revista Estudos Avançados (1999). *Dossiê Memória*. Universidade de São Paulo (USP). Instituto de Estudos Avançados. Vol. 13, nº 37. São Paulo: IEA.

Jornal do Brasil – Caderno B – *Marraio*. Artigo de Fritz Utzeri. Domingo, 04 de março de 2001.

Jornal do Brasil – Caderno B – *Fim da inocência*. Artigo de Alexandre Werneck. Domingo, 02 de setembro de 2001.

Jornal O Globo – Jornal da Família – *Retratos da infância*. Artigo de Antônio Marinho e Márcia Cezimbra. Domingo, 07 de outubro de 2001.

## **ANEXOS**



## Anexo 1:

*Termo de Consentimento*

Eu, \_\_\_\_\_, concordo em participar voluntariamente da pesquisa intitulada *Percursos e transformações da infância e do brincar: uma incursão pelo século XX* realizada por Ana Soares Jorge. Assumo ter recebido as informações necessárias referentes à mesma, sejam elas quanto aos objetivos, aos procedimentos e ao uso que será feito das informações coletadas. Por meio deste termo, autorizo à pesquisadora a utilizar o material da entrevista em encontros científicos, debates entre grupos de pesquisa, publicações científicas ou ainda para fins didáticos, sabendo que os participantes da pesquisa poderão ser identificados pelo nome ou por outros dados de referência.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora: \_\_\_\_\_

♣ ♣ ♣ ♣ ♣ ♣ ♣ ♣ ♣

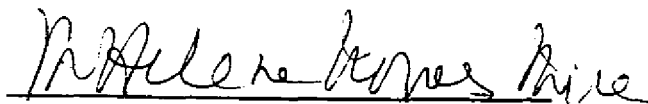
**Anexo 2:***Identificação do participante*

- ❖ Nome completo: \_\_\_\_\_
- ❖ Local e data de nascimento: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_
- ❖ Nome do(a) cônjuge: \_\_\_\_\_
- ❖ Nome dos pais: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- ❖ Teve irmão (s)? Nome (s): \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- ❖ Endereço atual: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- ❖ Telefone e/ou e-mail para contato (opcional): \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- ❖ Filho (s): \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- ❖ Profissão: \_\_\_\_\_
  
- ❖ Data da entrevista: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

**Anexo 3:****Entrevista Semi-estruturada**

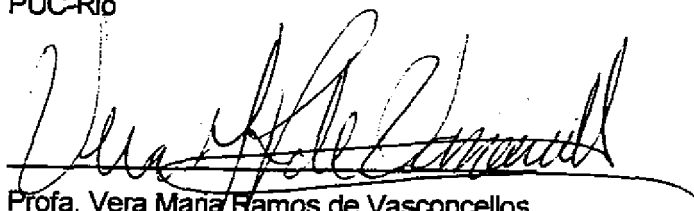
1. Descreva um pouco para mim como era o lugar em que você passou a maior parte de sua infância.
2. Como era ser criança no seu tempo?
3. Você acredita que existem mudanças em relação à 'ser criança' hoje em dia? Quais?
4. Você estudou? Onde?
5. Fale-me um pouco da escola em que você estudou.
6. Brincava-se na escola? Em que/quais momento(s)? De quê?
7. O quê você fazia quando não estava na escola?
8. Descreva-me alguns dos jogos, brinquedos e brincadeiras do seu tempo.
9. Eles existem até hoje?
10. Quais eram os seus preferidos?
11. Com quem você costumava brincar?
12. Quanto tempo do seu dia você costumava ficar com seus pais? E com seus irmãos?
13. Brinca-se mais hoje em dia ou quando você era criança? O que mudou?
14. Como se chamam seus filhos e qual a idade deles?
15. Descreva-me um pouco como era o lugar em que seus filhos foram criados?
16. Onde estudam/estudaram? Porque você e seu marido escolheram esta escola?
17. O que eles fazem/faziam quando não estão/estavam na escola?
18. Você brinca/brincou com seus filhos? Por que?
19. Como era esse momento do brincar? Quando ele acontecia?
20. Quanto tempo do seu dia seus filhos ficam/ficavam com você? Por que?
21. Existe algo que você vivenciou/aprendeu com seus pais e que achou importante passar aos seus filhos? O quê?
22. Existe algo que você não quis repetir com seus filhos quando se tornou pai/mãe? O quê?
23. Quais os personagens de sua história pessoal você acredita que tiveram um papel importante na sua educação/formação? Por que?
24. Quais os personagens da história pessoal de seus filhos você acredita que têm/tiveram um papel importante em seu desenvolvimento e educação? Por que?

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna, Ana Soares Jorge intitulada "**Percursos e transformações da infância e do brincar: Uma incursão pelo século XX**", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



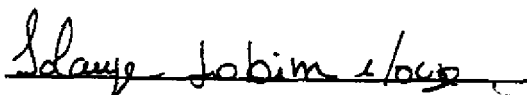
Profa. Maria Helena Novaes Mira (Orientadora)

PUC-Rio



Profa. Vera Maria Ramos de Vasconcelos

UFF

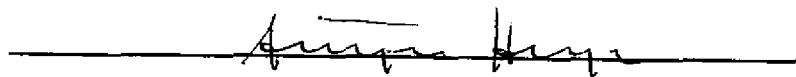


Profa. Solange Jobim e Souza

PUC-Rio

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, ...20...10...2002.



Prof. Jurgen Heye

Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de  
Teologia e Ciências Humanas